CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ASPECTOS DA BRANQUIDADE E OS ATRAVESSAMENTOS DA AMABILIDADE ARTIFICIOSA NA MÍDIA TELEVISIVA: O CASO DO RJ-MÓVEL

Priscilla Teodósio Rosa

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Talita de Oliveira

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

ASPECTOS DA BRANQUIDADE E OS ATRAVESSAMENTOS DA AMABILIDADE ARTIFICIOSA NA MÍDIA TELEVISIVA: O CASO DO RJ-MÓVEL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa/Curso de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Relações Étnico-Raciais.

Priscilla Teodósio Rosa

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professora Dra. Talita de Oliveira (CEFET/RJ) (orientadora)

_____

Professor Dr. Roberto Carlos da Silva Borges (CEFET/RJ)

_____

Professora Dra Janaína Pereira de Oliveira (IFRJ)

SUPLENTES

_____

Professor/a Dr./Dra..... (Sigla da Instituição em caixa alta)

_____

Professor/a Dr./Dra..... (Sigla da Instituição em caixa alta)

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

R788 Rosa, Priscilla Teodósio
Aspectos da branquidade e os atravessamentos da amabilidade artificiosa na mídia televisiva : o caso do RJ-Móvel / Priscilla Teodósio Rosa.—2018.
162f. + anexo : il.color. ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2018.
Bibliografia : f. 158-162
Orientadora : Talita de Oliveira

1. Discriminação racial. 2. Brancos. 3. Racismo na televisão. 4. Relações raciais. 5. Mídia (Publicidade). 6. Telejornalismo. I. Oliveira, Talita de (Orient.). II. Título.

CDD 305.800981

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Vovó Lia, que amava minhas tranças como ninguém e foi compor sua ancestralidade há, exatamente, um ano completados no dia desta defesa.

“Mas as coisas não são assim, não é vovó? São coisas que a gente não escolhe nunca.

As coisa do coração, não é, vovó, elas são como são ou a gente muda?”

“Saudade engole a gente, Menina...”

RESUMO

Aspectos da branquidade e os atravessamentos da amabilidade artificiosa na mídia televisiva: o caso do RJ-MÓVEL

Esta dissertação problematiza a hipervalorização da branquidade e suas implicações na vida em sociedade, principalmente no que toca à condição de subalternização do povo negro. Faremos uma análise das questões raciais, na contramão dos estudos que tendem a manter seu foco na investigação do racismo através de uma perspectiva que tenha como ponto de conflito a negritude. Nosso corpus será um veículo da mídia televisiva, o quadro RJ-MÓVEL, transmitido pelo diário tele jornalístico local RJ-TV, da Rede Globo de Televisão. O quadro aborda situações em que uma jornalista, juntamente com sua equipe, tenta mediar e solucionar problemas relativos à falta de infraestrutura em bairros periféricos da cidade do Rio de Janeiro, bem como na região do chamado Leste Metropolitano e na Baixada Fluminense – Grande Rio. Analisaremos a construção do roteiro do quadro e sua inserção em meio à população negra e pobre, maioria das(os) residentes nestes locais e sobre as quais o programa se debruça, destinando suas investidas de caráter assistencialista. Como complemento de análise deste objeto, onde se observam outros modos de operar práticas de racismo e estabelecer lógicas de condutas civilizatórias, faremos uma leitura crítica também a respeito da postura da apresentadora, seus movimentos e dinâmicas de interação com a população local. Para tanto, traçaremos um diálogo com as categorias de Fanon ([1952] 2008), mobilizadas na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* – a saber: amabilidade artificiosa, primitivização do pessoa negra e a caricata espetacularização da negritude e da pobreza. Assim, nos interessa refletir estratégias que repensem o enaltecimento da branquidade, rompendo com o discurso midiático hegemônico que performa assistencialismo, produz e reproduz - entre outros modos de estereotipação - práticas racistas.

Palavras-chave: Racismo; Mídia; Branquidade; Amabilidade Artificiosa; RJ-MÓVEL.

ABSTRACT

Aspects of whiteness and the crossing of artificial kindness in the television media: the case of RJ-MOBILE

This dissertation problematizes the hypervaluation of whiteness and its implications in the life in society, mainly as far as the condition of subalternization of the black people is concerned. We will undertake an analysis of racial issues, as opposed to studies that tend to focus on the investigation of racism through a perspective that has as its point of conflict blackness. Our corpus will be a vehicle of the television media, the RJ-MOBILE board, transmitted by the local television journal RJ-TV, Rede Globo de Televisão. In the table, she discusses situations in which a journalist, together with her team, attempts to mediate and solve problems related to the lack of infrastructure in the outlying districts of the city of Rio de Janeiro, as well as in the region known as the Metropolitan East and the Rio Grande Flixense. We will analyze the construction of the framework script and its insertion among the poor and black population, the majority of the residents in these places and on which the program is focused, assigning their assistance efforts. As a complement to the analysis of this object, where other ways of performing practices of racism and establishing the logic of civilizational behavior are observed, we will also make a critical reading about the attitude of the presenter, her movements and interaction dynamics with the local population. For that, we will draw up a dialogue with the categories of Fanon ([1952] 2008), mobilized in the work Black Skin, White Masks - namely: artificial kindness, primitivization of the black person and the caricature spectacle of blackness and poverty. Thus, we are interested in reflecting strategies that rethink the enhancement of whiteness, breaking with the hegemonic media discourse that acts as assistance, produces and reproduces - among other modes of stereotyping - racist practices.

Keywords: Racism; Media; Whiteness; Artificial Goodness; RJ-MOBILE.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Layout do “Quem Somos” - Memória Globo
Figura 2 – Página do Memória Globo que conta a história do RJTV
Figura 3 – Página do RJ MÓVEL no site Memória Globo
Figura 4 – Mapa Sinalizando Cidade do Rio de Janeiro e Grande Rio (Leste Metropolitano e Baixada Fluminense)
Figura 5 – Repórter abraçando moradora
Figura 6 – Repórter estendendo a mão para morador
Figura 7 – Repórter sobe o barranco de mãos dadas com morador
Figura 8 – Repórter montada em bicicleta, sendo amparada por moradores, para atravessar a lama
Figura 9 – Repórter abraçando morador
Figura 10 – Repórter beijando moradora
Figura 11 – Repórter beijando e abraçando moradora
Figura 12 – Repórter pegando pastel na casa da moradora
Figura 13 – Repórter sentada no meio-fio com moradores
Figura 14 – Repórter sentada no meio-fio, apertando a mão da moradora
Figura 15 – Repórter sentada no meio-fio, abraçando moradora
Figura 16 – Repórter agachada, falando com moradora
Figura 17 – Repórter abraçando moradora
Figura 18 – Repórter sentando no bloco de concreto
Figura 19 – Repórter cantando, balançando as pernas, enquanto seu sapato sai dos pés
Figura 20 – Repórter encostada na moradora
Figura 21 – Repórter falando com a cachorra
Figura 22 – Repórter segurando bastão de madeira e apontando para palavras escritas no portão
Figura 23 – Repórter fazendo circulando palavras escritas no portão

Figura 24 – Repórter sentando em cima de balões para estourá-los no meio da rua
Figura 25 – Repórter pulando amarelinha e sendo seguida pelos moradores que fazem o mesmo
Figura 26 – Repórter em pé em cima de cadeira plástica para falar com moradores
Figura 27 – Repórter e moradores com pregadores no nariz
Figura 28 – Câmera dando close no lamaçal da rua
Figura 29 – Repórter vibrando enquanto homem negro passa de bicicleta pela lama
Figura 30 – Repórter com sacolas plásticas nos pés atravessando lama de mãos dadas com moradoras
Figura 31 – Repórter atravessando valão
Figura 32 – Repórter deitada numa rede improvisada no meio da obra interrompida e sendo balançada por moradores
Figura 33 – Morador cutucando repórter, que lhe dá as costas para marcar calendário
Figura 34 - Repórter se maquiando ao lado de morador vestido de palhaço
Figura 35 - Repórter comemorando o aniversário do buraco
Figura 36 – Repórter bate palma para bolo com logo marca do RJ MÓVEL feito pelas moradoras
Figura 37 – “y’ a bon banania” – cartaz/pôster publicitário francês de 1915 – Fonte: Google imagens.

SUMÁRIO

Introdução **11**

1 Branquidade e Relações Raciais – Tensões e Desdobramentos **20**

1.1 Um breve apanhado dos estudos da branquidade no contexto internacional: W.E.B. Du Bois, Steve Biko e Franz Fanon 21

1.1.1 Branquidade, raça e racismo no Brasil 24

1.2 Fanon e o antirracismo: pensamento político e social em Pele Negra, Máscaras Brancas 34

1.3 Um olhar: algumas observações sobre *Pele Negra, Máscaras Brancas* 36

2 Cultura Midiática, Representação, Televisão e Telejornalismo **44**

2.1 Pensando a Indústria Cultural 44

2.2 O Circuito Comunicacional: Codificação/Decodificação 47

2.3 Representação: alinhavando processos que constituem a cultura via linguagem e sentido 51

2.4 Mídia: outros lugares 55

2.5 Televisão 61

2.6 Telejornalismo no Brasil 65

2.6.1 Princípio Editorial: Atributo de isenção ou contradição? 69

2.6.2 Memória Globo 73

2.7 *RJTV* 1ª Edição 75

2.7.1 Histórico do *RJTV* 1ª Edição 77

2.7.2 O Enfoque Comunitário do RJTV 1ª Edição 78

2.8 RJ-MÓVEL: o quadro 80

2.8.1 A repórter do quadro 83

3 As Análises **85**

3.1 Antes de mergulhar nas categorias, algumas considerações 87

3.2 As categorias em ação: as falas, os gestos, os modos 88

3.3 As falas, os gestos e as imagens da amabilidade artificiosa 89

3.3.1 Amabilidade artificiosa: descrições das falas e ações 100
3.3.2 Amabilidade artificiosa: o que as máscaras escondem? 104
3.4 As falas e os gestos: a Primitivização da pessoa negra 111
3.4.1 Primitivização da pessoa negra: descrição das falas e ações 122
3.4.2 Primitivização da pessoa negra: paternalismos sob as máscaras 126
3.5 As falas e os gestos: a espetacularização da negritude e da pobreza 134
3.5.1 Espetacularização da negritude e da pobreza: descrição das falas e ações 144
3.5.2 Espetacularização Y' A Bon? - Y' A Bon Banania! 148
Considerações Finais **153**
Referências **158**
Anexo A **163**

Introdução

É com aspectos de uma necessidade contínua de urgências que o debate crítico a respeito da branquidade precisa atingir reflexões que estabeleçam conexões, diretas e contundentes, com os processos que se desenvolvem a partir da concepção de uma supremacia branca, fixada na perspectiva de uma narrativa social e historicamente fabricada para fins específicos de exclusão, e que se enxerga como ideal pleno de representação daquilo que acredita corresponder à noção de humanidade.

As relações de submissão e sujeição, conseguidas através da imposição de violência, abuso, perseguição, tirania e arbitrariedades, são alicerce - porque sustentam - e também eixo, por atuar sobre os corpos e as vidas daqueles a quem dominam, como uma reta imaginária, atravessando-os de forma a proscrever-lhes um movimento de rotação ditado pelos modos de opressão sobre os quais a branquidade mantém poderio.

Os meios de comunicação midiáticos que, de forma geral, figuram como instituições dominantes e hegemônicas desempenham o papel de vitrines conceituais tanto de modelos fenotípicos, que designam padrões dos modos de ser o humano, quanto de caminhos tradicionais ideológicos a que se deve seguir como formas epistemológicas de pensar e entender as informações e dinâmicas que se dão na vida política, econômica e social de uma população.

Recentemente, alguns dos mais importantes veículos de comunicação internacional, a revista The Economist e o jornal The New York Times (NYT), publicaram resenhas críticas sobre a TV Globo. Sob o título de "Globo Domination" – em tradução livre, "Dominação da Globo" –, a revista inglesa afirma que a emissora dos Marinhos[1] tem diariamente 91 milhões de espectadores cativos, portanto pouco menos da metade da população brasileira.

O número justifica o título da matéria. Fenômenos de audiência comparável só são encontrados uma vez por ano, segundo o semanário do Reino Unido, durante a transmissão da final do campeonato de futebol americano, o Super Bowl. No Brasil, sua

[1] Filhos de Roberto Marinho - jornalista e empresário brasileiro, proprietário do Grupo Globo, entre os anos de 1925 a 2003. Os irmãos João Roberto, José Roberto Marinho, Roberto Irineu, filhos de Roberto Marinho, herdeiros do Grupo e donos de uns dos maiores conglomerados empresariais do país, a TV Globo. Disponível em: <http://www.robertomarinho.com.br/vida/familia.htm>.

concorrente que alcança feitos mais próximos é a TV Record, com módicos, na comparação, 13% da audiência dos brasileiros.

Concentrando um pouco mais no conteúdo oferecido pela TV Globo - e aqui, neste trabalho de pesquisa, mais especificamente a emissora de TV - aos espectadores, o americano NYT traz como título "Escaping Reality With Brazil's Globo TV", algo como "Fugindo da Realidade com a TV Globo do Brasil". O jornal nova-iorquino, reportando-se à matéria da revista The Economist, questiona quais os impactos da presença intensa da maior rede de TV nacional nos lares brasileiros.

Segundo este diário, "em um país onde a educação deixa a desejar, isso implica em que um conjunto de valores e pontos de vista sociais difundidos pela emissora é amplamente compartilhado."[2]

Os telejornais são componentes na grade de programação da TV Globo que dividem a sala de estar com os brasileiros. Funcionando quase como a cesta básica de informação dos telespectadores, a emissora carioca apresenta oito programas jornalísticos[3]. Dentre estes, não resta dúvida de que o jornalismo local, por sua característica, é o que majoritariamente noticia realidades mais próximas da audiência.

Nesse sentido, a contribuição orientada por esta discussão a respeito da branquidade, sua *rostidade*[4], aspectos, caminhos e ações no presente trabalho de pesquisa pretende trazer à compreensão, em específico, as bases que lhe dão sustentação - à branquidade - junto ao campo do jornalismo que dialoga com características relacionadas às perspectivas comunitária e/ou colaborativa. O corpus da pesquisa será o quadro RJ-MÓVEL, exibido no telejornal RJTV- 1ª edição.

O quadro é exibido diariamente, dentro do telejornal local RJTV 1ª edição, que é transmitido a partir do meio-dia, e tem como mote os problemas relacionados à infraestrutura, enfrentados pela população que vive em locais onde o quadro visita:

---

[2] Reportagem: "Escaping Reality With Brazil's Globo TV". Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/11/11/opinion/international/escaping-reality-with-brazils-globo-tv.html?_r=0>.

[3] "Hora um; "Bom dia local"; "Bom Dia Brasil"; "Praça TV – 1ª Edição" (exibe os jornais locais); "Jornal Hoje"; "Praça TV – 2ª Edição (exibe jornais locais); "Jornal Nacional"; "Jornal da Globo". Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/programacao.html#20170407529717>.

[4] Referência ao conceito deleuziano de *rostidade*: a face, o rosto como território de se talhar, inscrever, esculpir aspectos de forças sociais, econômicas e subjetivas, etéreos, inclusive. O rosto na função de produzir o social, sem deixar de representar também neste mesmo espaço de território aquilo que identifica ou que é identificável. Disponível em: Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, Volume 3: 7. Ano Zero – Rostidade.

regiões periféricas da capital do Rio de Janeiro, bem como municípios da região do Leste Metropolitano e da Baixada Fluminense.

Pensando nestas questões ligadas ao corpus, bem como a problematização da branquidade junto ao tecido que compõe e integra as relações raciais, tentaremos responder em que aspectos a forma naturalizada, tantas vezes turva, com que é permitido o trânsito e articulação destas ações-branquidade – fazendo parte daquilo mesmo que constitui a matéria que compõe a sociedade, seus modos de viver e pertencer aos vários espaços em que se organiza - trata de estruturar um tipo de plataforma de jurisdição dominantemente branca que, ao mesmo tempo disciplinadora, obrigatoriamente conforma o "outro" a um lugar de subserviência.

Aqui, faremos então uma ponte que liga e relaciona os participantes do RJ-MÓVEL - em sua grande maioria constituída por uma população de negras e negros, moradores das periferias - aos procedimentos e operacionalidades do quadro nestes mesmos locais em que destinam suas transmissões-ações.

De acordo com o pensamento da estudiosa Ruth Frankenberg, "a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo" (1999b, pp. 70-101), o cenário construído para o comando de seu controle.

Apostamos na observação e análise concebidas, estudadas e estabelecidas por Fanon (1952[2008]) de padrões que se repetem na relação marcada entre brancos, satisfeitos e seguros da legitimidade de sua branquidade, e pessoas negras, a quem consideram inferiores em suas capacidades psíquicas, cognitivas - reflexos de uma genética menos humana.

Assim, olhando para o quadro RJ-MÓVEL, sua dinâmica, construção de roteiro e comportamento da repórter Susana Naspolini - mulher branca e de classe média que é quem comanda o quadro – bem como sua interação com os moradores dos bairros visitados pelo quadro, traçaremos uma relação de analogia para fins raciais e de racialização do branco, a partir das categorizações assinaladas por Fanon, como, por exemplo:

a) Os aspectos da *amabilidade artificiosa*, ou seja, a forma exagerada e inventada de tratar com gentilezas pessoas com as quais não se tem qualquer vínculo anterior;

b) A *primitivização da pessoa negra*, traço que, não por acaso, dialoga com a pretensa expectativa de sua inferioridade por natureza adquirida;

c) A *espetacularização da negritude e da pobreza*, considerando a ridicularização empenhada para dizer e tratar dos problemas de infra-estrutura vivenciados pelas populações moradoras dos municípios e bairros visitados, bem como exploração de uma imagem estática e essencializada da negra e do negro.

Juntamente com as categorizações extraídas de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, a pesquisa pretenderá possibilitar comunicações e reflexões com outras teorizações sobre identidade branca, sua não-marcação, manutenção de privilégios, poder, suas subjetividades, a dificuldade e até negação de racialização do ser branco sobre si mesmo, bem como as distorções do sentido de valoração da negritude como forma de empoderamento e validação de suas epistemologias.

Para este momento, nosso aporte se estenderá, de maneira tão importante quanto as contribuições trazidas por Fanon, às fundamentações de autoras(es) como, por exemplo, Maria Aparecida Bento (1999, 2002), Muniz Sodré (2002, 2006, 2008), Stuart Hall (2066, 2016),Vron Ware (2004), Ruth Frankenberg (1997), Liv Sovik (2009) , Lia Shucman (2012), Guerreiro Ramos (1957), entre outras (os).

As perguntas que instigam a realização deste trabalho apresentam-se na tentativa de buscar respostas ou caminhos para, senão a solução, o trânsito das seguintes sentenças:

1. Em que medida a branquidade alimenta o racismo e orienta os percursos do assistencialismo no telejornalismo local, transmitido pelo RJ-TV, através da exibição do quadro RJ-MÓVEL, aplicando práticas racistas que, ao circularem, reconfiguram-se como modos de auxílio, assessoramento e, tantas vezes, como objetos de resolução dos problemas e ausências que agem coisificando a vida e a existência da população preta, pobre e periférica do Rio de Janeiro?

2. Como as noções de “amabilidade artificiosa”, “primitivização da pessoa negra” e a espetacularização da negritude e da pobreza nas zonas periféricas caracterizam e atravessam as relações estabelecidas entre a apresentadora do quadro,

Susana Naspolini – uma mulher branca, de classe média e detentora de uma posição de destaque na televisão dentro do circuito telejornalístico local –, e a população negra participante do RJ-MÓVEL?

Este trabalho, modestamente, pretende inserir-se enquanto ferramenta hábil de contribuição para se pensar outras epistemologias para além daquelas cuja identidade branca figura como modelo de plenitude e integralidade, juntando-se a tantas outras pesquisas, perfazendo um longo e extenso caminho em meio ao processo da produção de apanhados teóricos fundamentais, trazendo, na resistência de leituras e suas reflexões, novos significados para o povo negro e sua história, bem como seu avanço e tomada de poder que lhe é de direito em todas as esferas de organização da sociedade.

A relevância deste projeto, assim como muitos outros, se reflete a partir da necessidade de se trazer para a roda do debate das relações raciais os modos de operacionalização da branquidade, assim como as formas de viver com base nas vantagens de se ser branco e branca no Brasil, inclusive disfarçando-se com máscaras e capas fantasiosas do paternalismo, racista, midiático e assistencialista que dá vazão às práticas e discursos racistas no pico do pleno meio-dia, na sua transmissão jornalística, no menu do almoço, engrossando o caldo gorduroso da branquidade.

Metodologia

Partindo da inquietação pelo modo como as relações de interação estão e são estabelecidas no quadro RJ-MÓVEL- mais precisamente a postura e comportamento da repórter Susana Naspolini junto a sua audiência (moradores atendidos pelo programa, bem como seus telespectadores) –, esta pesquisa se empenhará em traçar uma análise que identifique as tensões e desdobramentos, tantas vezes travestidos por uma falsa harmonia entre as partes, que abrem caminho para a implementação da naturalização dos mecanismos de ações e atividades que legitimam o papel civilizatório de uma branquidade que serve como instrumento facilitador e de efetivação da manutenção dos já conhecidos modelos de se ser, de se dominar o saber e articulação com fins de domínio epistêmicos assegurados pela valoração daquilo que pertence aos brancos.

Neste cenário, o jornalismo local, que se diz comunitário, assume a representação do colonizador branco que chega para executar seu manual de como ser plenamente humano diante daqueles que esperam, crentes numa profecia divina celestial, a dignidade ofertada pela benevolência do seu senhor.

Assim, nossa pesquisa tentará, em sua estrutura inicial, trazer à roda do debate, em seu capítulo primeiro, impressões sobre as relações raciais, com enfoque nas percepções da branquidade e as tensões visíveis e as não tão visíveis. Para isso, faremos um breve apanhado sobre os estudos da branquitude – Critical Studies Witheness – desenvolvidos nos Estados Unidos a partir da década de 1990, porém salientando a importância estratégica da luta dos direitos civis na década de 1960, bem como as contribuições de pensadores e teóricos como, por exemplo, W.E.B. Du Bois, possivelmente um dos primeiros estudiosos nessa discussão acerca da identidade branca a ser problematizada.

Neste mesmo ponto do capítulo 1 (um), faremos outro apanhado desse debate no que diz respeito à racialização da pessoa branca no contexto brasileiro, nos ancorando em escritos e produções de teóricas e teóricos deste campo, citados anteriormente, a saber, Maria Cida Bento.

Seu trabalho que desenvolve análises a respeito do “pacto social”, ou seja, um recurso utilizado como estratégia de proteção para manter seguros os privilégios de uma

classe branca em detrimento da submissão de outros grupos “não-brancos”; assim como também a abordagem do conceito de branquitude[5] em que a autora discute os aspectos da identidade racial da pessoa branca brasileira, bem como seus mecanismos de preservação das práticas discriminatórias.

Alberto Guerreiro Ramos, sociólogo e político brasileiro, também pesquisador do campo de estudos de raça, racismo, e, ainda, intelectual das questões referentes ao debate do pós-colonialismo, contribuirá para a identificação e localização disso que chama “patologia social do branco”, expressão que vem apontar o quanto de medo paira sobre o pensamento do homem branco em perder o seu lugar de dominação e de privilégios, fazendo com que reconfigure seu apavoro de forma a criar situações em que o negro e suas questões sejam o grande problema a ser resolvido e tratado na sociedade brasileira.

Após esta sucinta pontuação de referências relacionadas ao estudo da branquidade, facilitadoras no sentido de impulsionar as observações e análises foco deste trabalho, nos deteremos em discorrer a respeito de aspectos e contextos pretendidos pela força da resistência de Franz Fanon ao publicar *Pele Negra, Máscaras Brancas*, mesmo depois de sua recusa como material de tese de seu doutoramento.

Explorando a condição reflexiva perante o antirracismo defendido e pontuado pelo autor martinicano, buscaremos dinamizar as contribuições do pensamento político e social da obra, raciocinando o ganho para os estudos deste campo não só junto ao empoderamento intelectual e de produção da população negra.

Além disso, importa referenciar a valoração de sua negritude como forma de resistir às objetificações e violências impostas às suas mentes e corpos, como também o rendimento que esses escritos espalham e reverberam sobre a necessidade de problematizar a matriz branca como alfa e ômega do mundo como ele está posto.

No capítulo 2 (dois) deste trabalho, traçaremos um panorama que consideramos importante para que se entenda o processo cultural na formação das imagens e representações através da linguagem e passaremos pela discussão sobre Indústria Cultural e a escola de Frankfurt (1947), em seguida pontuaremos as questões colocadas

[5] Apesar de utilizarmos a nomenclatura *branquidade* para o desenvolvimento das reflexões e apontamentos desta pesquisa, todas as vezes que a palavra *branquitude* aparecer nos textos das autoras e autores, referenciais e aportes teóricos, transcreveremos tal qual seus originais.

por Stuart Hall (1987) quando descreve o circuito comunicacional de modo muito mais denso, no texto “Codificação e Decodificação”.

Em seguida, ainda com Hall (2016), pensaremos o conceito de representação no campo dos estudos da cultura, o uso da linguagem para dar sentido as imagens e constituição aos significados sociais e, nesse sentido, pensar, juntamente, os processos da mídia e sua relação de interação e troca com interlocutor, que por sua vez é também parte orgânica nesse movimento comunicacional, ainda que a dimensão da realidade seja um reflexo do real e não exatamente o real, considerando, portanto a grande contribuição das teorias desenvolvidas por Muniz Sodré (22022; 2006; 2008) para o enlace, dessa pesquisa, do debate de raça e racismo e processos da mídia.

Falaremos ainda um pouco sobre a história da televisão, do telejornalismo brasileiro, até entrarmos na descrição do *RJTV* e do RJ-MÓVEL - aspectos e modos de atuação, analisando o desenvolvimento de seu roteiro com base nas apresentações e localidades escolhidas, com que forma interage e age, destoando ou mantendo-se em conformidade com os princípios editoriais, também, subitem deste segundo capítulo.

Finalizando, com o terceiro capítulo, faremos a análise dos dados da pesquisa e, para tanto, nos deteremos sobre um recorte temporal, entre os anos de 2016 e 2017, selecionando gravações do quadro após o retorno da repórter que lidera o quadro, Susana Naspolini, após afastamento devido a licença médica para tratamento de doença reincidente.

Posicionaremos-nos a respeito da escolha do período elencado e suas implicações, no âmbito das relações raciais e da multiplicação de seus componentes, por exemplo, midiáticos sensacionalistas possíveis inibidores de uma reflexão consciente, por usar de apelos sentimentais, mais uma vez incorrendo no aprisionamento e expectativa do sentimento tantas vezes bonachão e carismático, atrelado às características do povo negro, que recebe a repórter de volta para uma nova temporada de exibição do quadro.

Ainda no terceiro capítulo, traremos vídeos, imagens e transcrições das falas do quadro RJ-MÓVEL e os resultados obtidos após as análises e considerações das categorizações, anteriormente citadas, estabelecidas por Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, quando comparadas as dinâmicas, movimentos e aspectos do quadro, objeto que é também nosso corpus.

Serão selecionados e transcritos excertos dos diálogos referentes às falas da apresentadora e sua tentativa de aproximação direta com os participantes/moradores, através de uma linguagem que considera "nativa" dessa população e, portanto, necessária para que haja comunicação; também será descrita a voz limitada a que os participantes/moradores locais têm "direito" no microfone, sempre empunhado por Susana Naspolini, bem como a exposição de seus movimentos corporais isolados e aqueles cujo contato toca deliberadamente os corpos das pessoas. A observação e apresentação dos cenários, da mesma forma, será catalogada como recurso e material de análise.

1- Branquidade e Relações Raciais – Tensões e Desdobramentos

O texto desta sessão tratará, de maneira mais incisiva e contundente, do tema *branquidade*[6], e servirá, antes de tudo, como base fundamental na construção ou reconstrução de um pensamento que, propondo-se a problematizar questões relativas às relações raciais, oriente a análise que aqui será proposta.

Serão questionadas as práticas que sustentam o chamado jornalismo colaborativo no campo das epistemologias que se autodenominam enquanto modelos a serem seguidos, e que, ancoradas no ideal branco e eurocêntrico, são, ainda, crentes na concepção colonial na qual são protagonista-profetas de uma missão civilizatória, via de regra, imprimida aos sujeitos que, de alguma maneira, aproximam-se, em suas origens parentais e de pertenças, à matriz africana.

Vale lembrar, a título de um entendimento mais completo e complexo para os fins desta proposta de análise, que esta população localizada nas periferias, favelas, comunidades e Baixada Fluminense - na qual os estudos deste trabalho irão se deter e sob a qual se põe o julgo civilizatório - é a mesma que sempre aparece nas telas da TV, bem como na vida real, submetida a situações em que a ausência do Estado ainda dialoga com o regime escravagista. Atualizam-se suas novas formas de aplicar aos sujeitos em diáspora - e de tal modo ainda afetados por este fato - suas políticas de abandono, maus tratos e negação de direitos básicos necessários à manutenção de suas vidas.

O corpus sobre o qual se debruçará este trabalho, o quadro RJ-MÓVEL, parte da programação do diário telejornalístico vespertino global da TV carioca, RJ-TV, será, aqui, o alvo da problematização que motiva esta pesquisa.

O quadro, a partir de sua concepção epistemológica branca, eurocentrada e colonizadora, pensa os modos de se fazer jornalismo com base na estrutura empresarial que rege e determina, dentro de seu roteiro, as maneiras de se comportar, falar e agir diante daqueles que ali, longe de serem sujeitos que, de fato, façam valer a proposta e

[6] O termo branquidade foi escolhido em detrimento da palavra *branquitude*, para que se esvaziem, nos aspectos deste trabalho, quaisquer dúvidas em relação ao uso do vocábulo de sufixo –tude (em *branquitude*) que suscite a mínima dúvida em relacioná-lo enquanto posição de equivalência semântica, lexical e ainda simbólica à utilização de *negritude*.

conceito do que é jornalismo colaborativo, não passam de meros objetos de encenação e manutenção do status quo que privilegia e sustenta as formas e possibilidades de ser branco neste país.

Para além da problematização da estrutura empresarial, nos deteremos também na figura da apresentadora do quadro, a repórter Suzana Napolini, sua postura no programa, bem como seus modos de fazer esse jornalismo colaborativo, ao mesmo tempo em que aplica suas ações sobre os que ali, enquanto população, "fazem" parte do quadro RJ-MÓVEL.

1.1 Um breve apanhado dos estudos da branquidade no contexto internacional: W.E.B. Du Bois, Steve Biko e Franz Fanon

Os Estudos Críticos da branquitude (Critical Whiteness Studies) desenvolvidos nos EUA, a partir da década de 1990, tinham por objetivo repensar questões que apontavam para as relações raciais a partir de um viés oposto ao que se vinha fazendo junto a este campo do conhecimento. Embora já houvesse autores e teóricos que trabalhassem nessa perspectiva direcionada ao tema raça, identidade e racismo desde os anos de 1930, a dinâmica destas pesquisas e estudos era a de observar, a partir do lugar da identidade branca e os privilégios que esta traz consigo, os desdobramentos do racismo não mais como uma discussão concernente ao universo reservado às pessoas negras.

Como dito anteriormente, uma das possíveis primeiras datas referentes aos estudos de branquitude/branquidade - doravante apenas branquidade - está ligada ao ano de 1935, em que W.E.B. Du Bois, considerado um dos precursores no campo das teorizações da identidade branca enquanto raça, publicaria *"Black Reconstruction in the United States"*. O livro tratava de uma observação, durante o século XIX, que comparava o trabalhador norte-americano branco e o trabalhador afro-americano, buscando entender porque, em meio ao ambiente das fábricas, onde todos eram operários, havia uma divisão de sindicatos, pois a ideia de classe não era um ponto de unificação entre esses dois grupos e, por sua vez, a noção de raça os separava.

Du Bois, ainda neste estudo, usa o termo "salário público e psicológico" para apontar como o trabalhador branco, ainda que com um salário pequeno, porém igual ao de um homem negro, tinha vantagens e ganhos, pois gozava de trânsito livre nos espaços em que a gente branca de classe mais abastada frequentava. Um homem branco com recursos financeiros equiparáveis aos de um homem negro poderia circular tranquilamente em parques, ocupar lugares nos ônibus, servindo-se do acesso às funções públicas, seus filhos estudavam escolas, o que ao trabalhador negro e à sua família, nas mesmas condições de capital, não lhes era permitido.

Além de Du Bois, outros nomes como Franz Fanon[7] e seus estudos no campo da negritude, branquidade e psicopatologia - esta última relacionada àquelas duas categorias - serão utilizados como aporte e inclinação reflexiva, de modo que atuem para que se entenda o processo em que se estabelece a branquidade e o branco como modelo de humanidade em contrapartida à figura do negro, encerrada e desenhada na perspectiva de um olhar que o traveste e encerra como "o outro", a partir da noção de colonialidade.

Nesta perspectiva, têm-se como própria e naturalizada as formas de conviver, participar e atuar nas relações humanas e sociais, determinadas por práticas de subjugação e exploração, pautadas numa política que impõe autoridade e controle nos territórios invadidos contra a vontade de seus habitantes, tantas quantas forem as vezes, castigados e fustigados por regimes violentos. Estes, por sua vez, trazem em seus manuais de atuação para manutenção da "ordem" aspectos do comum, noções ilusórias muito bem distribuídas entre as populações de tal forma que a originalidade daquela investida de caráter imperialista para fins de domínio pareça tão normal como se nascida e gerada a partir de uma necessidade coletiva.

Assim, cabe retomar a fala de Fanon, no início dos escritos de *Peles negras, Máscaras Brancas*, quando atenta - à luz de uma reflexão que tende a questionar o padrão dos modos eurocêntricos e eurocentrizados -, para a questão de que:

> (...) racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isto significa, por exemplo, que os negros são construídos como negros. (...) para

[7] Autor sobre o qual faremos um estudo mais específico em outro momento aqui neste capítulo, tomando como aporte, para fins de comparação, junto ao objeto desta pesquisa, o RJ-MÓVEL, as categorias que no livro *Pele negra, máscaras brancas* (1952) elege como importantes.

> entender como tais construções ocorrem, o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados. Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. Esta promessa não se cumpre, todavia, quando vivenciada pelos negros. Mesmo quando o idioma é "dominado", resulta a ilegitimidade. (FANON, 2008, p. 15).

Também figura neste cenário o pensador e ativista Steve Biko, que tratava em seus textos - como, por exemplo, a seleção de principais escritos organizados e publicados no ano de 1990: "Escrevo o que Eu Quero", além de seus posicionamentos políticos - o perfil dos brancos que se encontravam, nos idos de 1960 a 1970, na África do Sul, país onde atuou como dirigente da organização Consciência Negra e, ainda, ex-presidente da Organização dos Estudantes da África do Sul (OESA).

Uma das bandeiras empunhadas por Biko era a de que os negros não olhassem para si mesmos como pessoas inferiores em relação aos brancos, e que, no contexto de conflitos e das imposições infligidas pelo regime separatista do Apartheid da África do Sul, homens negros e mulheres negras deveriam lutar para ocupar espaços e cargos de poder no país onde eram nascidos.

> Sou contra a estratificação da sociedade em superior- inferior, branco-negro, que faz do branco um perpétuo professor e do negro um perpétuo aluno (e um mau aluno, além do mais). Sou contra a arrogância intelectual dos brancos que faz com que acreditem que a liderança branca é uma condição cine qua non neste país, e que o branco tem um mandato divino para imporem o seu ritmo ao progresso. Sou contra o fato de que uma minoria de colonizadores imponha todo um sistema de valores ao povo nativo. (BIKO, 1990, p. 23).

O discurso de autoconfiança e crença na capacidade das pessoas negras proclamado por Steve Biko era um bálsamo para a população que vivia inserida num sistema de exclusão, em que o governo chegara a aprovar, a partir de 1955, uma espécie de ensino direcionado a negras e negros que alimentava a crença de que eram inferiores, estabelecendo as bases de uma educação rebaixada para sul-africanos de pele escura de forma que estes fossem conduzidos a um mercado de trabalho não-qualificado.

Biko morreu em decorrência das violentas torturas da polícia sul-africana, enquanto lutava contra o racismo e o regime de apartheid, em 1977. Mas suas ideias

mudaram o olhar que os próprios negros tinham a respeito de suas potências e capacidades enquanto homens e mulheres sujeitos de sua própria história.

1.1.1 Branquidade, raça e racismo no Brasil

Nos dias de hoje, um dos nomes que aparecem como referência às discussões sobre *branquidade* no Brasil é o de Lia Schucman. Atualmente é bolsista FAPESP (Fundação de Amparao À Pesquisa do Estado de São Paulo) na pesquisa de pós-doutoramento "Famílias Inter-raciais, estudo psicossocial das hierarquias raciais em dinâmicas familiares", pela USP. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em movimentos sociais, atuando principalmente nos seguintes temas: racismo, psicologia social, branquitude, movimentos sociais. Recentemente, em 2014, publicou o livro *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo*, tema de seu doutoramento e do qual esta pesquisa fará uso, entre outras fontes, para construir um diálogo, pensando e fazendo interferências junto aos conceitos correlatos ao tema em questão.

Para Schucman (2012), é essencialmente importante que se quebre a lógica estabelecida, em relação aos estudos de raça, onde o olhar está geralmente voltado para negros e índios, quando os brancos sequer são problematizados enquanto raça, já que fazem parte de um universo em que tudo aquilo ou todo aquele que não é branco ou pertencente ao seu universo é que é “o outro”.

Segundo a pesquisadora, é necessário reparar em alguns fatores que quase sempre passam imunes às discussões e, portanto, sem a menor ação de problematização, porém de tal modo relevantes para compreensão, assimilação e reconstrução no que tange aos estudos de raça: os privilégios concedidos às pessoas brancas em face ao racismo, suas práticas e desdobramentos. Assim:

> Outros fatores relacionados a branquitude são os privilégios materiais que os brancos têm em relação aos não brancos. Isso significa que ser branco produz cotidianamente situações de vantagens aos não brancos. Diferentes pesquisas demonstram que há para os brancos mais facilidades no acesso à habilitação, à hipoteca, à educação, à

> oportunidade de emprego e à transferência de riqueza herdada entre gerações.
> (...)
> Apesar de tais pesquisas serem direcionadas às desvantagens dos negros em nossa sociedade, um olhar focado nos brancos demonstra as vantagens que eles adquirem no que diz respeito ao acesso à educação, à saúde, ao emprego, à moradia e as diferentes formas de bem-estar social. (SCHUCMAN, 2012, p.25).

Ainda sobre as incursões do privilégio que rodeia e protege inúmeros aspectos no decorrer da vida de pessoas brancas, se comparadas às pessoas negras, Schucman em seu trabalho aponta as vantagens relacionadas ao que chama de "privilégio simbólico", que estaria ligado a fato de a identidade branca estar sempre associada a uma imagem positivada no universo da vida em sociedade, abrangendo desde questões concernentes às capacidades cognitivas ligadas a intelectualidade, estética, competência nos modos de se portar, bem como sua eficiência em melhorar e evoluir de forma a progredir socialmente. (Schucman, 2012, p.27).

Para além dos ganhos atrelados ao simples fato de se ser branca ou branco, existem e vibram as explosões que diretamente, como se fossem resquícios ou estilhaços destas mesmas vantagens portadas por estas pessoas, provocam a ausência ou enxugamento dos direitos do povo negro desde as mais básicas necessidades relacionadas à moradia, saúde e educação, bem como a chegada dessa mesma população a lugares de destaque na sociedade na qual está inserida.

O reconhecimento das prerrogativas dessas vantagens, atribuídas então aos privilégios materiais ou simbólicos que pessoas brancas portam, a reflexão a respeito das facilidades que lhes são ofertadas em comparação e mesmo em detrimento da exclusão de não-brancos, são alguns dos caminhos possíveis que orientam a tomada de consciência que vai na contramão dos sistemas de opressão e exclusão, tal qual o racismo e suas práticas tantas vezes encerrados como nada além de exagero – ou, ainda, vitimismo - na fala daqueles que mantêm-se na zona confortável à sombra proporcionada pela sua imunidade racial.

Através da experimentação das vivências, sendo branco ou negro, parece ser flagrante o afastamento da pessoa branca no processo de racialização de si mesma, a partir dos benefícios e privilégios herdados-, mas, mais ainda daqueles mantidos - tendo intenção ou não. Essas práticas servem para dar fundamentação às bases sólidas que

incorporam, estabelecem e submetem os não-brancos, à medida que a estrutura sobre a qual está erguida a sociedade é hierarquizada e medida através da régua que dita o que e quem é melhor ou pior, a partir dos valores da própria branquidade e desta restrição reiterada nesta perspectiva do conceito de raça.

Retornando para as análises de Lia Schucman, o branco, enquanto sujeito pertencente aos espaços de afirmação de sua branquitude, vê-se como um normal, ou melhor, "o normal", aquele que representa, de fato, o modelo da normalidade e pode dispor na sociedade de todos os privilégios a que seu "passaporte da cor" permite - de outra forma, mas ainda dentro deste mesmo processo - subjugando e operando, entre aqueles que não fazem parte do grupo de brancos, condições de total subalternidade.

Nesse desenrolar dos papéis sociais, o que se mostra é o encerramento dos sujeitos entre aqueles "do bem" e aqueles "do mal". Essa oposição, normalidade e diferença, trata aquilo que é "natural" como o que se deve "copiar" ou "imitar", e a diferença, por sua vez, como algo não-padrão e fora da expectativa do modelo pré-estabelecido.

Diante do colocado, é possível perceber o quanto de nocivo existe nesse direcionamento de oposição entre bem e mal, bonito e feio, inteligente e incapaz, onde o negro ou o não-branco é sempre preterido e hostilizado de maneira que a discussão ou o estudo de raça ou problematização recaia sempre como uma questão, exclusivamente, sobre a qual os grupos não privilegiados é que devem se preocupar em resolver, pensar, refletir.

O branco não racializado dá-se mais uma vez ao direito de um benefício que sequer é conquistado, mas tão somente permanece cristalizado, enraizado como fato dado na sociedade, posto que, sendo sua epiderme o documento visual tópico que o permite transitar em todo e qualquer espaço da sociedade sem maiores problemas, a pessoa branca não teria por que discutir ou questionar as práticas racistas que ela mesma opera diante do "outro".

Ao se tratar das teorias antirracistas, relegando apenas aos que neste processo encontram-se oprimidos e vítimas dessa opressão, como responsáveis ou únicos interessados a refletir acerca destas questões, emprega-se, de outra forma e repetidamente, a lógica da não racialização daqueles sujeitos que gozam, através de sua tez, dos tão debatidos privilégios de origem simbólica e/ou material.

De acordo com a tese de Doutoramento de Schucman, materialmente as pessoas brancas seriam produtoras de contextos, conjunturas, cenários que operam proveitos e benefícios em relação às pessoas negras. Isso se dá proporcionalmente à medida que, cientes ou não de sua condição de favorecimento, tudo que é relacionado à pessoa negra, suas pertenças, possibilidades epistemológicas, denúncias e problematização a partir de seu lugar de voz e fala, continua a ser tratado, quando tratado, como algo à margem.

Além da dificuldade ou mesmo falta de vontade em problematizar heranças simbólicas e materiais adquiridas no longo atravessamento dos séculos em que a escravização de corpos negros foi a base do acúmulo de capital financeiro, bem como de capital intelectual para brancos, foi e ainda é também, às custas de uma crença no mito científico da biologia que muitas vezes, por mais que se negue, esta é uma perspectiva que alimenta e retroalimenta crenças atribuídas aos negros com base na incapacidade ou limitação cognitiva de suas mentes enquanto produtoras de conhecimento e formas de organização em sociedade.

A professora Liv Sovik, do departamento de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em seu livro *Aqui ninguém é branco*, vai dizer que, no contexto do racismo brasileiro, em discussões no campo das relações raciais, afirma-se que a diferenciação racial não pode ter suas bases ancoradas em perspectivas biológicas ou biologizantes. (SOVIK, 2009). No entanto:

> (...) a existência desse fundamento, mesmo fantasioso, está tão presente na sociedade que sua falta de embasamento científico acaba sendo irrelevante. Na busca de analisar novas hierarquias raciais, o que vale não é a verdade biológica, mas quanto uma afirmação possa atrair a adesão de seu público. Consideramos que a falsidade da inferioridade de negros e de indígenas é ponto pacífico, em termos científicos; consideramos também que a presunção de sua verdade continua operando no dia a dia. De igual maneira, o fato biológico de que um mesmo casal pode ter filhos identificados como brancos e como negros não invisibiliza o racismo na sociedade: esta situação precisa ser reexaminada em busca de seu potencial crítico. (SOVIK, 2009, p. 17).

Considerar a raça um construto social que dialoga também com modos de identidade – a relação entre o “eu e o outro” atravessada pela estrutura que compõe uma sociedade –, fundamentando-se numa perspectiva incorreta do campo das ciências

biológicas, não impede de outro modo que, socialmente, este conceito não-científico seja perdurável em edificar, manter e reproduzir privilégios. Assim, como aponta a professora Liv Sovik, ainda que a existência de raças humanas não encontre um só abrigo ou respaldo no painel das teorias da biologia, elas permanecem muito vivas nas práticas e plenas no mundo e na vida em sociedade, agindo como meio de categorizar e identificar as dinâmicas de ações das pessoas.

Esse é também um aspecto importante a medida que nos faz pensar o quanto o poder de circulação de determinadas afirmações, que passam a ser quase crenças ou dogmas a serem seguidos, podem refletir na constituição de estruturas ideológicas do pensamento, apoiadas na disseminação tantas vezes pelos meios de comunicação, que figuram como mediadores culturalmente entendidos como fontes confiáveis, e mais, irrefutáveis quando o assunto é o conteúdo de suas pautas e informação.

Ainda a respeito das teorizações de privilégios naturalmente ofertados às pessoas brancas, que diretamente acarreta perdas de direitos a negras e negros destituídos de acessos e oportunidades, porém mostrando junto a isso uma crítica em relação à atribuição da questão da classe social, a também psicóloga social e teórica dos estudos de raça e racismo Maria Aparecida Bento nos alerta sobre a importância de não cairmos na perigosa afirmação excessivamente urgente em direcionar o debate para a velha armadilha do argumento “classe social”, que tem por objetivo encerrar, nesta mesma premissa, as questões de raça, silenciando a hierarquia entre estes dois temas, raça e classe, como meio de silenciar o impossível - o racismo ensurdecedor a que a população diariamente está exposta. Dessa forma:

> Evitar focalizar o branco, é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social é uma saída de emergência permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem que entre os explorados, entre os pobres, os negros encontram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, educação e no trabalho. A pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considera-la. Assim o jargão repetitivo é que o problema se limita à classe social. Com certeza esse dado é importante, mas não é só isso. (BENTO, 2002, p.3).

Como afirmou Bento (2002), certamente a questão relacionada a classe social é um debate que tem sua importância e implicações no próprio racismo, mas as organizações políticas e outros setores, bem como movimentos da sociedade, precisam olhar para o fenômeno da identidade racial como fator de exclusão primeira, levando em conta que uma pessoa negra sempre será lembrada pela sua raça, enquanto o branco será referenciado tão somente como indivíduo.

Nesse sentido, podemos recorrer a Fanon (1952[2008]), em *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Quando usando o exemplo do povo judeu que tem fenotipia branca, afirma:

> Ainda assim o judeu pode ser ignorado na sua judeitude. Ele não está integralmente naquilo que é. As pessoas avaliam, esperam. Em última instância, são os atos e os comportamentos que decidem. É um branco e, sem levar em consideração alguns traços discutíveis, chega a passar despercebido. (...), Mas tudo está bem feito, só precisamos não ser pretos. Claro, os judeus são maltratados, melhor dizendo, perseguidos, exterminados, metidos no forno, mas essas são apenas pequenas histórias em família. O judeu só não é amado a partir do momento em que é detectado. Mas comigo tudo toma um aspecto *novo*. Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da "ideia" que os outros fazem de mim, mas da minha aparição. (FANON, 2008, p.108).

De outra forma, é preciso que se diga que, hegemonicamente, o que representa e figura como branquitude perante as vantagens e relações de privilégios diante das pessoas negras e de uma sociedade forjada nas práticas racistas não é impreterivelmente o passe de garantia, aos indivíduos brancos como um todo, de uma vida repleta de regalias, levando em conta os inúmeros fatores que também atuam nesse espectro da vida social. Um exemplo disso seria a situação econômica precária em que parte das pessoas brancas também se encontram, somado a isso a dificuldade de oportunidade e acesso que também experimentam, impossibilitando assim que cheguem a determinadas esferas da vida social.

No entanto, não é possível não relacionar aquele que aplica opressão aos dramas vividos e enfrentados por aqueles que se encontram subjugados e submetidos a uma ordem baseada no poder garantido aos que retêm em sua pele a legitimidade para dominar "o outro".

Em relação a essa perspectiva da ação que orienta o pensamento unilateral de indivíduos na sociedade, dentre eles pesquisadores das relações raciais ou não, Guerreiro Ramos, sociólogo e político brasileiro, estudioso negro das discussões acerca do tema raça, faz um alerta quanto à necessidade de apontar, com base científica, o branco e a sua branquidade.

Para o sociólogo, no Brasil é dito, sobre as questões de raça, que este é um "problema do negro", e por isso estaria justificada a não problematização das maneiras do ser branco e a estabilidade dele como sujeito sobre o qual não pesam as análises a respeito da sua humanidade enquanto raça.

Ramos entende que o deslocamento provocado pela análise da ideologia do branqueamento para os brancos só demonstra o quanto as teorizações relacionadas às questões de raça, no Brasil, não passam de uma espécie de "Sociologia do Negro" (Ramos, 1995), em que a raça do branco sequer é cogitada como possível para as considerações epistemológicas de algumas frentes acadêmicas, o que nos faz pensar, quase que no mesmo instante, em mais um desdobramento das vantagens que operam a aquisição da branquidade ou, ainda, o que vai chamar de "Patologia social do branco".

Parece que a existência dessa patologia social no Brasil estaria ligada à construção do negro, do ser negro com a urgência em deixar estabelecidos os modos de se ser negro, a partir da hipervalorizarão - tantas vezes implícitas - do branco, em contrapartida à deterioração de tudo que remete à matriz africana e, portanto, negra. Além disso, os percursos e trajetórias da população negra, editadas, contadas e forjadas por teóricos 'brancos' brasileiros, teriam o papel quase esquizofrênico de garantir uma não perturbação da saúde social de dados e conceitos previamente estabelecidos, de modo que isso não acarretasse danos ou perdas relativos aos benefícios adquiridos e mantidos pela classe dominante, caso houvesse uma tentativa em resgatar raízes históricas, fenotípicas, simbólicas de narrativas e trajetórias vinculadas a matriz africana e, portanto, negra. Assim:

> A minoria dominante de origem europeia recorria não somente à força, à violência, mas a um sistema de pseudojustificações, de estereótipos, ou a processos de domesticação psicológica. A afirmação dogmática da excelência da brancura ou a degradação estética da cor negra era um dos suportes psicológicos da espoliação. Este mesmo fato, porém, passou a ser patológico em situações diversas, como as de hoje, em que o processo de miscigenação e de capilaridade social

> absorveu, a massa das pessoas pigmentadas, larga margem dos que podiam proclamar-se brancos outrora, e em que não há mais, entre nós, coincidência de raça e de classe. (RAMOS, 1957[1955, p. 175]).

A ideia lançada por Ramos (1957[1995]) dialoga com o fato de haver uma superprodução de estudos a respeito dos negros através de epistemologias dos brancos, destacando-se aí trabalhos realizados por autores como, por exemplo, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre, no norte e nordeste brasileiro. Também entra nessa noção de "patologia do 'branco' brasileiro" a continuidade da reprodução dessas práticas de dominação e opressão mesmo com a abolição da escravatura. Assim, há uma espécie de aprisionamento no qual se limita a forma do ser negro, tornando-o, tantas quantas forem as vezes, objeto frente à curiosidade, a exotização, por não estar escalado como aquilo que é padrão, ou mesmo traço pleno de normalidade, de forma que não configura nada que diga respeito àquela população e pertença como humano. Nesses termos, Guerreiro Ramos (1955, p. 215) coloca:

> Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escalpelação perpetrada por literatos e pelos chamados antropólogos e sociólogos. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe tem permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida.
> O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade racional que chama a atenção.
> O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, proteico, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje.
> Mal formuladas as retratações verbais do negro no Brasil, elas já estão caducas ou já se revelam falsas, porque o negro-vida é como o rio de que fala Heráclito, em que não se entra duas vezes.

Lourenço Cardoso, outro estudioso das questões da branquidade, em relação ao conceito cunhado por Ramos, diz:

> Em resumo, a tese central de Guerreiro Ramos é a seguinte: existia na sociedade brasileira uma patologia social do "branco" que consiste na negação de pessoas com qualquer descendência biológica ou cultural negra. Por outras palavras, o brasileiro no geral considerava vergonhosa qualquer associação com sua ancestralidade negra, seja no âmbito cultural ou biológico. Esse autor sustentou que devido ao

> passado considerado “positivo” da história da identidade racial branca – a história de uma aristocracia econômica e intelectual – fez com que ocorresse a tendência que o pardo fosse classificado como branco e o preto como pardo, resultando em um branqueamento e empardecimento da sociedade brasileira por consequência na diminuição da classificação preto. (CARDOSO, 2014, p. 59).

Observando de onde parte e para onde segue, por meio de um fio condutor que orienta o raciocínio nesses assuntos a respeito das teorizações das raças, podemos refletir o quanto as práticas de embranquecimento dão sustentação e servem de base fundamental para a naturalização da branquitude enquanto estrutura massificada, dada mesmo enquanto fato no comportamento social.

Em seu trabalho *Pontuações e proposições ao branco/a e à luta antirracista: ensaio político-reflexivo a partir dos estudos críticos da branquitude*, do ano de 2013, Joyce Souza Lopes, militante do Núcleo de Negras e Negros Estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia / Núcleo Akofenae, fazendo um levantamento das pesquisas e estudos relacionados à temática da racialização do branco, explorando o campo crítico da branquitude, bem como o desenvolvimento de seus conceitos, traz um apontamento que dialoga com uma perspectiva ventilada pela professora Liv Sovik, onde afirma, através das vozes de outros estudiosos das questões de raça, que inúmeras conexões articulam-se a partir da presença de alguns agentes da própria branquitude. Assim:

> A branquitude é (...) menos um conjunto de propostas do que um objeto com “estruturas internas complexas e medonhas” (Ware e Back, 2002: 1), uma “categoria de análise” (Rasmussen et alii., 2001: 1), são “conjuntos de fenômenos locais complexamente arraigados na trama das relações socio-econômicas, socioculturais e psíquicas [...], um processo, não uma ‘coisa’” (Frankenberg, 1997: 1). No Brasil, é uma patologia social, segundo Guerreiro Ramos (1995/1957), uma espécie de “identidade-modelo das elites nacionais” (Sodré, 1999: 32), “uma categoria cognitiva herdada da história da colonização, embora nossa percepção da diferença se encontre no campo do visível” (Munanga, 2001: 21) e, para o autor de um livro-depoimento sobre ser branco, a branquitude foi ensinada a ele como “uma muleta para me firmar como pessoa”. (FRENETTE, 2001, p. 21).

Nesse sentido, podemos dizer da branquidade que ela opera ações de simultaneidade, agindo em várias frentes, cercando e protegendo os construtos ideológicos nos quais se ancora. É de interesse dos que pretendem manter as estruturas

como estão que não haja negociação do espaço sociocultural e político privilegiado que ocupam e nem mesmo de qualquer ação que pretenda trazer para o debate a problematização da identidade branca como raça.

A branquidade, como instrumento político, lança como dispositivo de ataque e defesa um efeito labiríntico frente às propostas que pretendam, mesmo de longe, relativizar qualquer questão em que pese a subalternidade das territorialidades imprimida pelos brancos sobre os não-brancos. É como se assumisse diferentes domínios, fortalecendo e atualizando suas estratégias bélicas para abater e combater aquilo que considera inimigo, que julga como mal: "o outro", o negro, o índio, enfim, o não-branco.

Somado a isso, é importante pensar os espaços e dimensões – sociais, econômicas, culturais, simbólicas e, inclusive, ligadas às questões de gênero –, que acabam por serem suprimidas e castradas em seus modos de ser subjetivas, fazendo com que o discurso da universalidade e da união na diferença descarte a necessidade que demanda pautas específicas à população negra ou não-branca, e mais, a urgência em tratar e ajustar, alinhando os estudos de raça, também, a partir de uma perspectiva problematizadora dos modos de ser branco.

Seguindo o horizonte que aponta para esta mesma condição do pensamento, dado que em um sentido oposto ao projeto de branquitude, a professora Liv Sovik, tantas vezes citada ao longo deste texto, abrindo como que uma espécie de fenda ou furo nessas superestruturas que tentam manter as bases opressoras que regem as políticas e *modus operandi* da branquitude, nos alerta a respeito da dificuldade e necessidade em debater a branquitude, pensando seu formato enraizado às estruturas sociais, quando~~,~~ no livro *Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e media no Brasil* nos diz:

> Todas as definições apontam para a vinculação do conceito ao contexto, para o fato de o conceito ser construído em processos históricos, mais evidentemente do que é comum. Por causa do seu arraigamento em circunstâncias, a branquidade é um problema, uma questão que precisa ser teorizada, mais do que um conceito já pronto para ser modificado e adaptado a novos contextos. (SOVIK, 2004, p. 364).

Diante das várias observações travadas por estudiosos no campo das relações raciais, aqui nesta sessão específica aos modos da branquidade no que se refere à

consolidação das identidades, nos ocorre a urgência e necessidade de, cada vez mais, aprofundar os estudos de raça e racismo de maneira tão contundente até que, entendendo os processos de colonização e sua aventura na construção tanto do "outro" (indígena ou o negro), bem como a representação do eu-colonizador, formado com base num ideal europeu-branco e na hipervalorização de uma identidade branca.

Nos interessa estar munidos de argumentos científicos para combater investidas que se propuserem a localizar os problemas relativos à subalternização, imposta pelos motivos tópicos raciais, que tem em seus argumentos o uso de uma justificativa de submissão territorial e dos corpos não-brancos, tão somente, o fato da existência de um regime capitalista vigente, como se, diante da ausência ou fim dele, o racismo, a exploração, o genocídio e tantas outras violências implicadas a corpos "outros" não pudessem mais existir.

Mais que questionar a colonização, seus modos de operar apropriações e atos de imposição, em que pretende se estabelecer a partir da subserviência daqueles a que considera inferiores, é preciso olhar para ela como a construção, permanência e manutenção de um projeto que se pretende empreendedor, porque busca lucro em cima de vidas, de modos de vida que considera diferentes e, por isso, sem muito ou nenhum valor, partindo do princípio de que aquilo que não segue o modelo não pode ser considerado humano.

1.2 Fanon e o antirracismo: pensamento político e social em Pele Negra, Máscaras Brancas

> Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas. Hoje quero recontá-las. Quero falar sobre a máscara do silenciamento.
> Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/ as

> comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura.
> Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos (as) chamados (as) 'Outros (as) ': Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2010, p. 16).

Neste subponto do capítulo 1, trataremos de fazer algumas observações e breves apontamentos de análise a respeito dos posicionamentos, estudos e críticas nas perspectivas do antirracismo, traçado por Franz Fanon em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, seu modo de refletir o pensamento político e social vigente nos sistemas coloniais de dominação, aplicados às populações tidas como inferiores, dispondo de epistemologias, também na área da psicopatologia, psicanálise, trazendo o quadro de análises clínicas e sócio-diagnósticos, tudo isso no intuito de reconfigurar os caminhos que levam à realização da compreensão do homem negro enquanto sujeito da história do mundo moderno. Assim, Fanon, logo de início, pontua:

> O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo.
> O problema é muito importante. Pretendemos, nada mais nada menos, liberar o homem de cor de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro. (FANON, 1952 [2008, p. 26]).

Havemos de nos lembrar do caráter interdisciplinar da obra e, ainda, do rompimento de suas fronteiras com os muros das exigências acadêmicas, dado que, além de a obra ter sido recusada pelos membros da banca julgadora, este material, como tese de doutoramento de Fanon, *Pele Negras, Máscaras Brancas*, atravessa e inscreve-se em meio a poesia, tendo como referência o poeta, também martinicano, Aimé Césaire, ligado ao movimento negritude (1934).

Apesar de as relações estabelecidas no livro serem referentes ao contexto francófono e nos limites de suas colônias (à época do livro) como, por exemplo, a Martinica e o Senegal, territorialidades citadas em específico no capítulo 2 da obra, os acontecidos são fenômenos sociais estendidos e refletidos por boa parte do mundo colonizado.

As comparações entre diferentes grupos sociais e os resultados delas, isolando-as como se numa equação matemática, suas variáveis – colônia e metrópole; colono e colonizado – demostram resultados parecidos, semelhantes, tantas vezes iguais, e permitem analogias inteligíveis, deixando rastros equivalentes, ainda que as territorialidades comparadas se afastem em condições geográficas.

Assim, será construído o capítulo 2 deste trabalho, onde utilizaremos as categorias, anteriormente citadas na introdução desta dissertação, abordadas em *Peles Negra, Máscaras Brancas*, junto ao corpus deste trabalho, o quadro do RJ-MÓVEL, estabelecendo as devidas comparações, analogias e análises no campo da comunicação midiática que, como uma grande metrópole invasora do território alheio, pretendendo submeter seu domínio, opera práticas de opressão, mantendo sempre o lugar do "outro" sob sua custódia.

1.3 Um olhar: algumas observações sobre *Pele Negra, Máscaras Brancas*

Contemplando e detendo-se com esperanças do possível que é realizável junto à obra de Fanon, em específico *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), esta será utilizada como um "abre-caminhos" e principal instrumento para responder e orientar os processos de análises em par com o objeto escolhido para este trabalho de pesquisa, o quadro RJ-MÓVEL, exibido pelo diário de notícias local, RJ-TV.

É preciso também que se atente para questões teóricas relativas ao trânsito do pensamento social e político, tais como os enfrentamentos a respeito dos *modus operandi* com que a colônia se porta em relação aos territórios invadidos; a necessidade da consciência de uma negritude fortalecida, também, a partir da ótica de suas próprias redes de conhecimento; na tomada de consciência que pretende reverter a lógica de um mundo que se julga pleno em humanidade por estabelecer como padrão de legitimidade o ser branco.

Assim, nas palavras de Fanon:

> Este racismo que se pretende racional, individual, determinado, genotípico e fenotípico, transforma-se em racismo cultural. O objeto

> do racismo já não é o homem particular, mas uma certa forma de existir. No limite, fala-se de mensagem, de estilo cultural. Os "valores ocidentais" reúnem-se singularmente ao já célebre apelo à luta da "cruz contra o crescente"[8]. (FANON, 1980, p. 36).

Da mesma forma, outros campos epistemológicos – a saber a literatura, a filosofia, e, de muitas formas, aquilo que concerne aos estudos culturais –, levando-se em conta o interior de cada cultura, sua pluralidade e seus desdobramentos complexos, estabelecendo as bases de que as dominações nas relações de poder devem ser postas à prova, também serão componentes para o embate no debate desta pesquisa.

É avassaladora a visão e imagem da construção do corpo-interdisciplinaridade que se manifesta nos estudos "fanônicos" - dir-se-ia, quiçá, faraônicos -, em diálogo com os terrenos que propõem a investigar, explorando formas de produzir e, ainda, criando jeitos, maneiras de significar e trabalhar estes mesmos significados nos espaços de disputa e também de poder que corporificam um material quase pantanoso presente nas tensões instauradas entre a sociedade e as relações raciais.

O contato com Fanon e com o mistério habitável de linhas e entrelinhas inscreve-se na vivência proposta para o agora, cavando portais a cada página, a cada lágrima - ainda que *Pele Negra, Máscaras Brancas* date de outros tempos, de outras territorialidades.

Assim, cartografando uma geografia das datas, faz valer então as exigências de um mundo que se quer branco e pauta-se na alimentação e retroalimentação de um cenário quase cor de cinza-chumbo, documental e numérico de seus papeis, não porque acredita-se apenas nessa dinâmica eurocentrizada como possível, mas, mais que isso, porque se pode provar sob o julgo, ainda que opressor, que busca alarmar qualquer mínimo flagrante.

Desde 1952, ano de sua publicação, os respectivos escritos vêm servindo como sustentáculo e modos de entender, bem como de aprofundar as discussões no que tange ao processo diásporico africano, espalhado pelo globo terrestre, perante as cavernas e os desafios abissais – assaz - a que nos lança a decisão de aprender-compreender as

[8] Nessa referência, em que o autor martinicano se porta há mais de quinhentos anos atrás, quando os muçulmanos perderam a batalha de Belgrado, nas chamadas cruzadas, missões imprimidas pela Igreja Católica e o mundo europeu, neste caso, sobre a justificativa de deter a invasão do império turco muçulmano que tinha por objetivo conquistar toda Europa cristã, já tendo invadindo Constantinopla (1453). Os turcos diziam substituir cruzes, símbolo do cristianismo, pela meia-lua islâmica.

ideologias seculares que acampam sua morada à volta do fenômeno a que atende por nome de racismo.

Nos anos de 1950, entre França, Espanha e Portugal, o racismo era visto como um problema advindo de países anglófonos como, por exemplo, Estados Unidos, África do Sul, Austrália. Na contramão desta perspectiva, *Pele Negra, Máscaras Brancas*~~,~~ traz para a berlinda a discussão sobre a fantasiosa crença, construto ideológico, de uma suposta igualdade racial.

Fanon vai mostrar o perigo que existe na manutenção dessa falsa ideologia no enfrentamento do racismo, já que isso invisibiliza a necessidade em se discutir a subjugação do negro e a negação de sua negritude, a partir de um ideal de valoração da raça branca, seguido de uma espécie de desvalorização de sua vida econômica, juntamente com a exclusão pela via fenotípica de sua imagem. Portanto:

> Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somo s obrigados a fazê-la: para o negro há apenas um destino. E ele é branco.
> Antes de abrir o dossiê, queremos dizer certas coisas. A análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo:
> - inicialmente econômico;
> - em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade." (FANON, 1952[2008, p.28]).

Negar a existência do racismo, ou mesmo não se importar com ele é escolher o lado do mais forte, daquele que detém as estratégias de dominação, bem como a força, a violência e todo aparato estrutural para mantê-la, ainda mais considerando a pluralidade racial de territórios onde os brancos detêm o controle de suas organizações.

Recolhendo esse material de datas, sabe-se que, por volta dos anos de 1980-1990, a literatura de Fanon começa a ocupar um certo lugar de destaque como aporte de referenciação nas produções acadêmicas das universidades localizadas nos chamados países desenvolvidos.

O que torna possível também que estes estudos avancem no sentido de tornarem-se mais conhecidos é o surgimento de um lugar dedicado a dinâmica das epistemologias dos estudos pós-coloniais, nesta mesma época.

Vale dizer ainda que os estudos pós-coloniais surgem pelos chamados "intelectuais da diáspora africana", via de regra, naturais de países subdesenvolvidos, espoliados pelo sistema colonial ocidental, que vivem ou viveram na Europa ou em países da América do Norte. A orientação pós-colonial, ao que se tem notícia, inicia-se com estudos na área da literatura, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra, na década de 1980. Depois, desloca-se para outras áreas e disciplinas. Algumas das autoras e autores mais referênciados nesse campo do conhecimento, são: Stuart Hall, Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Paul Gilroy.

É imprescindível dizer que os modos de conceber Fanon e suas teorias deslancham neste cenário de forma mais consistente a partir dos anos 1990, com a então proeminência do pensamento de origem diaspórica africana que, naquele momento, passava a "existir" na Europa, no plano do conhecimento dito racional e científico.

Pele Negra, Máscaras Brancas pode ser apontado como um clássico dos estudos diaspóricos que transita em meio às ciências humanas ao largo do pensamento que dialoga com a perspectiva da descolonização e das teorias psicológicas. De outra forma e não surpreendentemente, porque toca nas discussões de raça e, mais, em questões que apontam para a urgência em racializar a pessoa branca, a obra obtém uma recepção não muito amistosa, haja vista o cenário de sua publicação.

Neste livro, os exemplos e analogias contornam – linhas e curvas - o desenho do construto ideológico com características camaleônicas, onde aquilo que parece acolhedor pode, no mesmo instante, tratar de excluir pela raça, obviamente negando que estas relações se dessem com base na estruturação de objetivos com fins de supressão e domínio colonial.

O aspecto da negação de questões no campo da raça e, simultaneamente, a louvação da branquidade do homem-modelo é par sintomático que chega para dialogar com aquilo que dá suporte e sustentação à mesma lógica de negação das várias frentes que salientam a necessidade de um debate junto às formulações propostas por outras fontes epistemológicas - que não aquelas ocidentalizadas, baseadas na ideia de supremacia racial e inferiorização das minorias nos termos de representatividade-, seus campos epistemológicos específicos, seus saberes empíricos e metodológicos de reflexões que nascem na observação da dor, projetadas na realidade diária e transformadas a partir da vertigem labiríntica sobre a qual se escamoteiam os racismos.

Seguindo a corrente, porém sem o peso de outros tipos de correntes, dentro dos estudos que se propõem a realizar observações nesse campo de enfrentamento do debate racial, traz-se para a roda a racialização daqueles que permanecem em seus gabinetes e camarotes do privilégio, aproveitando-se ao máximo as vantagens que estes lugares podem dar, inclusive a sulbalternização do "outro" em detrimento da garantia de suas regalias, negando, na mesma sequência da sentença, a existência do racismo.

W.E.B. Du Bois - vanguardista dos Whiteness Studies[9] - em seu livro *A Reconstrução Negra na América, 1935* (*Black Reconstruction in America*), incendiou os Estados Unidos ao falar a respeito da tentativa de confundir e silenciar questões relacionadas à identidade branca, enquanto problema atuante nas discriminações de cunho racista, apontando uma prática de lógica perigosa cunhada pela branquitude em que se transformavam os problemas que afligiam as populações negras, advindos do racismo, na destoante ideia de que elas mesmas seriam o motivo de tensões, como por exemplo, a noção de que negros eram os responsáveis pelo fracasso na era da *Reconstrução dos Estados Unidos*[10].

> *'Black Reconstruction in America'* foi publicado originalmente no período e que, de acordo com Du Bois, a reconstrução era ensinada nas aulas de História das escolas norte-americanas a partir de três visões predominantes: todos os negros eram ignorantes; todos os negros eram desonestos, extravagantes e perigosos; e os negros eram os responsáveis pelo mau governo durante o período da Reconstrução. (VIANA, 2015, p. 257-258).

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas* - livro em que, como já mencionado anteriormente, este trabalho se apoiará para orientar suas análises e reflexões -, saltam alguns pontos que, inicialmente de maneira bastante sucinta, interessa a esta pesquisa pontuar na sequência do capítulo 2, quando faremos uma incursão nos modos com que a repórter Susana Naspolini, apresentadora do quadro RJ-MÓVEL, se comporta. Problematizaremos a maneira desse fazer jornalístico, comparando suas práticas com a

[9] Estudos da Branquitude, referenciados a partir da década de 1990 nos Estados Unidos, onde passou a se discutir a identidade branca como raça e como modo de existir, operando opressões aos sujeitos de cor ou não-brancos.

[10] A Reconstrução dos Estados Unidos foi um período da história dos Estados Unidos que se iniciou após o término da Guerra de Secessão, em 1865, e se estendeu até o ano de 1877. O período é marcado pelo retorno gradual dos estados que haviam se separado do país e formado os Estados Confederados da América, do status dos líderes da antiga Confederação, e pelo início do processo de integração dos ex-escravos afro-americanos.

do colonizador, frente ao colonizado: a *primitivização* da população negra*; a amabilidade artificiosa* com que são tratados; a *carnavalização da negritude e da pobreza*.

A relação incisiva e cirúrgica com que opera as reflexões acerca do fenômeno do racismo para tentar compreender o indivíduo enquanto objeto de estudo é um dos pontos de destaque. Também é possível notar o quanto, para Fanon, as questões referentes à colonização e sua dominação no campo do pensamento enclausurado pelo método eurocêntrico e ocidentalizado direcionam perspectivas possíveis de se solucionar essa problemática.

Numa ótica avessa, atravessada por sólidas crenças num construto ideológico que entende práticas de colonialismo e racismo como formas naturais de experienciar o mundo, até que não se toque no assunto, não é tão difícil retroceder as lógicas que ditam os manuais de como ser um bom colonizado e compreender que a vida em sociedade ergue suas casas, sua rotina como um modo explícito, porém silenciado, de estar no mundo.

Portanto não é à toa que outras populações que não as brancas são vistas com um olhar de como se olha para um estrangeiro, um estranho mesmo àquele lugar, àquele pertencimento da supremacia. O "outro" é tudo aquilo que não pode ser branco, o "outro" é o negro. Nesse sentido, o fator linguagem, somado ao aspecto da dominação, entra em cena orientando experiências, traçando o mapa de significados.

> As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença essa marcação da diferença ocorre tanto por meios de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos me parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles (por exemplo, sérvio e croatas); eu/outro. (HALL, 2009, p. 40).

Nas trincheiras da dominação da linguagem, mais uma vez vemos as regras mudarem, deixarem de existir. Caso os negros superem as expectativas daqueles que os subalternizam, passa-se a criar novos obstáculos a cada possibilidade de uma nova etapa derrubada. Assim, quando o negro - mesmo tomando a linguagem como objeto - dedica-

se na tentativa de dialogar nas frentes de interação do território em que chega como estrangeiro, e, portanto, busca assumir a identidade daquela cultura, é impedido, já que seu "esforço" de comunicação é deslegitimado. Assim:

> É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma 'identidade' em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2000, p.109).

Então, se existe um objetivo possível de ser alcançado através do domínio da linguagem no processo da interação, ao negro isso jamais será permitido, o que, de outra forma, Fanon aponta como resultado a recusa por parte destes mesmos negros perante as questões que se referenciam junto à simbologia da negritude enquanto movimento de identidade e resistência.

Ora, se "ser negro" não permite - aliás, impede – que a pessoa consiga transitar nos espaços e territorialidades pelo grave erro de ter como tópico a cor de sua pele ou as pertenças de suas ancestralidades, o que mais ela pode fazer senão tentar, ilusoriamente, dispor de máscaras brancas na tentativa de se integrar? Isso se dá mesmo sabendo que, embora algumas vezes a ascensão social possibilite o embranquecimento dos indivíduos, a branquidade e aqueles que sobre ela constroem seus altares, no momento em que lhes for interessante, fará com que aquele negro se dispa de sua máscara.

Além do mais, ainda há de se pensar o quanto os brancos que não querem ser apontados como racistas veem vantagem em partilhar a negação da negritude pelos negros, levando em conta a imagem fictícia da crença numa convivência harmônica e igualitária entre as raças, colônia e colonizador, embora suas práticas sejam flagrantes portfolios daquilo que tantas vezes pretendem estrategicamente esconder.

Nesse aspecto, podemos apontar uma semelhança com o contexto brasileiro, que nos remete ao famoso mito da democracia racial, ponto de tensão nas discussões das relações raciais no país. Favorecendo socialmente, tão somente, uma elite branca abastada e detentora de privilégios simbólicos e materiais, a ideia de democracia racial

propõe a falsa ilusão de harmonia entre as raças, tanto em termos sociais quanto econômicos.

Outro ponto importante e que reflete aspectos ainda referentes à linguagem e seu domínio é quando Fanon expõe a relação que, nesta perspectiva, o colonialismo epistemológico funciona como um afiado e penetrante instrumento no pensamento dos métodos que orientam a constituição das ciências, e, consequentemente, tanto na construção do repertório de saber, quanto na construção e formação das identidades dos sujeitos.

Para Fanon, os indivíduos são, dentro da concepção colonialista, utilizados em suas capacidades cognitivas e de comunicação como objetos inanimados, incapazes de refletir as sentenças e de fazer análises críticas, culminando assim numa outra rota de opressão que extrapola a material e física.

2- Cultura Midiática, Representação, Televisão e Telejornalismo

2.1 Pensando a Indústria Cultural

Segundo o filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno, em "*A civilização atual a tudo confere um ar de semelhança*" (1947), a mídia, através da composição de um maquinário gigantesco de aparelhos de transmissão e difusão de informações, se empenhava em reproduzir ideologias de consumos que, adaptadas ao noticiário, programas de TV e rádio, atuavam de forma a criar um cenário de conformidade e alienação na população que assistia passiva, àquelas investidas de padronização dos sujeitos, conferindo a tudo um ar homogêneo.

O crítico emigrou para EUA, na década de 1930, assim como muitos outros intelectuais da época, pelo motivo de estar em par com as ideias socialistas e por ter origem judia, o que entrava em conflito com a ascensão do nacional-socialismo ao poder na Alemanha. Adorno, por sua formação intelectual e sua condição social, estava próximo e tinha acesso a produções de arte tidas como refinadas. Ao chegar à América, deparou-se com o oposto daquilo que acreditava ser necessário ao desenvolvimento racional e autônomo para a formação dos indivíduos.

De acordo com o conceito de *Indústria Cultural*, havia uma reprodução massificada de construtos ideológicos que apontavam e incentivavam a cultura do negócio, do consumo, do ter. Segundo essa perspectiva, as motivações giravam em torno do interesse pelo lucro. Em relação aos estudos da mídia estadunidense, o sociólogo alemão acreditava que a domesticação das massas era um objetivo pretendido pelo aparente caos onde circulavam informações através de rádios, revistas, cinema, jornais que, de maneira independente, exibiam suas mensagens, anúncios, ou seja, suas comunicações.

A expressão *Indústria Cultural* tem como concepção a ideia de que, através dos aparelhos comunicacionais, pessoas que detinham poder sobre eles satisfaziam seus interesses comerciais tendo na sociedade um mercado consumidor, um lugar onde escoar produções em grande escala, fazendo, assim, com que surgisse o sistema de

massificação da cultura. Segundo Adorno, existia, nesse contexto, uma desenfreada exploração comercial da cultura. E, nesse processo, os meios de comunicação, como, por exemplo, o rádio e a produção cinematográfica, atuavam como difusores do negócio e dos lucros dos empresários. Nesse sentido, o sociólogo aponta:

> A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstra para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 58).

Em seu texto *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, os autores Horckheimer e Adorno (1947) acreditavam no poder quase ilimitado dos meios de comunicação, a ponto de entenderem como violento o crescimento de uma sociedade industrial, posto que, segundo os teóricos, até mesmo no momento de distração as pessoas acabavam por ceder às ideias veiculadas pelo sistema massificado de produção e, portanto, consumindo.

A ciência e seu desenvolvimento, nesse contexto, tanto significaram quanto empreenderam na prática um sentido maior de dominação enquanto instrumento efetivo junto ao sistema comércio/consumo. Desse modo, é importante destacar que esta perspectiva alienante, relegada ao telespectador, não o considera um agente/sujeito de ação no processo de diálogo da comunicação em que está integrado e que também integra junto aos grandes aparelhos da informação.

Adorno e Horckheimer criticavam, inclusive, a orientação daqueles que, tendo interesse nesse mercado de produção em massa, davam explicações tecnológicas a respeito de benefício desse sistema para a coletividade, através da justificativa do acesso aos bens de consumo. Para os estudiosos, um elemento que se destaca nesse debate era o fato de haver uma espécie de silenciamento em relação ao que realmente se desenrolava nas tramas do processo lucrativo do grande empresariado que detinha o

poder sobre o maquinário tecnológico. Seguindo essa lógica, os frankfurtianos afirmavam que “o que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade.”. (ADORNO; HOKHEIMER, 1947, p. 59).

Ainda de acordo com os estudos da escola frankfurtiana, nesse recorte que se orienta no sentido de uma crítica junto ao avanço da grande produção massificada, podemos estabelecer com nosso corpus uma paralelo nessa relação de padronização para tornar algo homogêneo, no sentido de silenciar a subjetividade dos processos, dos indivíduos.

Adorno e Hokheimer, no território conceitual da então *Indústria Cultural*, alertam para aquilo que chamam de “Ideia abrangente”, uma perspectiva do sistema massificado expandido como algo que chega a todos para manter uma certa “organização” e repetição dos modos de ser, mas que, dentro dessa ordem a que se propõe, não estabelece conexões com as singularidades do diverso.

Assim, nosso corpus, o RJ MÓVEL, responde de maneira análoga a essa equação se observarmos o quanto as ações do roteiro, somadas às formas de apresentação do quadro, se estabelecem dentro dessa ótica de reproduzir lugares específicos e convencionais tanto para os sulbalternizados, quanto para aqueles que exercem suas práticas e atividades de subalternização.

O que temos no quadro é sempre a reprodução dos mesmos lugares de poder e de subjugação. No poder, a repórter que conduz o RJ MÓVEL está sempre atuando como protagonista da situação, embora esteja ali, ao menos em tese, como mediadora na tentativa de que os problemas das populações locais sejam atendidos pelos órgãos responsáveis. Na condição de subjugação, está a população que, sendo negra e pobre, transita no espaço “cedido” ou “permitido” que o programa possibilita para aquelas vozes periféricas.

Em uma breve comparação, RJ MÓVEL seria o detentor dos meios de comunicação, tendo ali o domínio sobre os materiais e ferramentas de transmissão da notícia, do quadro, bem como a palavra e o microfones sustentados pela autoridade da repórter, uma mulher branca e de classe média que se dirige aos moradores locais; e por outro lado, a população que é impactada por todo aparato tecnológico e de poder simbólico e material daqueles que mediam a notícia e a denúncia naqueles locais.

Temos a reprodução do sistema que incorpora discursos-padrão para retratar realidades subjetivas, silenciadas muitas vezes pela impossibilidade de tomar o turno de fala, frente o corte e a retirada do microfone, por parte da produção, no momento de suas falas.

Se considerarmos a noção, de acordo com Adorno (1947), de que, por meio da distração, também somos impelidos a consumir, nosso corpus surge como exemplo, mais uma vez, diante essa perspectiva frankfurtiana, posto que a hora em que é exibido o quadro é, via de regra, o horário em que se estabeleceu como hora do almoço. Esse é também um espaço que pode figurar como lugar de alheamento, se levarmos em conta o momento de "descanso", a hora de relaxamento do almoço.

Essa seria também mais uma estratégia do sistema de massa para homogeneizar particularidades, através de ferramentas de efeito que introjetam propostas de uma falsa identidade dos indivíduos, imprimindo uma enganosa harmonia entre o que a população e a sociedade, de fato, necessitava e a imagem disso que o sistema uniformizava.

No entanto, não podemos afirmar que é sempre do mesmo modo que essa mensagem vai ser "recebida" em todas as casas, por todos os telespectadores. Sobre isso, trataremos mais adiante, usando Stuart Hall (2003[1989]).

2.2 O Circuito Comunicacional: Codificação/Decodificação

Orientado por uma perspectiva circular de disseminação dos processos da comunicabilidade, Stuart Hall, em seu texto "Codificação/Decodificação" (1980 [2003]), desconstrói a ideia de um sistema linear da comunicação que assimilava conceitualmente apenas três elementos: emissor, mensagem e receptor. Para Hall, o circuito de interação era muito mais do que apenas uma propagação ou transmissão da mensagem/informação.

Segundo o teórico, existiam fatores externos que permeavam os meios pelos quais as mensagens se espalhavam, sendo esta uma estrutura que, pela sua complexidade, necessitava de uma concepção que abrangesse os vários momentos, ou seja, passagens diversas que dialogavam com as interferências do meio.

Para Stuart Hall, existe um modo discursivo que permite o movimento dos objetos, dos produtos. Este mesmo modelo/modo discursivo da mensagem recebe destaque na interação dentro do processo comunicativo, determinando, portanto, as circunstâncias da codificação e decodificação. Assim, o teórico alerta:

> Não quero um modelo determinista, mas não quero um modelo sem determinação. Por conseguinte, não creio que as audiências se ocupem das mesmas posições de poder daqueles que dão significado ao mundo para elas.
> (...)
> Ser perfeitamente hegemônico e fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira pretendida. Trata-se de um tipo de sonho de poder — nenhum chuvisco na tela, apenas a audiência totalmente passiva. Ora, o problema para mim é que não creio que a mensagem tenha somente um significado. Por isso, desejo apostar em uma noção de poder e de estruturação no momento de codificação que todavia não apague todos os outros possíveis sentidos. (HALL, 2003, p.366).

Embora Stuart Hall admita que existam casos em que o fenômeno da linearidade[11] aconteça nas tramas da mídia, essa não é, de fato, uma ocorrência do todo que compõe a ordem comunicativa. Nesse sentido, a partir da localização feita por Hall, podemos alcançar que esta proposta dialoga com estruturas para além daquilo que empreendem os estudos e conceitos formulados a respeito da chamada Indústria Cultural.

Isso porque, para alguns frankfurtianos, o circuito comunicacional parte da noção do "espectador" como alguém que está alienado do processo comunicativo, dentro de um circuito em que não opera seu lugar de sujeito a ponto de interagir, mas tão somente receber, de modo passivo, informações contidas nas transmissões executadas pelos grandes discursos hegemônicos dos aparelhos da mídia.

Fazendo uma ponte com o objeto de estudo desse trabalho, o RJ MÓVEL, sabemos que, mesmo com os impedimentos aplicados à população que é "assistida" pelo quadro, no que tange ao turno de fala – em que a repórter que conduz as situações administra o microfone e, portanto, quem e o que fala - existem outras experiências que extrapolam essa forma linear que torna opaca a interação das pessoas.

[11]A concepção simplista de circuito comunicacional em que a mensagem era elaborada pelo emissor e recebida pelo receptor.

São reações diversas, que interagem com fatores externos à composição que encerra o circuito comunicativo Emissor - Mensagem – Receptor. E, sem atribuir juízo de valor positivado ou negativado às ações da população, o fato é que há, sim, diversas reações que estão ali sendo atravessadas por outros fatores: desde a indignação com a morosidade governamental em atender às necessidades básicas locais; passando por comportamentos mais contidos, que podem não significar passividade ou alienação; ou mesmo condutas da presença apenas de alguns corpos para fazer coro e quórum à realização do quadro.

O território das interações precisa ser notado como algo que expande o modelo unidirecional do processo comunicativo. Se entendermos que a mensagem, inserida no modelo econômico capitalista, visa mercadologizar tudo em produto, teremos a mensagem também como componente dessa experiência econômica e, assim, ela atuará como bem simbólico, produto/mercadoria. Sendo assim, havemos de considerar as etapas trazidas por Hall ao se referir ao circuito comunicacional, codificadas e decodificadas, a saber: produção, circulação, distribuição, consumo e reprodução.

Nessa perspectiva, em que o repertório de vivências sociais, econômicas e culturais estão sendo consideradas, a informação/mensagem chegará para cada sujeito de forma diferenciada.

No século XX, diante da expansão da impressa e dos meios de comunicação como o rádio, o cinema e a TV, o que desencadeou a expressão e a ideia de “cultura de massa”, não podemos descartar que opera nesse aspecto um relação de interação que permite outras formas de receber e retornar as mensagens, participar da composição delas. A percepção de que a participação é constituída apenas de alheamento por parte do interlocutor não admite a complexidade do circuito comunicacional

Se encerramos a participação do interlocutor (receptor) como alguém totalmente apartado daquilo que, de fato, se dá ao seu redor, ficamos como que impedidos de relacionar o discurso à prática social e de produção de textos. Os textos constroem-se, portanto, nesses diálogos, e não a partir de investidas individuais, por isso também a importância da análise discursiva estar a par do contexto histórico-social e suas condições de produção.

Assim, entendemos que existe nisso uma reflexão pré-determinada do mundo em que vivemos, onde todos atuam de alguma forma e contribuem, desse modo, para

ativação do processo interativo. De outra maneira, sabemos da orientação de um discurso hegemônico que norteia certos direcionamentos, práticas, constituições, valores, hábitos.

Nesse sentido, vale dizer que, na perspectiva dos Estudos Culturais, o posicionamento de Hall a respeito de uma trama comunicativa muito mais complexa e densa do que nos relata a mera alienação relegada ao interlocutor pelos estudos da indústria cultural está intimamente ligada à relação que Storey (1997) traz ao apontar aproximações teóricas entre os principais fundadores do campo:

> O que os une é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise da cultura de uma sociedade - as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível constituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. É uma perspectiva que enfatiza a atividade humana, a produção ativa da cultura, ao invés de seu consumo passivo. (STOREY, 1997, p. 46).

Para Agger (1992), que também faz apontamentos a respeito dos modos e contribuição dos Estudos Culturais junto ao processo comunicacional, existe um sentido cultural que se articula à produção, distribuição e recepção, por ser um campo que consideração às origens diversas das culturas. Dessa forma:

> O grupo do CCCS amplia o conceito de cultura para que sejam incluídos dois temas adicionais. Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas - expressas mais notavelmente através do discurso e da representação, que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. Por acentuar a natureza diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais britânicos pode relacionar a produção, distribuição e recepção culturais a práticas econômicas que estão, por sua vez, intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural. (AGGER, 1992, p. 89).

2.3 Representação: alinhavando processos que constituem a cultura via linguagem e sentido

Para situarmos os aspectos raciais relacionados às práticas e modos de um fazer jornalístico comandado pelo RJ MÓVEL, corpus desta pesquisa, cujas aplicações se dão sobre as vidas da população negra, audiência participante, que integra a composição do quadro enquanto produto/programa midiático, é importante também situar algumas questões de conexão envolvendo os conceitos de representação, linguagem, sentido e constituição da cultura (Hall, 2016).

Além disso, pontuaremos, brevemente, alguns marcadores históricos que consideramos importantes e que dizem respeito a mudança de perspectivas no campo das ciências que dão suporte às reflexões e às epistemologias que sustentam as bases desse trabalho, no caso deste subitem "O papel da representação", mobilizado por Stuart Hall (2016).

No livro "Representação e Cultura" (2016), publicação brasileira cujos dois capítulos integrantes são provenientes de cursos ofertados por Hall, Londres - 1990, o primeiro deles sobre as atribuições da representação, considerando a organização da cultura pela via da construção do sentido e do uso linguagem, aborda as atenções do teórico a respeito da chamada virada linguística, ou giro linguístico. O conhecido movimento no pensamento filosófico, durante o século XX, destacou-se como arcabouço para os estudos que se seguem baseados na compreensão da linguagem e suas estruturas como intermédio para explicar o mundo e as coisas a sua volta.

A virada linguística surge enquanto mudança na forma de pensar, articulando um deslocamento metodológico no que antes se estabelecia como modo de compreender as coisas. Os filósofos começam a refletir suas indagações e análises a partir das correspondências entre a filosofia e a linguagem.

Fazendo uma rápida explanação sobre os períodos históricos da filosofia, podemos dizer, a grosso modo, que diferentemente da filosofia antiga e da filosofia moderna, em seu período contemporâneo, considerando como marco ocidental e marcador histórico os anos que se seguem a partir da Revolução Francesa(1789), a filosofia começa a questionar não mais a estrutura do mundo ou qual de suas

representações são válidas ou verdadeiras, mas diante de quais elaborações, construções, e estruturas da linguagem é possível não só pensar, mas sobretudo representar o mundo.

Nesse sentido, o modo com que Hall (2016) pondera a respeito da representação no que tange a constituição da cultura, explorando e analisando como esse processo se dá na produção de sentido por meio das estruturas que compõem a linguagem e modo como fazemos uso disso para conceituar o mundo, será o material com a qual trabalharemos para buscar entender os processos que estão envolvidos na construção e na manutenção da representação das estereotipias dispensadas à população negra, audiência participante, no âmbito do corpus desta pesquisa, o RJ MÓVEL.

Diante da interdisciplinaridade das investigações abordadas no campo dos Estudos Culturais a ideia e a percepção dos modos de representação, bem como seu conceito, começaram a movimentar-se de forma abrangente dentro dos estudos da cultura (Hall, 2019, p. 31). Considerando a prática da representação, peça fundamental no âmbito cultural, Hall aponta que sentido e linguagem conectam-se à cultura por meio da representação. Dessa maneira, é possível refletir nas palavras do teórico que: "Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas" (p.31). E ainda:

> Pode-se perguntar com toda razão: 'Mas isso é tudo?' bem, sim e não. Representação *é* uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar *envolve* o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016, p. 31).

Segundo de Stuart Hall (2016), entre outras orientações epistemológicas da linguagem, podemos dizer que as significações constroem-se através do uso daquela, gerando imagens e/ou produzindo discursos. Essa seria a chamada abordagem construtivista que, por sua vez, ramifica-se em outras duas perspectivas, a saber: semiótica e discursiva, cujas intervenções teóricas, respectivamente, apontam para os postulados de Saussure e Foucault.

O que queremos estabelecer, creditando essas concepções e abordagens, é um paralelo entre a exposição de Hall a respeito da construção das imagens e discursos – representações – e os papeis selecionados para cumprimento junto às ações do quadro

RJ MÓVEL em relação à população negra no que se refere a construção de significados e sentidos junto a suas identidades essencializadas, produzidas para ir ao ar nas gravações do programa.

Se admitimos, portanto, que a representação está relacionada à fabricação de sentido através dos recursos da linguagem, podemos dizer, então, que o quadro em questão se utiliza desses mesmo moldes para, junto ao corpo, mente e identidades das pessoas negras, pobres e periféricas, estabelecer conexões de sentido que as associem à imagens de subalternidade, bem como as submetam a discursos hegemônicos que privilegiam grupos específicos, pessoas de classes social mais favorecidas, inclusive na questão racial – pessoas brancas – em relação a outros grupos ou o grupo "dos outros".

Quando o quadro RJ MÓVEL entra no ar, diz (sem dizer) ao vivo ou nos tapes gravados, quem são aquelas pessoas, como elas se comportam, como elas conseguem ou podem estabelecer comunicação e interagir com a repórter, como elas se vestem, que tipo de fala é característico delas, ou seja, sem falar que faz, a produção do roteiro do telejornal, indica por meio de símbolos e constrói por meio de sentidos, discursos e imagens que enclausuram e encerram aquelas pessoas e suas identidades, necessidades pela via da essencialização e estereotipação.

Em outro texto, "Raça, um significado flutuante", Hall (1997) traz uma análise onde expõe a construção social da raça e a diferença racial. A partir disso, podemos imaginar que diante de percepções equivocadas que, por exemplo, exotizam um determinado grupo racial, conferindo características negativas a sua aparência e a sua psique, desconsiderando, portanto, a naturalidade de variação dessas categorias, cria-se uma correspondência-padrão tanto de imagem quanto de comportamento, ambos prejudiciais.

Podemos dizer ainda que esse tipo de vinculação configura as essesncializações relegadas a grupos de pessoas não-brancas, levando em consideração que o modelo de beleza, honestidade, inteligência, humanidade compusesse apenas características relativas a pessoas brancas. É como se aspectos da psique, da moral e da aparência de determinados sujeitos, pertencentes a grupos específicos, fossem diagnosticadas como heranças biológicas que fazem desses grupos o que esses grupos negativamente representam para a sociedade e o mundo real.

Assim, é também, por meio de forças hegemônicas das mais variadas categorias, supremacia racial, controle econômico, poderio sobre os instrumentos e meios de comunicação, que determinado grupo mantém o estado das coisas como elas estão/são: cada grupo deve, portanto, permanecer no lugar que lhe é permitido ou que suas capacidades intelectuais, seus princípios e valores, bem como seus aspectos fenotípicos lhes proporcionam. Nesse sentido em diálogo com as reflexões, até aqui, mobilizadas por Hall (2016), Eduardo Granja Coutinho, salienta:

> Hegemonia pode ser definida como a capacidade de um grupo social determinar o sentido da realidade, exercer sua liderança intelectual e moral sobre o conjunto da sociedade. A luta pela hegemonia – pela organização da cultura – é, nesse sentido uma luta pela articulação de valores e significações que concorrem para a direção político-ideológica dos indivíduos. Mas essa batalha de ideias não pode deixar de ser pensada, dialeticamente, como uma luta pela sistematização de formas culturais, isto é, de linguagens que expressam tais representações e conteúdos. (COUTINHO, 2014, p. 41).

As relações de poder que se estabelecem nas sociedades operam por meio de uma responsividade junto a linguagem e às suas línguas que, para além das estruturas gramaticais enquanto instrumentos reguladores de determinado padrão, acometem os indivíduos ao submetê-los a esquemas culturais compulsórios, cujo viés ideológico transita não apenas no plano das relações sociais ditas de classe econômica, por exemplo, mas, de outra forma, atuante na construção das identidades, das construções sociais de raça e das próprias diferenças raciais na qualidade de problema e não na perspectiva da diversidade.

Assim, quando Fanon (2008) alerta para a noção de que a cooptação da população negra em busca por assimilar, tão logo, hábitos e valores do colonizador, alude a experiências sócio-psíquicas de natureza muito mais profundas que a velha máxima argumentativa da alienação pela alienação, está nos dizendo que estas são situações construídas socialmente e reações, da negra e do negro, à experiência colonial que estrategicamente operam como “outros tantos meios de provar a eles próprios que se ajustam à cultura dominante” (2008, p. 50).

Avançando nessa concepção, podemos afirmar que a representação ao fazer uso do processo da linguagem, de forma compreensível, manifesta imagens e signos do mundo - dos objetos e dos sujeitos que neles se encontram - trazendo e significando

tudo isso para outras pessoas (Hall, 2016, p. 31) e, portanto, constituindo concepções culturais e epistemológicas – leis, padrões, comportamentos, lugares de poder - conteúdos históricos que formam histórias, estabelecem e mantém zonas de privilégio e de indivíduos favorecidos, bem como espaços subalternizados e de sujeitos marginalizados.

A linguagem é, dessa forma, instrumento usado pela representação na produção de sentido (Hall, 2016), também um lugar que significa conceitos, ideias, doutrinas – ideologias – e nesse terreno, consequentemente, há que se considerar as questões, as disputas, controvérsias que atuam em relação aos diversos grupos sociais.

O racismo, enquanto sentença da realidade social, bem como a reprodução de suas práticas racistas, constrói determinadas narrativas, silencia tantas outras e o faz através da linguagem, que dá sentido e significação a representações essencializadas da população negra ou mesmo estereotipadas dela, ao passo que estrutura crenças no grupo branco enquanto modelo de humanidade, capaz de administrar e organizar a sociedade a partir de uma lógica de supremacia racial.

A linguagem condiciona e estratifica consciências, por isso, a mídia é, com toda certeza, um vetor sequente no âmbito dessas significações maniqueístas. Alimentando desigualdades, agencia tipos do bem e tipos do mal, lugares de poder e lugares de subalternidades – organizando a sociedade no mais fiel e clássico estilo eurocentrado da antiga pólis grega: abrangendo toda a vida pública, protegida por uma fortaleza que compreendia os cidadãos em sua totalidade, porém não uma totalidade que agregasse escravos e povos subjugados.

2.4 Mídia: outros lugares

O termo mídia que compreende significados relativos ao processo de comunicação onde se pressupõe práticas de interação, e por isso, sempre em constante movimento, também se refere às mediações – os meios – pelos quais esses contatos acontecem, porém não de maneira isolada. (França, 2012). Complementarmente:

> Mídia, palavra latina, já abrasileirada, significa “meios” no plural. Meios de comunicação, meios através dos quais circulam informações, mensagens, imagens; instrumentos e dispositivos através dos quais estabelecemos relações uns com os outros, e com o mundo. Aí se encaixam, portanto, a voz, o rosto, o papel, a escrita, as diferentes formas de imagens visuais. (FRANÇA, 2012, p. 11).

Nesse sentido podemos dizer que a ideia de mídia implica tudo aquilo que integra junto a indústria midiática: seus instrumentos, suas estratégias, seus especialistas, técnicos e profissionais, sem deixar de observar a articulação das relações sociais em par com outros modos e experiências epistemológicas e/ou emocionais. (Sá, 2003; Alakija, 2008; França 2012).

Em entrevista a Pesquisa FAPESP[12] (2008), Muniz Sodré pontua que “a mídia hoje não se define como um puro dispositivo técnico, embora o suporte técnico seja necessário. Não é também uma forma fechada em torno de uma gramática expressiva. É um conceito maior do que a definição de televisão, rádio, jornal, internet.”.

A mídia, como pontuado anteriormente, traz em seus sentidos contextos e significantes diversos, assim é capaz de abranger o que no mundo podemos identificar enquanto objetos de interesse disponíveis para que se estabeleçam contatos e comunicações. Mesmo materiais impressos como, por exemplo, folhetos e revistas, passando pela área digital onde destacam-se ferramentas como televisão, rádio, internet, entre outras, são também, alguns dos meios pelos quais os cidadãos acabam sendo afetados, nunca de maneira totalmente passiva, na constituição de suas expectativas, ideias, formas de pensar, enfim, nos aspectos de sua vida em sociedade. Assim:

> Mídia no mundo contemporâneo também passa a significar todo conjunto material e imaterial que compõe o universo da comunicação social e sua dinâmica como uma necessidade existencial das sociedades modernas, e do qual cada vez mais dependem para gerir processos individuais ou coletivos: na sua vida familiar, afetiva, social, no mundo do trabalho, etc. (ALAKIJA, 2012, p. 108).

Segundo ALAKIJA (2012), pensar sobre mídia admitindo a soma material e imaterial de seu campo, possibilita uma compreensão mais abrangente do processo comunicacional, considerando recursos de produção, transmissão e recepção da informação, bem como significados diversos que reflitam conteúdos educativos ou

[12] Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2008/12/01/muniz-sodre/>. Acesso em: 11 nov. 2017.

mesmo de entretenimento. Nesse sentido, podemos dizer que os meios de comunicação e seus discursos, que são também elementos componentes da mídia, operam enquanto formadores ou deformadores da sociedade, da mesma maneira como na construção de patrimônio simbólico – epistemologias, linguagem, discurso, pensamentos, concepções – e patrimônio material, ou seja, aquilo que se pode obter de forma verdadeiramente concreta.

Nessa perspectiva de se repensar novos paradigmas referentes aos estudos da comunicação e mídia, para além da ideia de "meio enquanto mensagem" (LUHAN e FIORE, 1967), "como um elemento determinante da comunicação" (POMBO,1994), ou ainda com base na noção de Indústria Cultural, "no sentido próprio que lhe deram Adorno e Horkheimer (1985) - como movimento global de produção da cultura como mercadoria" (PALLHA, 2), é interessante recorrer a Muniz Sodré (2006) no tocante a uma concepção mais subjetiva que confere ao homem uma certa autonomia, dentro dessas interações em meio a estrutura do circuito de comunicação.

Para o teórico existe uma reflexão urgente, no sentido de que a mídia, para além de sua funcionalidade e transmissão informativa, precisa ser observada enquanto ambiente, lugar onde as coisas acontecem independente da concepção limitadora de uma perspectiva que tão somente mercadologiza a cultura por meio da alienação de sua audiência, ou seja:

> Mídia como o que Aristóteles chama de bios, isto é, a cidade investida politicamente. É a sociabilidade da *polis.* Não é carne o que chamamos de biológico hoje(…)Eu descrevo a mídia como o quarto bios, que é o midiático, virtual, da vida como espectro, da vida como quase presença das coisas. É real, tudo que se passa ali é real, mas não da mesma ordem da realidade das coisas. (SODRÉ, 2008, p. 15).

Essa ambiência, caracterizada como "nova forma de vida" (SODRÉ, 2002)[13] é um lugar de experiências que dialogam com o entorno onde se constituem as relações sociais, e portanto as relações entre mídia e público, no que diz respeito aos aspectos do físico, do estético e do psicológico. A mídia, como pontua Sodré, trás aspectos da realidade por ser também uma dimensão da existência, embora muitas vezes distorça a ordem dos acontecimentos.

---

[13] Em entrevista no ano de 2002 a Pesquisa FAPESP. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2002/08/01/a-forma-de-vida-da-midia/>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Podemos insistir em afirmar, com fundamentados em Sodré(2002), que as relações de socialização se dão e se conectam também com base em outros arquétipos do saber e do sentir, porque enquanto grupo de sujeitos orgânicos e ativos em todo processo comunicativo, a humanidade - ser de cognição, atributo não exclusivo da mídia e suas estratégias de poder - mas da participa deste cenário composto por muitas vozes.

De acordo com CARDOSO (2010, p. 2-3) para além das epistemologias no campo de disciplinas como sociologia e antropologia, por exemplo, Sodré reflete a "compreensão da comunicação no seu sentido mais amplo de interação, comunhão", afastando-se da ótica dos estudos em questão que não consideram uma contemplação do homem, enquanto audiência atuante, podendo interagir de modo diverso independente das táticas de controle de representação midiáticos. Nas palavras do autor:

> Tal é o sentido ou o "conteúdo" da tecnologia: uma forma de codificação hegemônica, que intervém culturalmente na vida social, dentro de um novo mundo sensível criado pela reprodução imaterial das coisas, pelo divórcio entre forma e matéria. Liberadas as pessoas e as coisas de seu peso ou de sua gravidade substancial, tomadas imagens que ensejam uma aproximação fantasmática, a cultura passa a definir-se mais por signos de envolvimento sensorial do que pelo apelo ao racionalismo da representação tradicional, que privilegia a linearidade da escrita. (SODRÉ, 2006, p. 13).

Para Sodré (2006) é necessário refletir acerca das forças hegemônicas que se movimentam na complexa trama da tecnologia onde a mídia gira, tratando de submeter interesses de dominação por parte das elites e dos grandes grupos que detém os materiais de produção de forma que se atente para a maneira com que isso implica, política e socialmente, na constituição ideológica, ou simbólica no tocante a formação cultural da vida em sociedade.

Ainda assim, o teórico reflete que para além de questões lógicas e científicas, conferidas suas legitimidades, cuja crítica aponta para as intenções escusas(de lucro, ou mesmo construções ideológicas, por exemplo) de interesse dos setores dominantes, ao despertar sensibilidades em suas audiências, há que se considerar a subjetividade existente numa espécie de dimensão sensorial e orgânica destas relações estabelecidas entre mídia e sociedade, que transitam mesmo tendo em seu surgimento um caráter de dominação a partir do estímulo intencional para obter determinados retornos.

É também, por esse ângulo, que mesmo admitindo o farto arcabouço de estratégias midiáticas, Muniz Sodré compreende que esta tática intervencionista acaba por abrir fissuras em sua própria estrutura, criando – ainda que a contragosto – um ambiente propício para que a sociedade atue na constituição "dessa concepção que ele apresenta como um novo *bios*[14] - uma nova forma de vida que se articula, depende e vive por meio dela". (ALAKIJA, 2012, p. 108).

Nesse sentido é preciso, portanto, que se considere a autonomia dos indivíduos, enquanto grupo de sujeitos presentes e ativos nas relações de sociabilização, inclusive na interação com os aparelhos e discursos midiáticos, de forma que se entenda que a mídia é um objeto que tanto orienta como produz o que é de natureza etérea ou mesmo aquilo que compõe a existência no campo material.

Para Muniz Sodré, os meios de comunicação mais novos, além dos tradicionais como rádio e imprensa, se esforçam em sensibilizar não só de modo racional, mas também pela via daquilo que se coloca como sensorial e emocional. A partir dessa consideração, o autor entende que atuam:

> como pano de fundo de uma estetização generalizada da vida social, onde identidades pessoais, comportamentos e até mesmo juízos supostamente de natureza ética passam pelo crivo de uma invisível comunidade do gosto, na realidade o gosto médio, estatisticamente determinado. (SODRÉ, 2002, p.6).

Nesse contexto é significativo apontar que quando Muniz Sodré traz a perspectiva da mídia enquanto *nova forma de vida*, o *bios midiático ou virtual*, parece querer nos dizer que existe outro tipo de ordenar a vida, e ele se dá através de métodos novos de significação, concepção, saber e escrituração do real. Agora, tanto as antigas quanto as atuais maneirar de se representar refletem e articulam-se na mesma *ambiência.*

Podemos entender, portanto, que a mídia acaba por se situar enquanto nova forma de vida ao buscar no diálogo, referência com/na população, que por sua vez, faz

[14] Para a discussão do 4º Bio, Muniz Sodré retoma Aristóteles. Este filósofo entendia que o Homem poderia se relacionar com o mundo através de 3 modos, ou Bios – 'A vida Contemplativa', própria dos filósofos; 'a vida política', própria dos cidadãos e, por fim, 'a vida do corpo', traduzida por Arendt como a vida do labor, ou seja, aquela pautada pela necessidade. Sodré entende que se conforma agora, outra forma de se relacionar com o mundo, ou um 4º Bios que seria a 'esfera dos negócios', que passa a articular a experiência cultural à lógica de mercado, desvinculada de valores que a sustente.

uso dela para gerir suas práticas culturais, integrando a esfera cognitiva entre as informações, os meios e a audiência, sendo capaz de organizar seus modos de compreensão sobre todo o processo de comunicação no espaço social. A mídia, desse modo, na contramão de crenças que a encerram enquanto vínculo alienante (informação população), mero pombo-correio transmissor de notícias, ainda que representando características de espectro, da "vida como quase presença das coisas (…) Mídia como Aristóteles chama de bios, isto é, a cidade investida politicamente. É a sociabilização da polis". (SODRÉ, 2002).

Desviando-se de uma ótica mais remota, antiga, a respeito de concepções que julgam a audiência apenas alienada e apática frente aos meios de comunicação, bem como o modelo usado para indicar consumidores e produtores de mídia enquanto sujeitos desligados espacialmente por exercerem diferentes funções na teia midiática, Jenkins (2009) aproxima-se da perspectiva observada por Muniz Sodré - "novo bios" - considerando a expressão "cultura participativa" e "convergência" (2009, p. 30), para falar do exercício conjunto que a interação entre mídia e audiência proporcionam de modo participativo. Assim:

> Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros. A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói sua própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (JENKINS, 2009, p. 30).

Ao falar de "cultura participativa" e "convergência", ambas expressões ligadas a noção de que o processo comunicativo e midiático é de fato um movimento de interação de ordem não linear, Jenkins (2009) afina-se com aquilo que conecta o "novo bios" - características ligadas a representações, projeções do real, com base em experiências sensoriais e materiais de cada indivíduo frente os meios de comunicação, os aparelhos da mídia.

Dessa maneira as relações de sociabilização vão ganhando sentido através do recurso de trocas entre as partes envolvidas no processo. Para além da concepção mercantilista da informação, os teóricos refletem, considerando as particularidades no campo da comunicação, sobre uma reorientação concernente a crítica voltada às novas tecnologias – pensá-las, portanto, enquanto instrumentos da mídia, que mesmo diante de seus interesses, admitem a relevância dos consumidores-participantes no fluxo que estabelecem essas relações.

Ainda sobre esse ponto de vista, é imprescindível dizer que mesmo diante do avanço das tecnologias, suas intervenções inclusive no campo político e econômico, bem como a renovação desses outros modos de viver e experiências do sentir e do saber, a informação na sua inovação ainda mostra-se bastante conservadora das estruturas de poder e domínio mais antigas, nesse sentido a dimensão de multiplicação técnica de meios, canais midiáticos, não é sinônimo de democratização, pois embora haja essa participação mais emergente, de acordo com Sodré (2002) os conteúdos acabam por se repetirem de uma forma diferente, no entanto considerando um caráter recíproco à interação.

2.5 Televisão

Até aqui, nos subitens desse capítulo, temos buscado pontuar, deste as questões de representação, linguagem e sentido, passando pela aventura da comunicação e seu desdobramento através do processo das mídias de um modo mais abrangente, perspectivas comprometidas com uma discussão que se volte para a observação das transformações sociais e culturais, a sociedade enquanto grupo de sujeitos participativos e integrantes, componentes do circuito comunicacional, e como tal, parte orgânica desse todo.

Assim, é nosso objetivo deixar explícito que, aqui inclusive neste debate sobre a Televisão, nossas concepções se deslocam totalmente da via que guia o estudo dos meios de comunicação ancorados em perspectivas que se alinham às teorias do determinismo tecnológico. Qualquer construção que reduza a estrutura social, bem

como seus valores e suas transformações culturais a meros coadjuvantes pacíficos e passivos desse enredo de interações, não será ponto de interesse desta pesquisa.

A televisão - e seu material de elaboração(telenovelas, programas de esporte, programas de auditório, telejornais) assim como outro meios de comunicação operam agindo restrições, da mesma forma que sofrem limitações. A televisão exibe suas programações dentro de um política de controle, considerando sua dependência ideológica, sua demarcação de tempo, além das questões burocráticas, por sua vez, exercem certo controle sobre sua audiência ao tendenciar percepções de valores, formas de ver o mundo, ao passo que silenciam outros modos e experiências de vida.

Levando em conta todas essas instruções e limites a serem respeitados no meio televisivo, BOURDIEU (1997, p. 19), afirma que o acesso à televisão acaba por constituir uma censura que invalida uma possível autonomia dela mesma em relação a suas produções.

Não obstante, reconhecendo o caráter de ambiência que proporciona um diálogo com formas diversas de experiências, a televisão não deixa de ser impeditiva de tantas outras possibilidades, entendendo que suas produções precisam estar de acordo com exigências técnicas, que quase sempre não se importam com questões da subjetividade e da complexidade que muitas vezes determinadas situações exigem (THOMPSON, 2012).

Vale dizer, como forma de evitar cair no discurso de reducionismo, que a TV em sua diversidade de canais e emissoras, bem como sua extensa grade de programas, pode refletir e questionar determinados consensos e estereotipias relegadas aos sujeitos. Esse fato adquire uma perspectiva de mudança, na contemporaneidade, embora saibamos que se fizermos uma pesquisa rápida nas ditas principais redes e/ou canais, contataremos que o foco das produções, via de regra, alinham-se à programações voltadas para o entretenimento.

A televisão, como de comum conhecimento, um dos instrumentos de comunicação mais utilizados desde o seu surgimento, data do século XX, teve em seu percurso grande importância por figurar na vida cotidiana da sociedade como objeto de vínculo entre as transmissões das informações e sua audiência.

Pensando a massificação da internet, e considerando a popularização dos computadores, a TV, ainda assim, permanece tendo lugar garantido nas casas dos

cidadãos. De programas de entretenimento, como os de auditórios, novelas, sessões fílmicas, infantis, jornais e etc., a televisão desponta enquanto fenômeno também por sua "extensão extraordinária da influência sobre o conjunto de atividades de produção cultural, aí incluídas as atividades de produção científicas ou artísticas" (BORDIEU, 1997, p. 51).

No entanto, sabemos que as ferramentas da realização televisiva não estão, em sua totalidade, desimpedidas para a sociedade como um todo. Havemos de considerar poder aquisitivo-econômico e condições técnicas. Da mesma forma que precisamos refletir acerca dos diversos componentes que acarretam modos de controle em relação as produções e distribuição cultural.

De acordo com Vera Paternostro (1999), a TV também atua enquanto objeto que influência a constituição de valores e atitudes, ao passo que "educa e deseduca" a sociedade, criando perspectivas ideologizantes a respeito de padrões ou mesmo de formas de comportamentos. Para a autora:

> Os constantes inventos (técnicas de impressão de grandes tiragens) e o crescimento da difusão da notícia através do telégrafo (e de outros meios que surgiram com o uso da eletricidade – rádio, telefone, cinema) favoreceram essa consolidação. A TV, considerada por alguns como uma invenção do século XX tem ligações profundas com as pesquisas e as descobertas dos cientistas do século XIX. (PATERNOSTRO, 1999, p. 21).

Segundo Raymond Williams (2016[1974], p. 28), como pontuado acima por Paternostro (1999), a televisão como objeto de invenção tem em seu surgimento uma ligação forte de dependência com uma série de outras criações relacionadas à eletricidade, a saber: telegrafia, fotografia, cinema e rádio. De acordo com o teórico, a televisão ainda que se desenvolvendo ao longo de vários estágios relacionados a tecnologia, acabou se destacando, de certa forma, a partir do aparecimento de outras produções inventivas, que por sua vez, eram idealizados para atender a outras necessidades. Assim:

> Pode-se dizer que o invento se destacou como um objetivo tecnológico específico entre 1975 e 1980 e, em seguida, após um intervalo, desenvolveu-se a partir de 1920, como um empreendimento tecnológico específico até os primeiros sistemas de televisão pública na década de 1930. Mesmo assim, em cada um desses estágios, a

> invenção dependeu, em parte, de alguns inventos concebidos inicialmente para outros fins. (WILLIAMS, 2016[1974], p. 28).

É interessante pensar que as transformações sociais – ainda que considerando os diversos campos relacionados entre si - se configuravam enquanto motivadores desses eventos e invenções, desde os "sistemas de mobilidade e transferência em produção e comunicação, seja em transporte mecânico e elétrico, ou em telegrafia, fotografia, cinema, rádio e televisão. (WILLIAMS, 2016[1974], p. 31).

Para Muniz Sodré, a televisão também, como já mencionado, na discussão mais ampla a respeito de mídia, não se dá enquanto veículo transmissor de conteúdos. Da mesma forma que o nicho midiático se estabelece como forma de vida, a televisão caracteriza-se nesse mesmo aspecto de ambiência, lugar onde as coisas acontecem.

Assim, a televisão para além da transmissão de conteúdos é um espaço onde se constituem as coisas, os acontecimentos que estruturam e deslocam a sociedade. Nesse aspecto, podemos dizer que através da linguagem e da produção de sentido, representações de comportamentos, valores, padrões daquilo que figura como ideal ou marginal se afirma e reafirma enquanto ideologia no desenrolar de sua grade programática.

Em nossa pesquisa, tomando seu recorte principal – raça e racismo, também interessa pontuar que diante de todas as discussões, debates e teorias produzidas a respeito da televisão enquanto meio de comunicação que interage e interfere na formação social, política e cultural dos indivíduos, a TV, que flerta com características do que é democrático por conta de sua popularização entre a sociedade, se destaca enquanto produtora e reprodutora dos mais variados modos de operar discriminação e de racismo no contexto brasileiro.

Pensando os indivíduos brancos e negros, e os padrões correspondentes a suas representações no meio televisivo, mais especificamente seu protagonismo seja na esfera da arte ou mesmo em espaços como o jornalismo(telejornalismo), podemos dizer que o modelo correspondente a imagem positivada se conecta a imagem do corpo branco. E isso se torna ainda mais significativo, ou flagrante, quando, segundo dados do IBGE do ano de 2016[15], temos como soma da população brasileira em torno de quase

[15] Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores.html>. Acesso em: 10 jul. 2017.

55% de pessoas autodeclaradas negras, incluindo-se aí pardos (negros de pele clara).

Segundo Tatiana Oliveira (2014), em entrevista a TV Brasil, “A produção de comunicação no Brasil não é protagonizada pelos negros. Na linha, na estrutura mesmo dos programas, do jornalismo, não tem negro.”. Nesse contexto, fica quase impossível sustentar um aspecto, de fato, democrático ligado à televisão, considerando que em termos de representatividade e representação da pessoa negra, quase não há destaque para este grupo.

Nesse sentido, podemos afirmar que as bancadas, lugares de destaque e prestígio, tem em sua imensa maioria programas encabeçadas por apresentadores brancos e apresentadoras brancas. Estamos tocando nesse ponto, porque nos interessa indicar de que modo as representações se dão no campo do simbólico e do material - do visual – ao falarmos do telejornal RJ-TV, com mais especificidade para o RJ-MÓVEL, quadro que faz parte do referido noticiário carioca.

De modo ainda mais particular queremos falar das representações emblemáticas ensejadas diariamente no quadro em relação a constituição de um imaginário que além de como de costume, enaltecer e positivar a pessoa branca como agente do conhecimento, em detrimento do apagamento e silenciamento das potencialidades de jornalistas negros, o RJ-MÓVEL reconfigura estereótipos negativos, historicamente construídos e consolidados na forma de discriminações racistas.

A televisão brasileira, portanto, antes de querer reivindicar pra si esse lugar idílico, falso democrático, multiplicador das excentricidades populares, precisa avançar no sentido de, realmente, construir um modelo de diversidade dentro de seus limites audiovisuais.

2.6 Telejornalismo no Brasil

A comunicação brasileira, com a chegada da Televisão em 1950 no país, passa por um momento muito intenso no campo audiovisual-televisivo. Esse é o mesmo ano de estreia do jornalismo televisionado que, por sua vez, deixa de ser transmitido apenas

pelo rádio. A emissora cuja exibição foi ao ar, era a antiga TV Tupi, de onde outras programações começam a ser transmitidas.

O nome do primeiro telejornal era “Imagens do Dia”, exibido pelo antigo canal 06, na cidade de São Paulo (REZENDE, 2000; MAIA, 2011). Através de texto de Ruy Rezende, o radialista Ribeiro Filho apresentava o jornal. O programa, exibido diariamente, trazia imagens sem edições a respeito das ocorrências do dia ou filmagens de acontecimentos sucedidos, correspondentes às últimas doze horas. De acordo com Mello (2009, p. 1), naquele tempo, o jornal só encerrava sua transmissão após a exibição de todo noticiário e informes do dia. Segundo Oliveira (2014, p. 41), inicialmente o telejornal passava no período da noite entre 21h30 e 22 horas, porém sem um horário fixo.

Com o acesso limitado, durante os anos iniciais de sua estreia, a televisão, no tocante à sua divulgação, com o passar do tempo tendo e uma considerável diminuição do custo de equipamentos técnicos os telejornais, acabaram caindo no cotidiano popular e galgando seu lugar na sociedade. A comunicação entre o Brasil e outros lugares do mapa era uma realidade que atravessava a vida de pessoas alfabetizadas, intelectuais, assim como também daqueles sujeitos que não sabiam ler. (OLIVEIRA, 2011, p. 51).

Em 1952, dois anos mais tarde, a inauguração da sede da TV Tupi no Rio de Janeiro, traz Gontijo Teodoro a frente do telejornal “Réporter Esso[16]”, que durante anos ocupou o horário nobre noturno da então emissora carioca. (REZENDE, 2000). Outros telejornais como, por exemplo, Telejornal Pirelli[17] e Telenotícias Panair[18] (que ficou no

[16] O programa "Repórter Esso" foi ao ar pela primeira vez às 12h55m do dia 28 de agosto de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, quando a voz de Romeu Fernandes anunciou o ataque aéreo da Alemanha à Normandia, na França, durante a Segunda Guerra Mundial. Patrocinado pela empresa americana Standard Oil Company of Brazil, conhecida como Esso do Brasil, o noticiário revolucionou o radiojornalismo brasileiro e foi apresentado durante quase 30 anos. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/testemunha-ocular-da-historia-reporter-esso-fez-sucesso-no-radio-na-tv-19930939>. Acesso em: 24 set. 2017.

[17] O “Telejornal Pirelli” era exibido na TV Rio, canal 13, e teve Léo Batista como seu principal locutor. Disponível em: <https://books.google.com.br/booksid=vytaV2HvdnkC&pg=PA182&lpg=PA182&dq=Telejornal+Pirelli+historia&source=bl&ots=ontve2rbyv&sig=X7ARKxXh1nD187Olrld5ruNun4&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwi99tqpi5zZAhUDkJAKHR25CWgQ6AEINjAC#v=onepage&q=Telejornal%20Pirelli%20historia&f=false>. Acesso em: 12 out. 2017.

[18] Patrocinado por esta extinta empresa, PANAIR, de aviação, com horário já definido: 21h, o jornal entrou em exibição para substituir o “Imagens do Dia”. Tempos depois saía do ar por não ter a mesma força que o anterior. Disponível em: <https://www.sampaonline.com.br/embalagemecia/colunas/elmo/coluna2001set28.htm>. Acesso em: 15 out. 2017.

lugar de “Imagens do Dia”) também apareceram durante o ano (MATTOS, 2009). Janaína Oliveira (2014), levanta uma questão interessante ao relembrar:

> que esses noticiosos já indicam, em alguma medida, a associação entre a televisão e a publicidade, vide que levam em suas denominações seus patrocinadores. Isso nos leva a relembrar a proximidade entre a linguagem publicitária e a linguagem televisiva: ambas rápidas, diretas e simples, características que foram agregadas ao jornalismo televisivo. (OLIVEIRA, 2014, p. 41).

Avançando nas questões que permeiam os anos iniciais do telejornalismo brasileiro, podemos dizer, que as adequações diante dos avanços tecnológicos foram sendo implementadas para atender ao perfil da audiência e mais, que nesse momento a TV passa a disponibilizar não apenas conteúdos ligados a entretenimento, mas com bastante força um meio responsável por noticiar informações como jornais impressos,no entanto num velocidade muito mais rápida. (MELLO, 2009).

De acordo com Ramonet (1999, p. 27) diante de sua tecnologia junto ao uso de satélites (anos 80) a TV avança, frente aos outros veículos de notícia de modo acelerado, pois a imagem figurava como um componente hierárquico no campo de disputas de disseminação da informação entre as mídias.

Numa outra perspectiva do poder da imagem, mas ainda em relação a força que ela exerce sobre no campo do visual que acaba por legitimar a veracidade, a importância de determinada informação dentro da exibição telejornalística, ou mesmo a distração que alguns veículos consideram necessário frente as doses de notícias mais densas, as autoras Bistane e Bacelar, comentam:

> Uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante. Por exemplo, é curioso e inusitado ver um jacaré de dois metros de comprimento escondido debaixo de um carro, como ocorreu num estacionamento na Flórida, Estados Unidos. Tais fatos pitorescos, inusitados, além de aliviar a carga dos noticiários despertam a curiosidade e atraem audiência. (BACELAR; BISTANE, 2005, p. 41).

Para as duas autoras, a credibilidade e o potencial da notícia, via de regra, tem uma maior valoração - informação que impacta e sustenta status de legitimidade, se as

imagens forem bem articuladas de forma complementar junti ao texto, e isso mais ainda no caso de denúncias.

Um exemplo interessante lançado pelas teóricas é o caso de episódios de denúncia de corrupção onde políticos de grande escalão, como por exemplo, ministros ou chefes de departamentos ligados a presidência, são manchete de notícia. De modo natural essa, é por si, uma informação impactante, dada a importância e confiança dispensadas à figura política em questão, na atribuição de seus serviços. Mas, se além da notícia, o telejornal dispõe de filmagens ou gravação de audio, o assunto parece muito mais tocante e verdadeiro.

Levando em conta que a TV através de seu poder simbólico, cujas as normas são hierarquicamente seguidas, por parte dos outros meios de comunicação, nesse sentido e de acordo com Mello(2009, p. 2) podemos recorrer ao que Ramonet(1999) pontua a seguir:

> Se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, pelo sinal de satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz Tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta idéia básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente. (MELLO, 2009, p. 2, apud RAMONET, 1999, p. 26-27).

Pensando a mídia como parte integrante da sociedade contemporânea, e nesse fluxo a constituição e formação de seus valores políticos, ideológicos e culturais, de acordo Albino Rubim(1994), ela interage (a mídia) “participando ativamente da construção de cenários políticos e sociais, estabelecendo uma nova forma de vivência, a '(tele)vivência' ”. (OLIVEIRA, 2014, p. 42).

A partir dessa colocação, nos acontece retomar o que já foi dito anteriormente no subitem sobre mídia, quando Muniz Sodré aponta, de forma semelhante à “(tele)vivência), a ideia do espaço midiático como *novo bios.* Assim:

> Eu procurei anunciar de modo mais nítido porque me apoiei em Aristóteles, quando ele, de forma simples, na *Ética de Nicômaco*,

> distingue, a exemplo do que já fizera Platão no*Filebo*, três gêneros de existência na Polis, três modos de sociabilidade: o modo do conhecimento, que é o *bios theoretikos*, o dos prazeres, que é o *bios a polaustikos*, e a sociabilidade política, que é o *bios politikos*. Ora, pensando sobre cada esfera dessa, onde o indivíduo se aloja para ser social, me dei conta de que aquilo que há em relação à mídia – percebendo que ela não é apenas um aparelho de transmissão de informação de dados, mas influi no vínculo e se relaciona com o vínculo –, é que ela é um outros *bios*, que se apresenta a partir daquilo que Aristóteles excluiu de seu sistema, que é o *bios* dos negócios – eu o chamo então de *bios* midiático ou *bios* virtual. Sem território, feito só de informação. (SODRÉ, 2002, p. 87-88).

Dessa maneira, se considerarmos essas formas de vida, lugares de ambiência (RUBIN, 1994; SODRÉ, 2002), bem como o alcance, as formas de controle ideológico e a ultrapassagem de limites do espaço e do tempo que a *(tele)vivência* e o *bios midiático* fica mais fácil identificar esse caráter mitológico, proporcionado à televisão, de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, falando sobre coisas diversas e locais diferentes. E aí, somando tudo isso ao poder que as imagens têm de contar e legitimar notícias e informações, o telejornalismo levado mais a sério pela ideia que se tem da idoneidade dos fatos veiculados e confiabilidade da transmissão dos mesmos, acaba por figurar enquanto entidade absoluta, cuja credibilidade e narrativas são quase que impossível de serem questionadas.

2.6.1 Princípio Editorial: Atributo de isenção ou contradição?

A história do telejornalismo da TV GLOBO tem sua estreia marcada em 26 de abril de 1965, quando a emissora leva ao ar seu primeiro programa do gênero, intitulado: Tele Globo. Hilton Gomes e Fernando Lopes eram os principais apresentadores do programa, exibido de segunda a sábado, tendo transmissão, duas vezes por dia, de aproximadamente 30 minutos de duração, cada turno.

Segundo informações divulgadas no site "Memória Globo"[19], o telejornal tinha como material de exibição Filmes da CBS News e da European Television Service,

[19] Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/tele-globo.htm>. Acesso em: 15 dez. 2017.

incluindo noticiário sobre as principais ocorrências mundo afora, além de assuntos esportivos.

> O telejornal também tinha como fonte as agências de notícias Associated Press, United Press International, France-Presse e Deutsche Presse-Agentur, cujos teletipos estavam instalados na redação. Na cobertura do noticiário nacional, eram usados os arquivos do jornal O Globo e da Rádio Globo, com o aproveitamento de muitas fotos, transformadas em *slides* para a inserção no vídeo. (Site Memória Globo – TELE).

Tendo conhecimento da data que marca o início da exibição do primeiro programa de telejornal na emissora e a data de publicação, no ano de 2011, de seus Princípios Editorias[20], podemos contabilizar aí um intervalo de quase meio século, 46 anos, entre um evento e outro.

Segundo site oficial da Rede Globo[21], *Princípio Editorial* é um tipo documentação que comanda valores atribuídos aos veículos de informação e que regem o jornalismo exercido dentro de cada empresa de comunicação, de forma que se faça conhecer, não só entre os funcionários de suas instituições, mas também entre leitores, ouvintes e telespectadores que acompanham a programação.

De acordo com documento citado, publicado para conhecimento coletivo a respeito de quais bases se sustentam e comunicam os jornalismos realizados pela TV GLOBO, conforme as palavras da própria Organizações Globo:

> (…) é muito importante divulgar para toda a sociedade o que acredita ser o papel da atividade jornalística e sua fundamental contribuição para a construção de uma sociedade democrática, que preza as liberdades individuais, a livre iniciativa, os direitos humanos, a república, o avanço da ciência e a preservação da natureza. (SITE OFICIAL DA REDE GLOBO[22], 2011).

A respeito do lançamento dos "Princípios Editoriais das Organizações Globo", Coutinho e Queiroz (2013, p. 11),afirmam que os tais documentos dedicaram-se em responder críticas relacionadas a comportamentos antigovernistas por parte dos veículos

---

[20] Disponível em: <http://www.acmcomunicacao.com.br/wp-content/midias/Principios-Editoriais-das-Organizacoes-Globo.pdf>. Acesso em: 15 dez 2017.
[21] Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/>. Acesso em: 15 dez. 2017.
[22] Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/08/organizacoes-globo-divulgam-seus-principios-editoriais.html>. Acesso em: 15 dez. 2017.

da Rede Globo. Nesse sentido, de acordo com os autores, como forma de ratificar o posicionamento independente dos meios jornalísticos pertencentes ao conglomerado Globo: "(…) o código procura estabelecer as regras básicas de atuação profissional dos jornalistas para manter de alguma forma a relação de confiança do público com o veículo" (COUTINHO e QUEIROZ, 2013, p. 11).

No documento que dispõe os "Princípios Editoriais" que orientam o jornalismo realizado pelo Grupo Globo[23], inicialmente, há uma carta assinada por Roberto Marino, João Roberto Marinho e José Roberto Marinho, pai e filhos, os três presidentes das Organizações Globo[24]. Em seguida, de modo breve, um texto a respeito da definição de jornalismo, acompanhado de mais três partes:

> (…) a primeira trata de esmiuçar "Os atributos da informação de qualidade", subdividido entre isenção e correção jornalísticas, além de agilidade como caráter inerente à prática de produção de notícias. A segunda seção aborda "Como o jornalista deve proceder diante do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha", muito dentro desta perspectiva de normatização da postura profissional para garantia da credibilidade do trabalho. A terceira seção sintetiza "Os valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo", onde a empresa reafirma uma postura imparcial e afastada, cujo compromisso público é de produzir jornalismo com vistas a um primeiro conhecimento sobre os fatos. (COUTINHO; QUEIROZ, 2013, p. 11).

Quando as Organizações Globo, em seus documentos de Princípios Editoriais, voltados para as condições de realização de jornalismo na empresa, se colocam enquanto instituição preocupada em com o processo de produção de conhecimento, algumas ideias orientam esses valores. São eles: isenção, correção e agilidade.

No entanto, o que mais pesa para a emissora e sua finalidade enquanto veículo que se diz interessado em atender, de modo ético, necessidades e anseios do público-alvo, é o Princípio Editorial da isenção no campo do jornalismo em destaque. Desse modo:

> [...] é possível ter 100% de isenção? – a resposta é um simples não. Assim como a verdade é inexaurível, é impossível que alguém possa

[23] Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/>. Acesso em: 15 nov. 2017.

[24] Organizações Globo Participações (Grupo Globo): Holding pertencente aos três filhos de Roberto Marinho e a seus descendentes diretos (filhos e netos). Controla 100% da Globopar, da Infopar e do Sistema Globo de Rádio. Disponível em: <http://profarthur.com/blog/organizacoes-globo-saiba-quais-empresas-do-grupo-globo/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

> se despir totalmente do seu subjetivismo. Isso não quer dizer, contudo, que seja impossível atingir um grau bastante elevado de isenção. É possível, desde que haja um esforço consciente do veículo e de seus profissionais para que isso aconteça. (ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2011, p.5).

É fato, que ao menos em tese, no texto que compreender a política ética de isenção da Organização, a emissora coloca questões pertinentes em relação a inesgotável possibilidade de verdades no mundo, bem como aquilo que pontua a respeito da subjetividade sobre a qual não podemos nos afastar totalmente, ainda que em favor do código de valores que objetivam credibilidade, baseada no princípio da ética e da confiança jornalística, tradicionalmente aceita pelo interlocutor como uma narrativa idônea. A Globo coloca ainda que no plano hierárquico da empresa, também é necessário que se apure, avalie , edite e transmita os fatos, de modo ético, sem abrir concessões e favores para governos, partidos ou lideranças empresariais.

No entanto, mesmo a Rede Globo, insistindo falar de sua independência financeira e ideológica, parece haver um abismo entre o que a linha editorial escreve, e o que, realmente, se cumpre no tocante a "atingir um grau bastante elevado de isenção". Não é possível acreditar que o interesse e as vantagens dos negócios das empresas que patrocinam, através das propagandas publicitárias de várias naturezas e ordens, o horário nobre, por exemplo, não estarão sendo priorizados em detrimento da real necessidade do público em estar diante de uma notícia ou informação precisa, honesta e minimamente não-tendenciosa. Conforme reflete, Janaína Oliveira:

> Assim, podemos mesmo acreditar em isenção jornalística em um contexto em que a comunicação é entendida antes de tudo como negócio e não como direito? E em que a publicidade e o consumo são matrizes condicionantes das ações empresariais (e, também, comunicacionais)? (OLIVEIRA, 2014, p. 46).

Ainda que reconhecendo o vasto material que figura como ferramenta de análise e possível resposta em relação às próprias contradições das Organizações Globo, pensando esse documento oficialista dos "Princípios Editoriais" do jornalismo do Grupo Globo, e a real substância sobre a qual atuam suas práticas, seja pela via das mídias impressas ou audiovisuais, devemos dizer que nosso trabalho não se deterá em

analisar o documento por completo, mas tão somente, a parte que se alinha e dialoga com o recorte na perspectiva de raça e racismo e mídia, desta pesquisa.

Assim, devemos dizer que nos interessa, aqui neste subitem apenas pontuar que na segunda seção dos "Princípios Editoriais", referentes ao jornalismo da Rede Globo, algumas das especificações de "Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha[25]", principalmente o ponto 2, cujo recorte prioriza a postura do profissional "Diante do público", será mais especificado em um outro momento, num subitens mais adiante.

2.6.2 Memória Globo

Memória Globo[26] é um espaço on line que se propõe a relatar mais de 50 anos de atividades da Rede Globo. Esta é uma espécie de acervo digital criado em 1999, pela historiadora, "Gerente do Conhecimento", assim nomeada na página da internet em questão, Sílvia Fiuza.

Figura 1 – Layout do "Quem Somos" - Memória Globo



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

[25] Disponível em: <http://www.acmcomunicacao.com.br/wp-content/midias/Principios-Editoriais-das-Organizacoes-Globo.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.
[26] Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/quem-somos/>. Acesso em: 22 dez. 2017.

De acordo com informações disponibilizadas neste espaço, desde as novelas, passando pelos telejornais até programas infantis, além de outras variedades exibidas na emissora, estes nichos estão submetidos a pesquisas realizadas por uma equipe de jornalistas, antropólogos e historiadores.

Os especialistas, então, desenvolvem o que a descrição na página chama de "um programa de história oral", envolvendo muitos dos profissionais do canal que diariamente estariam em contado com os telespectadores através da exibição de seus programas, telenovelas etc. De acordo com a *Memória Globo*, para a produção desse "programa de história oral", são entrevistados:

> jornalistas, autores, atores, apresentadores, diretores, engenheiros, executivos, cinegrafistas, produtores, cenógrafos, figurinistas, editores, iluminadores, entre outros, que ao falarem sobre suas histórias de vida, com ênfase na trajetória profissional, fornecem elementos para traçar um panorama da história e da televisão no Brasil. (MEMÓRIA GLOBO – QUEM SOMOS).

A página eletrônica foi inaugurada no ano de 2008 e sua ideia é disponibilizar para a comunidade, estudantes, profissionais do jornalismo, telespectadores de uma forma abrangente, arquivos de seus conteúdos de vídeos, bem como textos referentes e relacionados aos programas da Rede Globo.

Em 2013, segundo o próprio site, uma nova versão foi lançada com o objetivo de melhorar a exibição e conexão de conteúdos, de forma que a interatividade aumentasse, e a localização das informações torna-se mais dinâmica.

Nesse conjunto de páginas da internet, que comportam as matérias do *Memória Globo* são disponibilizados vídeos, depoimentos e programas. Trechos editados dessas mídias, nas palavras de esclarecimento desta página, servem para que o espectador possa acessar desde cenas de novelas a coberturas, já exibidas anteriormente, dos telejornais.

Além disso, o Memória Globo apresenta o "Linhas do Tempo", que traz destaques da programação como eventos no mundo da notícia, temáticas especiais de interesse da população de forma mais ampla, bem como a "biografia" de Roberto

Marinho[27] - empresário brasileiro, presidente das Organizações Globo, um dos maiores conglomerados de comunicação do mundo.

Os princípios editoriais que norteiam o Grupo Globo[28] também fazem parte dos acessos ofertados no site. Existe, inclusive, uma sessão intitulada "Erros" em que aparecem desacertos nas coberturas da emissora, seguidos de "explicações para as decisões da empresa". Nesse mesmo campo, a emissora responde ao que chama de "acusações falsas", onde a organização diz esclarecer, aos telespectadores, uma outra perspectiva com relações às denúncias envolvendo o nome da emissora.

Compõem a equipe do Memória Globo um grupo de supervisores de projeto, texto e de vídeos, webdesigners, produção de reportagem e consultoria, todos coordenados por uma diretora de programas e projetos especiais.

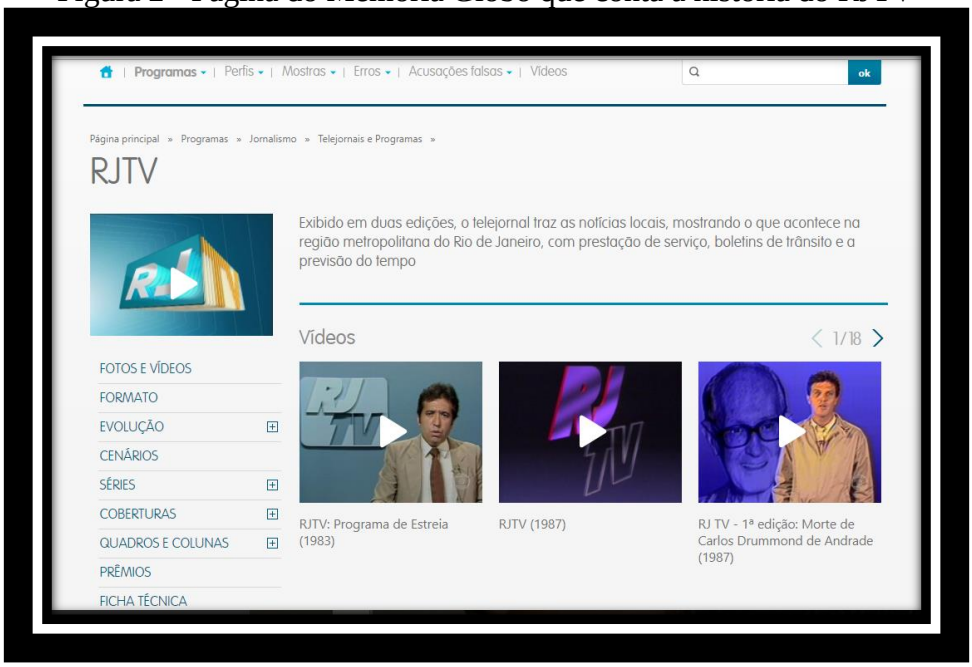
2.7 *RJTV* 1ª Edição

O Programa RJ TV 1° Edição é um telejornal da Rede Globo de Televisão e caracteriza-se, entre outros aspectos, por trazer notícias do cotidiano local, apresentando as ocorrências que se passam na região metropolitana do Rio de Janeiro, atendendo a casos que chamam de "prestação de serviço", bem como a exibição de notícias sobre o trânsito, eventos na cidade etc.

[27] Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/roberto-marinho/sobre.htm>. Acesso em: 21 dez. 2017.

[28] Conjunto de empresas que dependem de uma mesma empresa matriz. Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/>. Acesso em: 21 dez. 2017.

Figura 2 - Página do Memória Globo que conta a história do RJTV



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

A data inicial de seu aparecimento na programação da Rede Globo corresponde a 03/01/1983. O RJ TV surge como substituto do *Jornal das Sete* que, por sua vez, estreia em 1979 e tem seu fim no ano de 1983. O programa em sua 1ª edição é exibido de segunda a sábado e vai ao ar a partir do meio dia com um tempo de exibição que varia entre 45 a 50 minutos.

O telejornal é constituído por apresentadores/comentaristas que fazem chamadas para matérias gravadas ou mesmo entrevistas dentro do próprio estúdio. Segundo seu portal de informações e dados sobre o alcance do próprio diário jornalístico, sua maior marca destaca-se no que se refere à prestação de serviços, tudo isso muito conectado àquilo que considera uma aproximação junto às diversas comunidades, bairros e localidades da região metropolitana do Rio de Janeiro. O RJ TV se autodefine enquanto programa que exerce sua função social e de cidadania "cobrando às autoridades a resolução de problemas que afetam o dia a dia da população" (Sessão "Formato", *Memória Globo* - Acesso: 22/12/2017).

Embora o corpus de nosso trabalho, o RJ MÓVEL, esteja localizado na programação do RJ TV 1ª Edição, vale dizer que, no período noturno, é exibida uma 2ª Edição do jornal, que acontece a partir das 19h15min. Com um estilo, por se dizer, mais

voltado para a denominação de *Hard News*[29], que seria algo mais voltado para um relato objetivo e relevante, relacionado à vida política, econômica e cotidiana. Vale dizer, ainda, que a segunda edição do jornal tem duração de 15 minutos e, mesmo transmitindo matérias inéditas, visa também atualizar os telespectadores, de forma complementar, a respeito das notícias veiculadas na 1ª edição.

Além dessas duas exibições, em formatos semelhantes, houve um tempo em que existiu uma 3ª Edição do programa (1983-1989) que, por sua vez, ia ao ar logo após o *Jornal da Globo*[30]. A referida edição apresentava duas partes, sendo a primeira direcionada a assuntos que estavam relacionados a acontecimentos ocorridos após a exibição da 2ª Edição, de forma que o objetivo era o de atualizar o noticiário; a segunda parte trazia colunas de esporte, informações sobre política e cultura. No ano de 1984, essa edição passou a ser exibida aos domingos, após o *Fantástico*[31], servindo como complemento deste último. Quatro anos depois, em 1987, o noticiário deixou de ser apresentado.

2.7.1 Histórico do *RJTV* 1ª Edição

Década de 1990

Segundo o portal *Memória Globo*, 1994 foi um ano em que o *RJTV* passou por novas mudanças. Desde o tempo de duração, 25 minutos, até as intervenções mais

[29] Do inglês, "notícia importante", refere-se a toda notícia relevante e atual que necessitará de uma explicação maior, geralmente referente a temas com política ou economia. Disponível em: <http://jornalismogeral.blogspot.com.br/2013/03/hardnews.html>. Acesso em: 22 dez. 2017.

[30] "A primeira revista diária da televisão brasileira - era assim que o Jornal Hoje era definido na época de sua estreia. Com ênfase em comportamento e cultura, o telejornal não deixava de levar as principais notícias da manhã para o público apressado da hora do almoço. Para tornar a experiência prazerosa, o JH apostou em uma linguagem informal e opinativa, muito explorada em seus quadros e colunas, que iam ao ar também na edição de sábado." Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-hoje/quadros-e-colunas.htm>. Acesso em: 23 dez. 2017.

[31] "Programa dominical em forma de revista eletrônica, o Fantástico é um painel dinâmico do que é produzido em uma emissora de televisão. Jornalismo, prestação de serviços, humor, dramaturgia, documentários, música, reportagens investigativas, denúncia, ciência, além de um espaço para a experimentação de novas linguagens e formatos. O programa foi criado em 1973, é exibido em seis blocos e conta com média de duas horas de duração". Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/formato.htm>. Acesso em: 23 dez. 2017.

espontâneas dos apresentadores no que compete às reportagens e entrevistas. O jornal, na tentativa de interagir de maneira mais potente em suas atividades pensando na audiência, buscava encontrar caminhos satisfatórios:

> Tentando estabelecer uma dinâmica mais intervencionista e de intereção com o telespectador houve um aumento do número de entradas ao vivo, buscando dinamismo para o noticiário. Nessa época, Olga Curado[32] era editora regional do Rio de Janeiro. (MEMÓRIA GLOBO – RJTV).

Já em 1996, de acordo com o site, as duas edições do diário jornalístico também surge em novo formato. Assim, Renata Cappuci era a âncora da 1ª Edição, enquanto Cláudia Cruz apresentava o diário noturno. Passados três anos, 1999, o programa que havia sido, mais uma vez, reformulado passa a ter em sua bancada dois apresentadores. Nesse momento, de acordo com o *Memória Globo*, haveria um maior espaço para entrevistas internas, no estúdio, e o que acreditam ser um jornalismo focado na ação comunitária. Depois de algumas trocas de bancadas de apresentação, um marco na consolidação do perfil comunitário do *RJTV*, nas palavras publicadas pelo site *Memória Globo*, seria em abril de 2000, quando:

> Ana Paula Araújo[33] assumiu o posto de Capucci e passou a dividir a bancada do *RJTV – 1ª Edição* com Márcio Gomes. Juntos, apresentaram uma edição ao vivo na Praia de Ramos, que consolidaria a transformação para o perfil de jornalismo comunitário realizado pelo telejornal.

2.7.2 O Enfoque Comunitário do RJTV 1ª Edição

Como pontuado anteriormente, no marco que atende à passagem do *RJ TV* para a categoria de jornal comunitário, para suas lideranças, o aumento do número de chamadas ao vivo, com a entrada de repórteres em pontos diversos da capital e da região

[32] Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/olga-curado.htm>. Acesso em: 23 dez. 2017.
[33] Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/ana-paula-araujo.htm>. Acesso em: 23 dez. 2017.

metropolitana, para atender às expectativas de um possível telespectador que anseia por um modelo de jornal mais dinâmico, somado ao fato de um significativo número de entrevistas realizadas no próprio estúdio do jornal, seriam algumas das atividades características de uma modalidade de jornalismo mais "participante".

Para aqueles que estão a frente do *RJTV* e de sua produção, o que os faz estarem em próximos a ideia de jornalismo comunitário, seria características de um certo movimento de deslocamento de formato como:

> As mudanças do RJTV 1° Edição fortalecem o debate entre os moradores e os órgãos públicos em prol da comunidade. O telejornal passou a investir em campanhas e discussões, cobrando soluções para melhoria das condições de vida na cidade. Um exemplo foi a parceria firmada com a Central de Atendimento ao Trabalhador, da Social Democracia Sindical. De janeiro a junho de 2000, a divulgação das ofertas de emprego levou à contratação de sete mil pessoas. No mês seguinte, o telejornal também acertou um convênio com o CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), o que significou o aumento do número de empresas cadastradas e de ofertas de estágio (MEMÓRIA GLOBO – RJTV).

De acordo com o site, parece que a rede acredita nessas mudanças, intituladas "novo formato," como ações que conferem a ela, empresa de comunicação, status de liderança. Segundo as próprias palavras do *Memória Globo*:

Após um ano de novo formato, o *RJTV* 1ª Edição se firmava como porta-voz da população do Rio de Janeiro, direcionado para o fortalecimento da cidadania dos moradores do estado. Em 2001, boa parte da pauta do telejornal já começava a nascer da interação com os telespectadores, por meio de telefonemas, da internet e do contato nas ruas com a equipe de reportagem. (MEMÓRIA GLOBO – *RJTV*).

É interessante pensar como o veículo se coloca nessa posição de permissionário das vozes da audiência, bem como conhecedores absolutos de suas carências e dificuldades enfrentadas na condição de população negra, pobre e relegada à ausência do Estado nos mais básicos recortes de infraestrutura. Como bem apontam em seus argumentos, para os detentores de todo aparato informacional desses meios de transmissão, o contato com a equipe nas ruas, as intervenções via telefone e internet por parte da população com seus grandes conglomerados midiáticos, são de forma suficiente tudo o que essa massa populacional precisa na luta pelos seus direitos.

A noção que se aplica da modalidade jornalística comunitária está amparada e legitimada na própria convenção do que é jornalismo comunitário para as organizações Globo. É a partir do movimento de mudança dela (da emissora), no que acredita ser o modo de mudar a sua prática jornalística, em direção às escassezes e privações de sua audiência que lhe confere mais que características de autenticidade como, por exemplo, genuinidade, lidimidade, lhe reputando aspectos de quase a sentença de uma lei: juridicidade, legalidade, retidão.

2.8 RJ-MÓVEL: o quadro

Como podemos ver, o RJ MÓVEL, objeto de nosso corpus, aparece no site do *MEMÓRIA GLOBO* dentro de uma espécie de caixa de texto intitulada “Evolução” (ver figura 3). Nesse mesmo espaço, existem descrições de outros momentos do programa *RJTV* e suas respectivas mudanças de formato, por exemplo. O nosso corpus, então, tem sua estreia marcada no ano de 2007, no mês de agosto. Em uma de suas primeiras descrições, o quadro é narrado como uma ferramenta criada para a obtenção de uma maior aproximação do programa com a audiência.

Figura 3 - Página do RJ MÓVEL no site Memória Globo



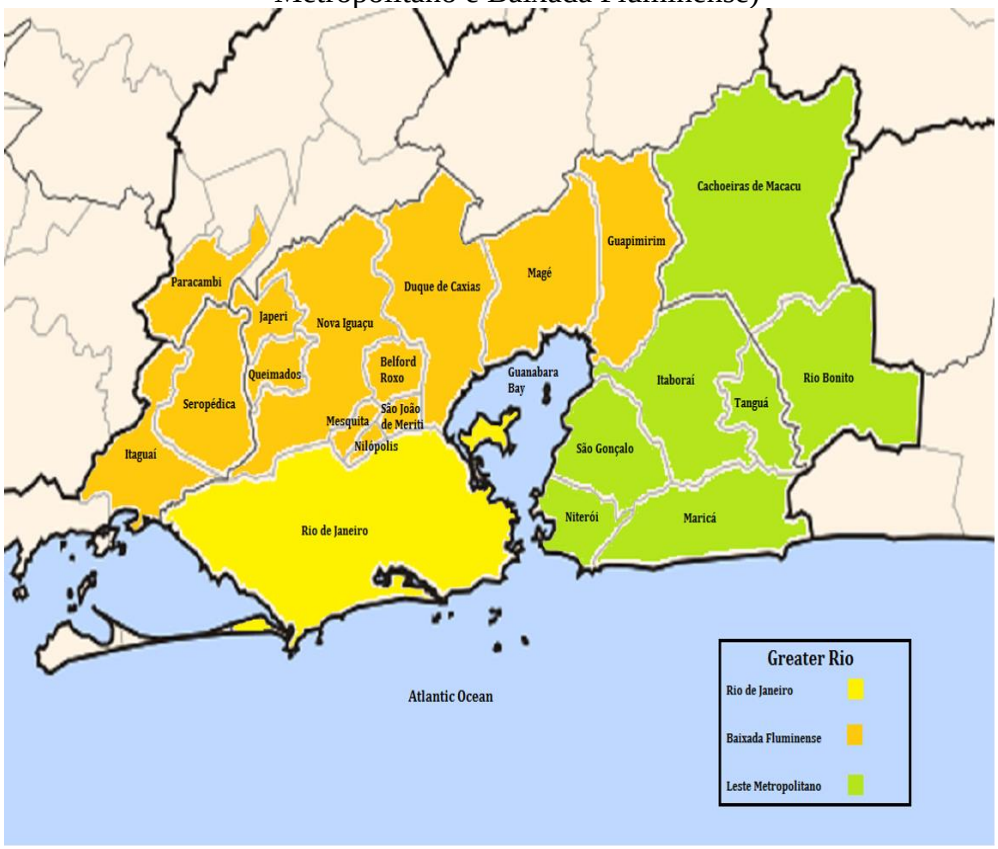
Fonte: *print screen* elaborado pela autora

O RJ MÓVEL é um dos quadros diários (de segunda a sábado) do telejornal *RJTV* 1ª Edição, da TV GLOBO, Rio de Janeiro. Tem por objetivo denunciar problemas relacionados à infraestrutura na própria capital, mas principalmente em municípios da Grande rio - região do Leste Metropolitano e Baixada Fluminense (mais adiante daremos uma definição um pouco mais detalhada).

O leste Metropolitano corresponde às cidades que ficam ao lado leste da Baía de Guanabara. Os bairros que fazem parte dessa região são: Niterói, São Gonçalo, Tanguá, Maricá, Rio Bonito e Cachoeiras de Macacu (ver mapa abaixo: figura 4). Já a Baixada Fluminense se localiza ao norte da cidade do Rio de Janeiro, cujos municípios são: Belfod Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itajaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica (ver mapa abaixo: figura 4) [34].

[34] Disponível em: <http://rioonwatch.org.br/?p=14867 >. Acesso em: 10 jan. 2018.

Figura 4 - Mapa Sinalizando Cidade do Rio de Janeiro e Grande Rio (Leste Metropolitano e Baixada Fluminense)



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Para a realização do RJ MÓVEL, é disponibilizada uma equipe de reportagem, entre ela basicamente: cinegrafista, câmera, motorista e a repórter. É disponibilizada aparelhagem de transmissão para chamadas ao vivo que, de acordo com seu editorial, se propõem a solucionar questões frente a órgãos específicos do governo que, ausentes de suas obrigações, deixam a desejar no amparo a necessidades básicas da população destas localidades.

O quadro inicia quando a jornalista, que tem sido a ancora do telejornal, Mariana Gross (e em sua ausência outras e outros jornalistas que, eventualmente, a substituem) anuncia a e chama a vinheta do RJ MÓVEL. Tendo duração de cinco minutos, o quadro acontece num misto de tomadas gravadas e chamadas ao vivo.

Existem alguns momentos bem específicos no quadro como, por exemplo, quando ao final da gravação a repórter usa um calendário gigantesco de papel, deixa um com a população do bairro, e fica com outro, ou entrega para as autoridades que estão convidadas a comparecer naquele dia de gravação. Nesse calendário, a repórter marca

data de volta dela e da equipe ao bairro, e também uma possível data de começo ou finalização de obra, cujo representante da prefeitura local se compromete em cumprir.

Outro fato, digamos, excêntrico, ocorre quando ao final de uma resolução satisfatória para a população local a gravação termina com festa. Pessoas preparam bolo, comidas como feijoada, as vezes dançam ou cantam a pedido da repórter, que alega ser um dia de comemoração.

2.8.1 A repórter do quadro

Embora não seja objetivo deste trabalho personalizar qualquer pessoa, profissional ou não que faça parte do cenário e do corpus que nos propusemos a analisar, não podemos deixar de falar, de modo breve, da repórter que comanda o quadro desde 2011.

Susana Naspolini, apresentadora do RJ-MÓVEL há sete anos, é uma mulher branca, catarinense e trabalha na área jornalística desde muito cedo e chegou a ser contratada pelo SBT – Sistema Brasileiro de Televisão, no seu segundo ano de graduação. Depois seguiu carreira em outras emissoras e programas da própria Rede Globo de Televisão, até chegar ao RJ – MÓVEL onde assumiu o posto de principal repórter do quadro desde sua estreia.

Por se comportar de modo menos formal diante da reportagem, tendo uma aproximação junto ao público totalmente diferente da forma com que geralmente se portam outros jornalistas da emissora, a repórter em questão acabou tornando-se quase que parte indispensável ao programa.

Existe um clima de muita informalidade no quadro, principalmente na postura de Susana Naspolini, e isso podemos confirmar ao assistir qualquer episódio que vai ao ar de segunda à sábado, pelo *RJTV*. Esse fato constante, somado ao afastamento da repórter em 2016 por motivo de doença e seu posterior retorno ao programa, também acabaram por engrossar o caldo dessa relação íntima com a audiência.

Alguns dados sobre a vida de Susana Naspolini podem parecer desimportantes, já que nosso corpus é o quadro e falamos em não personalizar, anteriormente, nenhuma

pessoa, mas para a compreensão do recorte e da análise proposta neste trabalho, essas informações são relevantes para a composição do cenário analítico: onde pontuaremos questões de raça, de supremacia racial, de privilégio branco, positivação da identidade branca como modelo de humanidade e civilidade, e por outro lado, as implicações negativas que todos esses pontos anteriores causam a vida e existência da população negra.

A repórter tornou-se uma espécie de ícone, emblema do quadro. Quando se fala em RJ MÓVEL, no Rio de Janeiro pelo menos, certamente as pessoas puxam de suas memórias a imagem de Susana Naspolini. Não entraremos aqui em detalhes sobre a sua postura na realização do quadro (deixaremos isso para o capítulo 3 – as análises).

A imagem informal e populachona da repórter é sobremaneira forte que ela sempre está sendo escalada para cobrir reportagens fora do RJ-MÓVEL que, por sua vez, também dialoguem com essa perspectiva "povão", ou seja, Susana Naspolini é aquela profissional "habilitada" para lidar com situações que se pressuponha ou force aspectos do ridículo frente a população, nessas situações, via de regra, negras, pobres e faveladas. Um exemplo disso, é a cobertura que a repórter fez em 2017 do carnaval carioca, na Sapucaí, na parte mais humilde da arquibancada.

É importante dizer que para o estudo deste corpus, na parte dedicada à análise (no capítulo 3), os marcadores racial e social da grande maioria das pessoas, moradores desses espaços, é um ponto crucial para a discussão e recorte que nos propomos desde o início até a finalização desta pesquisa.

Assim, este trabalho entende como fundamental a descrição dos corpos e das condições da população moradora dessas regiões periféricas em que o programa se propõe a realizar suas chamadas, pontuando que as desigualdades sociais são o resultado das relações estabelecidas entre os indivíduos.

3- As Análises

Neste capítulo, será nosso objetivo apontar práticas racistas diluídas no discurso midiático do RJ MÓVEL, identificando os modos de interação das ações do quadro, conduzido por uma repórter branca, como instrumentos de subalternização, estereotipação e exclusão da população negra, audiência deste programa da mídia televisiva. Assim, é também de nosso interesse indicar, através do direcionamento das categorias de Fanon (2008), como esses elementos de subjugação e negativização, no exercício de suas operacionalizações racistas, ao mesmo tempo em que subalterniza um grupo, hipervaloriza outro, o das pessoas brancas, elegendo-os como modelo ideal de humanidade.

Para esta análise, selecionamos dez quadros entre os meses de maio e junho de 2017, que foram transcritos separadamente. As marcações usadas nas transcrições apresentadas neste trabalho (VER ANEXO I) são adaptações das Convenções de Jefferson[35], encontradas em GARCEZ, BULLA e LODER (2014, p. 272).

Vale dizer que nossa análise se empenhará em descrever os diálogos e ações do quadro, de sua apresentadora, bem como da população participante, e apontar, através do diálogo com a obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, a forma com que o discurso e as práticas midiáticas, em específico no quadro RJ MÓVEL, dialogam com a manutenção de práticas racistas.

Observando, no decorrer de toda a pesquisa, os modos de exibição, permanência dessa exibição, dentro do jornal RJTV, movimentação das opiniões e posicionamentos de telespectadores a respeito do quadro RJ MÓVEL, notamos que existem, pelo menos, duas importantes formas de enxergar e compreender a funcionalidade do RJ MÓVEL, por parte de sua audiência, que precisam ser pontuadas antes de seguirmos os caminhos das análises. São elas:

a) A visão do interlocutor-telespectador (que assiste ao quadro em casa), ou mesmo a perspectiva daqueles que participam das gravações do RJ MÓVEL, e que, de muitas maneiras, acreditam no quadro enquanto um braço solidário que

[35] Modelo de transcrição desenvolvido por Gail Jeferson, cujo sistema gráfico pode ser se encontrado em Sacks, Schegloff & Jefferson (1974).

resgata a dignidade de uma população abandonada pelo descaso do Estado e passa a ser acolhida pelo RJTV que, em sua atuação, promove a resolução dos problemas por que passam moradores das localidades que se apresentam no telejornal;

b) A percepção daqueles telespectadores que, se considerando críticos por observarem aspectos relacionados às questões sociais, apontam problemas na atuação do RJ MÓVEL, no tocante à marginalização empregada aos indivíduos a quem o quadro atende, associando essas problematizações com aspectos de hierarquização de classes sociais, bem como a condição de pobreza que os moradores atendidos pelo programa estão implicados.

c) Para além de repensar tanto a perspectiva que crê no RJ MÓVEL como equacionador dos problemas enfrentados por essas populações a que atende, quanto no quadro na qualidade de apenas objeto sensacionalista que se aproveita da situação de pobreza dessas mesmas populações para angariar audiências e simpatia do público, nossa análise pretende apontar uma avaliação crítica pautada num diagnóstico de práticas racistas.

Assim, é imprescindível dizer que as duas dimensões que citamos anteriormente, sendo tão antagônicas, compreendem um mesmo quadro de observação em que estas perspectivas dialogam, de modos diferentes, para silenciar os aspectos racistas introjetados nas formas, falas e práticas de realizar o quadro RJ MÓVEL.

O que estamos afirmando ao colocar esses dois pontos, é que: existe um perigo latente tanto na leitura superficial do quadro, enquanto aliado dos moradores na luta diante de problemas constantes nesses espaços periféricos, ao ignorar que as próprias práticas e ações do programa se dão de modo paternalista e colonial – espécie de missão civilizatória -, como também a percepção de que ao atualizar noções críticas, deve-se observar apenas aspectos concernentes à questões de classe social(na condição de pobreza) .

Nesse sentido, optar por uma das duas análises a respeito do RJ MÓVEL, é, igualmente, silenciar os aspectos raciais e de racismo perpetuados nas ações de subalternização e estereotipações infligidas diariamente à população negra: audiência e personagem assídua na realização do quadro.

É necessário observar mais além, é preciso perceber que, neste cenário, ao mesmo tempo em que se aplicam modos de civilidade à população negra, tão obviamente presente nesses lugares das periferias, constantemente se associam aspectos de uma humanidade plena apenas à pessoa branca que é também, neste caso, a detentora do conhecimento e dos modos de ser humano.

3.1- Antes de mergulhar nas categorias, algumas considerações

Diante da luta contra o racismo, constantemente enfrentamos estratégias e práticas discriminatórias de subalternização que se reconfiguram a todo momento. A sociedade, como universo maior das vivências humanas, abriga tanto suas belezas quanto suas contradições. Em vista disso, num permanente diálogo com as percepções das armadilhas a que o racismo se empenha em forjar, não podemos, sob o julgo de aceitarmos as mesmas correntes que nos querem prisioneiros, assujeitar, na ponta da espada crítica da palavra, as ações da população negra periférica, bem como seu acolhimento às redes midiáticas do telejornalismo assistencialista que, por sua vez, parece conseguir chegar onde a crítica intelectual não dá conta para além do verbo.

Assim, é importante que, mesmo frente a situações de nítida sujeição da população preta e pobre, mantenhamos nosso foco de combate na engenhosidade racista de classe dos veículos da mídia que, tão bem estruturados e certos de seu projeto de manutenção de um status quo político, econômico e social, visam preservar os sujeitos como audiência fiel e grata no que tange a sua solidariedade seletiva, sedenta por pontos na corrida pelo IBOPE.

Por isso, a importância desta análise não só se concretiza por identificar, especificamente, o que Fanon (2008) mobiliza a respeito das categorias que direcionam esta pesquisa, mas também daquilo que chama de “aventura colonial” – vivenciar o poder hegemônico e sua forma de compreender quem intitula como *o outro*, seus hábitos, valores e modos de ser.

> Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua

> originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008[1952], p. 34).

É importante situar que a sede do programa *RJTV* fica na capital da cidade do Rio de Janeiro e que, embora muitas vezes o quadro atenda a populações da própria capital, a condição econômica bem como a presença dos bens e serviços destinados a certas localidades confirmam uma realidade bem diferente se formos comparar bairros e localidades mais centrais ou mesmo aqueles da chamada Zona Sul.

Do mesmo modo, essa perspectiva de ver na metrópole a referência para distinguir o que é melhor, ou de que formas as pessoas que moram ou vêm de lá, por exemplo, aquelas que realizam o quadro RJ MÓVEL, são mais educadas, sábias, bem informadas, ou seja, "civilizadas", também se dá nos espaços da Baixada Fluminense e, por isso, também o fato de o RJ MÓVEL, bem como a repórter que conduz a sua realização serem ovacionados e tidos como parceiros, amigos e confidentes.

Dessa forma, nos interessa, portanto, para além de apontar criticamente as investidas de práticas racistas da mídia telejornalesca do RJ MÓVEL, atentar para o que, dentro dos conflitos das análises, é antes de tudo - causa e efeito - fruto da experiência colonial, de forma que percebamos como as reações e ações da população negra, pobre e periférica, dialogam com a perspectiva do sentimento de gratidão pela benevolência colonial da metrópole.

Representado pela metáfora de uma missão civilizatória, o RJ MÓVEL, quadro do telejornal *RJTV*, reproduz todo o espectro da colonização eurocentrada que mobiliza, pela via da negação do racismo, a convicção que desconsidera a existência da cor e da condição socioeconômica, como fator que justifica a exclusão de grupos não-brancos.

3.2- As categorias em ação: as falas, os gestos, os modos

Como pontuado anteriormente, faremos uso de três categorias mobilizadas por Fanon (2008), a saber: amabilidade artificiosa; infantilização do negro e espetacularização da negritude e pobreza. Assim, nossa análise será orientada pela

repetição dessa tríade de padrões nos trechos das transcrições selecionadas para análise do quadro RJ MÓVEL.

Os recortes dos quadros que iremos analisar abaixo, neste subitem[36], correspondem à categoria Amabilidade Artificiosa (FANON, 2008), cujas exibições em vídeo estão disponibilizadas no canal online Globo Play [37]. Nesta etapa, faremos uma exposição de trechos referentes a cada dia específico selecionado, sinalizando graficamente as transcrições contidas nas tabelas, seguidas de imagens que representam o recorte escolhido. Após a apresentação dos blocos (tabelas das falas, imagens e descrição de ambos), partiremos para análise que estará dividida por subitem, compatíveis a cada uma das três categorias.

3.3- As falas, os gestos e as imagens da amabilidade artificiosa

- Dia 05/05/2017 - O programa vai até o bairro da Taquara, Zona Oeste do Rio de Janeiro, pela oitava vez, para atender à reclamação dos moradores a respeito da falta de asfaltamento de um trecho da Avenida Teixeira Brandão:

Quadro 1 - "Poeirada" I: Um abraço, uma Amabilidade Artificiosa. [Trecho - 00': 049'' até 01': 05'']

Repórter	O::i, achei vocês. Dona Ofélia! Bom di::a! Tudo bom?((Correndo e indo de encontro para abraçar outra mulher, que não é a Dona Ofélia, é uma mulher negra.))
Mulher 1	Tudo e com você?
Repórter	Tudo bo:: m? E como é que tá, aqui, a rua?
Mulher 1	Tá péssima. A gente engole poeira o dia todo.

[36] Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5848413/programa/>. <https://globoplay.globo.com/v/5869775/programa/>. <https://globoplay.globo.com/v/5891219/programa/>. <https://globoplay.globo.com/v/5949517/programa/>.

[37] O globo Play é um serviço de vídeo online, oferecido gratuitamente, que possibilita o acesso, via internet, a conteúdos da programação da Globo, a critério da emissora. Ver "Termos de Uso", 1.2 - disponibilizado em: <https://globoplay.globo.com/termosepoliticas/>.

Repórter	A senhora caminhando...
Mulher 1	Caminhando e ingerindo poeira.
Repórter	((olhando pra Dona Ofélia e fazendo menção em abraçá-la enquanto a **Mulher 1** termina sua fala.))

Fonte: elaborado pela autora

Figura 5 – Repórter abraçando moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 15/05/2017 - o quadro visita pela sexta vez o bairro de Legião, no Município de São Gonçalo, para averiguar o pedido dos moradores de pavimentação e drenagem no local

Quadro 2 - "Poeirada II": Um aperto de mão, uma intimidade, uma Amabilidade Artificiosa. [Trecho 01': 05'' até 01':35'']

Repórter	((Correndo numa rua sem calçamento): Se::xta visita...e olha a poeira. Pessoal, são vocês aí? ((baixando para tentar enxergar as pessoas na outra parte da rua)). Não dá nem pra ver direito da poeirada ((as pessoas aparecem do outro lado no meio de uma nuvem de poeira))... bate um vento. Chega, aqui, gente... ((indo de encontro aos moradores. Em seguida interrompe e se dirige a um senhor chamado Orlando)). Ô::, Seu Orlando::, como é que tá a plantação? ((a câmera corta para o quintal de uma casa, num lugar mais recuado, abaixo da rua em que a repórter se

	encontra)).
Seu Orlando	((a câmera dá um close no senhor Orlando, que está no quintal em meio a uma pequena plantação)) Tá poeira pura...
Repórter	Cheia de poeir- posso ir aí?
Seu Orlando	Vem.
Repórter	Seu Orla::ndo::, ((-a repórter derrapa na descida íngreme)) ... Ô:: freiou ((risos)) ((-a repórter estica sua mão para apertar a mão Seu Orlando, e vai se abaixando)). Bom di::a...Olha ali, aquilo ali é plantação do quê?
Seu Orlando	Aquilo é batata.
Repórter	((Colocando a mão em uma planta)): Olha isso... poeirada...
Repórter	((A câmera corta para um momento em que a repórter pega na mão de Seu Orlando e começa a subir para rua, enquanto fala pausadamente)): Vamos andar na rua que pelo jeito não melhorou nada, né, Seu Orlando?

Fonte: elaborado pela autora

Figura 6 – Repórter estendendo a mão para morador



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 7 – Repórter sobe o barranco de mãos dadas com morador



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 24/05/2017 - o RJ MÓVEL segue até a rua Trinta e Oito, no bairro de Guaratiba, onde os moradores reivindicam, pela sétima vez, o calçamento do local.

Quadro 3 - "Meu herói": "Da lama ao caos, do caos à lama/ Um homem roubado nunca se engana[38]"

Repórter	Oh, o mo::ço ((sai correndo em direção a um transeunte que se aproxima com uma bicicleta equipada com aparelho de som/alto falante)). Como é que é trabaLHAR, pedaLAR:: com seu... ((a repórter dá duas batidas no aparelho de som)) instrumento de trabalho, aqui, nessa rua?
Morador	Horrível. Muita lama, arriscado cair eu vou quebrar a minha bicicleta-
Repórter	Aí não trabalha?
Morador	Não tenho trabalho...
Repórter	Daí que que faz?
Morador	E aí...mais um desempregado.
Repórter	Por causa do asfalto que não tem...
Morador	Por causa do asfalto que não tem...
Repórter	((Chamada corta para uma cena em que a apresentadora sobe na bicicleta do morador para tentar pedalar sobre a lama)) Oh o sufoco que é.

[38] Letra da música do primeiro álbum gravado em estúdio pela banda pernambucana Nação Zumbi. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77655/>. Acesso em: 20 ago. 2017.

Morador	((-Segura a bicicleta que agora a repórter monta.)) Posso soltar?
Repórter	((dá um grito)) AHHHH...NÃO, NÃO. Eu não alcanço o pedal. É muito difícil. Olha só a buraqueira. ((moradores vão segurando a bicicleta enquanto a repórter tenta passar pela lama))
Repórter	((descendo da bicicleta e se dirigindo ao morador, dono do equipamento)) Você é um herói. Meu Herói. Conseguir pedalar isso aqui, ((abraça o morador)) nessa rua..gente, gente... ((começa a bater palmas para o homem que chama de seu herói)). Trabalhador, trabalhador
Moradores	((batem palmas junto com a repórter))

Fonte: elaborado pela autora

Figura 8 – Repórter montada em bicicleta, sendo amparada por moradores, para atravessar a lama



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 9 – Repórter abraçando morador



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 19/06/2017 – A equipe do RJ MÓVEL está no bairro do Tanque, em Jacarepaguá, para comemorar a manutenção de uma praça na localidade.

Quadro 4 - "Um tapinha não dói" [39][Trecho – 00':44'' até 1':47'']

Repórter	CA::sa 94, aqui oh, casa da Sueli:: que tá com nosso calenDÁ::rio:: ((Repórter bate no portão enquanto chama)) SueLI:: BOM DI::A, SUELI... ((O portão é aberto)). SI::LVIA:: ((abrindo os braços em direção à Silvia para abraçá-la)) tá ali também...
Silvia	Bom dia.
Repórter	((abraçando Sueli)) Tudo bom, menina::S::?
Sueli	Tudo BEM?
Repórter	Como é que tá nossa PRAÇA?
Silvia e Sueli	Tá ótima.
Repórter	Mas ótima o quê...
Silvia	Fizeram-
Repórter	Fizeram?
Sueli e Silvia	Fizeram...

[39] Trecho da letra da música da banda Bonde do Tigrão "Só um tapinha". Disponível em: <https://www.letras.mus.br/bonde-do-tigrao/so-um-tapinha/>. Acesso em: 15 ago. 2017.

Repórter	Fechar calenDÁRIO ?
Sueli	Fechar calend-
Repórter	((Começa a pular e abraça Sueli)) ÊÊÊÊ:: Gente, vai ter festa, então? ((pegando na mão da Sueli))
Sueli	Vai ter FES::TA.
Repórter	Que que é o cardápio? Que que vai ter?
Sueli	Vai ter cafezinho, pastelzinho...
Repórter	((Segurando nas mãos de Sueli) Como é que é?
Sueli	Meu pastelzinho já está aqui-
Repórter	Já tá AQUI::?
Sueli	JÁ::
Repórter	Deixa eu ver o pastelzinho?
Sueli	PO::de.
Repórter	((Pegando nas mãos de Sueli e entrando na casa)) Mostra, mostra... liCEN::ÇA:: aqui? OPA:: do quê que é, qual o sabor?
Sueli	É CAR::ne e... galinha.
Repórter	Ô, gente... quentinh- ((vai colocando a mão))
Sueli	((dá um tapa na mão da repórter)) Não PO::DE:: vai ter lanche meio-dia, não pode. Só pra mais tarde.
Repórter	Não pode? ((risos))

Fonte: elaborado pela autora

Figura 10 – Repórter beijando moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 11 – Repórter beijando e abraçando moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 12 – Repórter pegando pastel na casa da moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 01/08/2017 – O RJ MÓVEL vai até o bairro de Vila Guarita, no município de Nova Iguaçu para comemorar o asfaltamento da rua.

Quadro 5 – “Fofocaaaaar”

Repórter	O asfalto tá bom?
Moradora	Ótimo...
Repórter	E tem meio fio ((a repórter se posiciona para sentar no meio fio))... senta, aqui, comigo, dona Mara. GE::Nte, levei um susto agora. Agora dá pra conversar na calçada ((sentada com as moradoras na calçada))
Dona Mara	E dá pra fazer muita coisa na calçada também...
Repórter	Como assim? Por exemplo? ((se encostando em Dona Mara))
Dona Mara	Fofocar::
Repórter	Fofocar, ai, ai, ai, ai, ai...
Repórter	((estendendo a mão para Dona Mara)) Bate aqui...
Dona Mara	((apertando a mão da repórter)) OpA::
Repórter	Tamo junto ((Sendo abraçada por Dona Mara))

Fonte: elaborado pela autora

Figura 13 – Repórter sentada no meio-fio com moradores



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 14 – Repórter sentada no meio-fio, apertando a mão da moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 15 – Repórter sentada no meio-fio, abraçando moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Quadro 6 - “95 anos. Conseguiu o asfalto dela” – [Trecho – 3’:10’’ até 3’:51’’]

Repórter	((A câmera começa focalizando uma mesa com uns pastéis)) E agora eu quero- apresentar pra vocês ess-esse rosto. Não esqueçam desse rosto... Dona MiTINHA ((a repórter põe a mão no ombro de Dona Mitinha)), que que a senhora me falou quando eu cheguei aqui? A senhora tá feliz?
D. Mitinha	Muito feliz...
Repórter	E por que que a senhora tá feliz?
D. Mitinha	Porque essa rua... é:: é o presente do meu aniversário.
Repórter	Esse asfalto é o seu presente?
D. Mitinha	Esse asfalto é ( )-
Repórter	E agora, conta, quantos aNINHOS ?
D. Mitinha	Noventa e cinco
Repórter	Gente, parabéns
Moradores	Ê:: ((palmas))
Repórter	NoVENta e cinco anos:: ((abraçando D. Mitinha)) Conseguiu o asfalto dela ((bate palmas)). Parabéns, não é um favor, é um direito de vocês ter uma rua DECENTE na hora que SAI DE CASA. Cadê o prefeito?

Fonte: elaborado pela autora

Figura 16 – Repórter agachada, falando com moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 17 – Repórter abraçando moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

3.3.1- Amabilidade artificiosa: descrições das falas e ações

O recorte da transcrição (Tabela 1) do quadro RJ MÓVEL, referente ao dia 05/05/2017, bem como a *figura 5*, ajudam a dimensionar o que podemos constatar ao assistir o vídeo completo, devidamente referido na nota de rodapé. Nesse dia, o quadro é gravado no bairro da Taquara, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Os moradores da região reclamam a obra inacabada do asfaltamento da Avenida Teixeira Brandão.

Assim, no trecho selecionado, a repórter aproxima-se de uma mulher negra que vem caminhando pela rua, chama o nome de outra moradora, Dona Ofélia, enquanto dá um abraço demorado na primeira mulher, cujo nome não sabemos. O que podemos observar, inicialmente, em meio a esta interação, é a ideia de que supostamente existiria certa intimidade entre a repórter e a moradora a quem abraça, bem como a repórter e Dona Ofélia, ao ser chamada por seu nome.

A repórter segue perguntando como está o local, a rua, ao passo que a mulher negra responde, como todos podem observar no vídeo e na imagem congelada (figura 5), que o local continua do mesmo jeito, sem asfalto e coberto por uma nuvem de poeira

constante. Nesse momento, o que nos interessa é mostrar de que forma a repórter se coloca como alguém próxima àquelas pessoas: o toque e o chamar pelo nome fazem, de fato, parecer que existe uma intimidade, uma convivência há muito já experienciada pelas partes.

Da mesma forma, podemos perceber na transcrição da tabela 2, referente ao quadro do dia 15/05/2017, que a repórter, juntamente com a sua equipe, cria um cenário quase de impraticabilidade de diálogo, levando em consideração que, ao tentar se comunicar com alguns moradores que se encontram há alguns metros de distância e que, de alguma forma, estão em meio a uma cortina de poeira, demostram certa dificuldade de enxergá-los. No mesmo momento em que a repórter "tenta" falar com essas pessoas, a câmera dá um close em Seu Orlando, homem negro, a quem a repórter se dirige de maneira também íntima e casual.

Seu Orlando se encontra em uma espécie de plantação localizada em um declive da rua e a repórter pede permissão para ir ao encontro do homem, que, prontamente, a autoriza. Há nessa cena, para além da intimidade forçada, uma tentativa de tornar cômica a situação, pois a repórter desce o barranco aceleradamente e quase cai. Mais uma vez, a repórter, num ato de familiaridade com os moradores, aperta a mão do homem de maneira informal e descontraída, em seguida começa a fazer perguntas sobre a plantação, tentando de alguma forma mostrar um vínculo ali com as pessoas do lugar. Por fim, neste trecho do quadro, a repórter sobe o barranco em direção à rua enquanto conduz a subida, dando às mãos a Seu Orlando, que, de acordo com as imagens, parece ser ajudado pela repórter.

Seguindo para o dia 24/05, agora no bairro de Guaratiba, os moradores reivindicam o calçamento da rua Trinta e Oito, que, por sua vez, acabou recebendo o serviço de pavimentação apenas em uma parte. O trecho selecionado deste quadro corresponde ao momento em que a repórter anda de mão dadas a uma moradora no meio da lama e aborda um homem que vai passando pelo local montado em uma bicicleta equipada com um aparelho de som. O homem faz de sua bicicleta instrumento de trabalho, já que anuncia o produto que vende através desse mesmo som.

A repórter faz o homem parar e, junto com as imagens da câmera, dá uma valorizada no volume de lama na rua, que de fato é potente, e na dificuldade que o morador tem para atravessar aquela área. A repórter, então, pede para montar na

bicicleta e tenta atravessar o trecho enlameado. É, nesse momento, conduzida por três moradores, que seguram a bicicleta enquanto ela tenta pedalar, mas logo em seguida a repórter desiste por afirmar ser muito difícil fazer aquela passagem.

Ao descer da bicicleta, a repórter olha para o homem e, afirmando ser muito difícil aquele trajeto, abraça-o e diz que ele é um herói, o "seu" herói. Nesse trecho, podemos notar que, de maneiras diferentes, a repórter tenta se aproximar intimamente daquela situação e daquelas pessoas: andando na lama de mãos dadas com as moradoras, em seguida ao subir na bicicleta do vendedor de ovos e, por último, tendo passado pela dificuldade de não conseguir fazer o trajeto em meio a lama, eleger aquele homem um trabalhador guerreiro, um herói, o seu herói que consegue enfrentar os obstáculos físicos (a lama) e morais (morar em meio aquele lamaçal e viver honestamente de seus trabalhos).

A repórter figura, portanto, como aquela pessoa que, vindo do centro do Rio de Janeiro, onde as coisas acontecem e se dão em ruas asfaltadas, exercendo sua função de jornalista no jornal local de grande popular, vai até a periferia reconhecer as dificuldades enfrentadas por aquela população negra e pobre, experienciando suas vivências e dando o título de herói a um homem negro trabalhador a quem proclama herói carioca, "nosso herói", se referindo à população e a ela mesma como parte daquele cenário.

Dia 19/06/2017, o quadro RJ MÓVEL se dirige ao bairro do Tanque, região de Jacarepaguá, no município do Rio de Janeiro, para comemorar a manutenção de uma praça que os moradores vinham solicitando fazia bastante tempo. No trecho recortado para análise, a cena acontece na casa de Sueli, onde a reportagem encontra Silvia, outra moradora do bairro. Inicialmente a repórter bate no portão, chamando por Sueli, dona da casa, mas quem atende é Silvia.

Bem o portão é aberto, a repórter, chamando a mulher pelo nome, Silvia, lhe dá um abraço como se fossem velhas conhecidas. Notemos que determinadas palavras usadas pela repórter para se dirigir às moradoras remetem a uma relação de intimidade como, por exemplo, na fala "tudo bom, **menina**?". "Menina" reflete uma aproximação, uma realidade de convivência que, na verdade, não existe entre as partes.

Vale pontuar que o quadro, através da interação da repórter, vai penetrando as casas da população das periferias, diariamente, tanto presencialmente quanto por meio

da veiculação do telejornal, que, por sua vez, lança no imaginário das pessoas uma ideia de proximidade entre a repórter e os telespectadores que assistem, tal qual para aqueles que vivenciam a experiência da gravação do programa.

Por último, temos como registro a ida do RJ MÓVEL ao bairro Vila Guarita, no município de Nova Iguaçu, região da Baixada Fluminense[40], onde a população comemora a finalização do calçamento da rua Anhangá. No trecho selecionado para análise, a repórter se aproxima de moradores que estão na frente de uma casa e, em meio à conversa, senta no meio fio e convida Dona Mara, uma das moradoras, para sentar junto a ela. Nesse instante, a repórter interage, mais uma vez, de maneira íntima com os moradores, e, neste caso, mais especificamente com Dona Mara, a senhora com quem conversa sobre os benefícios da calçada.

Quando a repórter diz que agora, com rua asfaltada e com meio fio, existe a possibilidade de se conversar, por ali, sentada, sugere, então que agora o lazer está garantido. Dona Mara completa que outras coisas também podem ser feitas na calçada, e a repórter, por sua vez pergunta que tipo de coisa. A moradora responde “fofocar”, ao que a repórter repete e chama a Dona Mara para tocar em sua mão, em sinal de que conseguiram vencer aquele problema do não asfaltamento da rua.

Em um momento posterior, a repórter afirma: “Tamo junto”, uma expressão que, mais uma vez, dialoga com aspectos de proximidade e intimidade. Nesse caso, também podemos apontar uma ideia que se tenta passar de experiência vivida em coletividade, como se a repórter fosse uma pessoa que experimenta daquelas mesmas situações da população ali presente, ou ainda, que a repórter, bem como o quadro, são parceiros e solidários na resolução dos problemas da localidade.

Ainda em relação à gravação do quadro do dia 01/08/2017, selecionamos mais um trecho da transcrição, agora referente ao diálogo entre a repórter e Dona Mitinha, outra mulher negra, idosa, a quem a câmera faz questão de dar closes. Nessa cena, a repórter aparece agachada para falar com Dona Mitinha, enquanto a mesma está sentada em uma cadeira, em meio à comemoração do asfaltamento da rua para gravação do programa. A repórter pergunta a Dona Mitinha o que aquela obra na rua significa para ela, ao que Dona Mitinha responde, com um pouco de dificuldade, que é o presente de seu aniversário.

---

[40] Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/Baixada-Fluminense/483095>. Acesso em: 09 nov. 2017.

A repórter então, valorizando a idade de Dona Mitinha e tentando relacionar a isso certa vitória em ter se conseguido, através do quadro, asfaltamento para rua, pergunta a idade da senhora, que, por sua vez, responde “noventa e cinco anos”. A repórter repete a idade de Dona Mitinha, abraça a senhora e diz que, enfim, a senhora havia conseguido “o asfalto dela”.

Há nessa fala uma sugestão de espera demorada, ligada à idade de Dona Mitinha, noventa e cinco anos, de forma a supervalorizar a conquista da obra, e mais, a solidariedade da repórter, representando o quadro, que por sua vez traz o emblema da emissora, Rede Globo de TV. Assim, podemos notar que existe uma linguagem simulada e dissimulada que, na realidade, quer dizer outras coisas para além de mostrar apenas que a população conseguiu o que tem por direito, como a própria repórter afirma ao final da transcrição do trecho, ao dizer: “NoVENta e cinco anos:: ((abraçando D. Mitinha)) Conseguiu o asfalto dela((bate palmas)). Parabéns, não é um favor, é um direito de vocês ter uma rua DECENTE na hora que SAI DE CASA.”

3.3.2- Amabilidade artificiosa: o que as máscaras escondem?

Como sabemos, é fato que a “situação colonial” (FANON, 2008, p. 44) orientou e continua orientando as relações entre pessoas negras e pessoas brancas. Os complexos gerados negativamente sobre a constituição das identidades da população negra, ao passo que hipervaloriza a imagem do branco, se construiu e consolidou em meio aos processos de colonização. Aquilo que fortalece a ação de refletir, as imagens que se movimentam cotidianamente dizem muito sobre as representações a que se tem acesso. Conforme Muniz Sodré:

> O imaginário é categoria importante para se entender muito das representações negativas do cidadão negro, quando se considera que, desde o século XIX, o africano e seus descendentes eram conotados nas elites e nos setores intermediários da sociedade como seres fora da imagem ideal do trabalhador livre, por motivos eurocentrados. (SODRÉ, 2015, p. 278).

Assim, a dinâmica das sociabilizações opera, a partir dessa polarização negativa e positiva das identidades, lugares de poder e de subalternização que, diariamente, estão aí (re)configurando a manutenção de vantagens para um grupo em detrimento da continuidade de subordinações para outros.

Compreendendo de forma crítica e racional a caricata ação empreendida aos corpos e mentes da população negra, pela figura do homem branco, europeu, colonizador, e, por conseguinte, identificando o começo desse empreendimento de caráter colonial e racista, é fácil detectar a ação continuada e a perpetuação desta mazela nos diversos outros nichos que compõem a experiência social dos povos.

A respeito disso, estamos falando do espaço midiático, especificamente, o quadro RJ MÓVEL que, por sua vez, faz girar a roda da estereotipação racista aplicando comportamentos semelhantes à população que atende na gravação de seus quadros, às situações de inferiorização, disfarçadas de gentileza, comumente relatadas no curso da história, no ambiente de dominação das metrópoles no que tange às chamadas colônias.

Os trechos das falas do quadro, selecionados para análise da categoria em questão, "Amabilidade Artificiosa", mostram, em par e de forma complementar com as imagens expostas, a dimensão desse trato análogo, a que nos referimos da colonização em relação às políticas de dominação, que o RJ MÓVEL executa na relação de interação com os moradores das localidades que diz atender.

Dado os modos como a repórter, Susana Naspolini, lida com as circunstâncias de descaso governamental a que os habitantes dos bairros, onde o quadro é gravado, estão submetidos, e ainda, no caso desta categoria em análise, "amabilidade artificiosa", na forma com que ela interage com essas pessoas, demonstra o quão informal, mesmo que diante de um programa menos "cerimonioso", *RJTV*, que os programas de jornal exibidos em horário nobre[41], por exemplo, essas relações de contato parecem ter aval para acontecer. Nesse sentido, Sodré alerta:

> O imaginário racista veiculado pelas elites tradicionais pode ser hoje reproduzido logotecnicamente, de modo mais sutil e eficaz, pelo discurso midiático-popularesco, sem distância crítica do tecido da

[41] "É quando o espaço comercial é mais caro e, consequentemente, os programas considerados mais importantes são apresentados. É também onde se encontra o nicho que abriga a teledramaturgia, principalmente as novelas e, no caso da TV Globo, o Jornal Nacional" – Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/manoel-carlos/horario-nobre/>. Acesso em: 04 set. 2017.

> civilização tecnoeconômica, onde se acha incrustrada a discriminação em todos os seus níveis. (SODRÉ, 2015, p. 278).

Diante da assertiva do comunicólogo Muniz Sodré, podemos pensar o quanto esse imaginário racista está inserido nas práticas cotidianas de apreensão e compreensão do discurso midiático que produz relações de poder e de saber. Da mesma forma, perpetuado através de uma linguagem adaptada às particularidades de sua audiência, o RJ MÓVEL desenvolve em seus discursos e ações, aplicados nas gravações do quadro: "reelaboração e retransmissão de um imaginário coletivo atuante nas representações sociais" (SODRÉ, 2015).

Notemos que, em alguns dos trechos selecionados, atentando para essa lógica do disfarce midiático, é possível perceber a maneira exageradamente íntima com que a repórter do quadro se dirige aos moradores. Há quase sempre, nesses recortes, uma espécie de alongamento das sílabas nas falas (ver, por exemplo, tabela 1 e 4, quando a repórter cumprimenta as moradoras). É importante dizer que esses "acontecimentos" registrados nas falas estão, nesta pesquisa, marcados por sinais gráficos do sistema de transcrições, cuja base se apoia nas Convenções de Jefferson.

O jeito com que a repórter oficializa as matérias está emblematicamente estabelecido na forma contraditória, superficial e familiar, com que trata as pessoas daquelas localidades. É importante mencionar que, embora a equipe esteja sempre fazendo matérias para o quadro, é uma vivência diária sobre a qual não experimentam enquanto moradores do local, e, portanto, desconhecem de forma aprofundada por não terem de lidar com esse tipo de situação depois que a gravação termina.

Isso também demonstra uma informalidade descabida, posto que não há qualquer relação de convivência entre as partes que de alguma forma justifique a overdose do que entendem como gentilezas e solidariedades, uma vez que o fazer jornalístico atua, ainda que em modalidades menos tradicionais, de modo menos visceral.

Nesse sentido, podemos ainda ponderar essa relação de um suposto cuidado, compaixão, um exagero sensacionalista dirigido a populações suburbanas e/ou periféricas, por parte da mídia do RJ MÓVEL, que conecta tanto o que Fanon (2008) aponta sobre "Amabilidade Artificiosa" e o aspecto racial na interação entre brancos

para com população negra, quanto com o que Bordieu (1997) coloca a respeito do pensamento estanque que os veículos midiáticos ousam impor às massas:

> A televisão tem uma espécie de monopólio de fato na formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer os seus direitos democráticos. (BORDIEU, 1997, p. 23-24).

Há em nossa análise um cuidado e uma necessidade urgente em tentar aproximar a dimensão racista, trazendo uma série de imagens que o quadro alimenta e produz no que se refere aos aspectos raciais empreendidos no roteiro do quadro, bem como na atuação da repórter que o comanda. Como dissemos, tentamos, pois os trechos das falas, bem como as fotografias são uma amostra, bastante incômoda, daquilo que de fato consegue operar em nossas reflexões ao assistir as cenas por completo.

Fanon (2008) aponta situações que, de forma idêntica, se repetem na execução do RJ MÓVEL. O autor nos diz sobre a maneira com que um branco, ao dirigir-se a um negro, comporta-se. É como se, diante de uma potencial linguagem, para esse contato, fossem necessários modos em que se dão, por exemplo, aspectos quase primitivos, como uso de mímica. Não podendo estabelecer um diálogo horizontal entre as partes, há que usar de formas ou signos de outras ordens, como, por exemplo, a mímica, ruídos, linguagens consideradas uma maneira gentil de lidar com quem não sabe ou não entende a língua civilizada e, portanto, há uma forma de lidar com a situação:

> ‘Os negros, eu os conheço; é preciso falar com jeito, é assim que se deve fazer’... Não estamos exagerando: um branco, dirigindo-se a um negro, comporta-se exatamente como um adulto com um menino, usa a mímica, fala sussurrando, cheio de gentilezas e amabilidades artificiosas. (FANON, 2008, p. 44).

Esta é, de fato, uma noção, um distintivo imperialista e colonial que dialoga com a manutenção dos valores da branquidade de uma sociedade excludente que, estabelecendo como parâmetro legítimo aquilo que classifica como ideal, admite-se enquanto grupo civilizado face a outros grupos que destoam do modelo assimilado por suas lógicas insensatas de dominação política, econômica, social e, obviamente, racial.

Análogo a todo aspecto prepotente e colonialista, que tantas vezes incorpora máscaras da solidariedade e gentileza, através do populismo assistencialista, o RJ MÓVEL tanto reproduz como (re)cria subalternizações junto a cenários onde a questão racial está marcada. São, portanto, essas interações entre equipe e audiência (telespectadores e participantes) extensões reconfiguradas da chamada Amabilidade Artificiosa (FANON, 2008).

Outro episódio que usamos para apontar como exemplo da categoria, nesta análise, é o trecho selecionado referente à tabela número 3. Nesse dia de gravação, o quadro mostra a repórter, de maneira hiperbólica, lidando com a situação a que um morador, vendedor de ovos, tem de passar por conta da falta de infraestrutura da rua Trinta e Oito. Não bastando isso, a repórter abraça o homem (Figura 9) e chama-o de "herói". Segundos depois, se dirige ao homem como "meu herói" e, por último, batendo palmas e convidando a população que ali assiste a cena a reconhecer o que ela diz, chama-o de "nosso herói".

Como é possível ouvir e ler (nas transcrições), o trato da repórter em relação a este homem - que não por acaso é um homem negro, o que mais uma vez nos faz pontuar os aspectos raciais incutidos nas práticas do quadro, bem como as reflexões de nossa análise - mostra a total falta de medida, limite ou mesmo qualquer traço de constrangimento em fabricar um ambiente de laços de intimidade, segurança para salvaguardar a continuidade da audiência.

Seguindo a mesma linha que confere uma forçosa relação de proximidade, a repórter, na tabela 6 da transcrição, ao falar com a moradora Dona Mitinha, no bairro de Vila Guarita, estabelece um diálogo bastante característico daquilo que Fanon (2008) nomeia como Amabilidade Artificiosa. A repórter, ao direcionar sua fala à Dona Mitinha, agacha para falar com a senhora que está sentada em uma cadeira, mas, para além disso, que poderia ser considerado uma atitude educada, a apresentadora dialoga com Dona Mitinha, não casualmente uma mulher negra, de forma cifrada, por vezes pausada, por vezes estendendo as sílabas e até mesmo dando ênfase à idade da mulher de forma caricata.

De acordo com Fanon (2008), isso implica a necessidade que o branco, a pessoa branca, neste caso a repórter branca, pressupõe ter de ativar, usando mecanismos para além dos convencionais da língua objetivamente falada, modo que usaria com outra

pessoa branca, por exemplo, para obter sucesso na conversa, ou mesmo o retorno, a resposta condizente com a situação vinda do raciocínio da pessoa, ali, menos favorecida. Neste caso, trata-se de Dona Mitinha, mulher negra, pobre e periférica, moradora da Baixada Fluminense. Portanto:

> Falar aos negros dessa maneira é ir até eles, tentar deixa-los à vontade, querer ser compreendido por eles, dar-lhes segurança... Nos consultórios os médicos sabem disso. Vinte doentes europeus se sucedem: 'Sente-se senhor, o que o traz até aqui? O que o senhor está sentindo?'... Chega um negro ou um árabe: 'Sente, meu velho. Que é que você tem? Onde tá doendo?' – Quando não: 'Você doente, né?'... (FANON, 2008, p. 45).

Dessa maneira, podemos avaliar que esses tratos são conciliadores dos traços de uma articulação engenhosa de aliciamento político que visa, por parte do veículo midiático, envolver as classes desfavorecidas econômica e socialmente – população negra, pobre e periférica – de forma que essas pessoas reconheçam no telejornal, no programa, na equipe, mais ainda, na emissora, representada pela figura da "repórter amiga" um lugar de apoio onde há quem lute por elas e por seus direitos, já que as autoridades governamentais não o fazem.

Ainda em relação aos aspectos da categoria Amabilidade Artificiosa (FANON, 2008), separamos outros dois trechos, também ancorados por imagens específica do quadro RJ MÓVEL, cujos diálogos e interações gestuais, movimentos corporais da repórter se afinam e estreitam a essa perspectiva do exagero sensacionalista. Na tabela número 5, por exemplo, bem como as figuras que a complementam (figuras 13, 14 e 15), a repórter senta-se na calçada, encosta-se para falar, aperta a mão e abraça a moradora, demonstrando novamente uma intimidade forçada, posto que não há qualquer relação de convivência ou amizade entre as partes.

Na conversa que ilustra o trecho, a repórter cria toda uma encenação em torno do serviço realizado de calçamento, mostrando, nas entrelinhas de seu discurso, o quanto aquele veículo midiático proporciona qualidade de vida e bem-estar à população local, visto que agora existe, de acordo com a conversa que ali se estabelece, até meio-fio, decorrente da obra finalizada. O meio-fio figura, então, como uma vantagem, um bem que a população passou a ter, que, segundo a condução do diálogo direcionado pela

repórter, proporciona para as pessoas a vantagem, agora, de poderem sentar-se para bater um papo, ter conversa.

Por esse ângulo, podemos refletir mais uma vez nessa prática enquanto missão civilizatória, pois a repórter, o quadro, o programa, a emissora, simbolizam uma espécie de corporação que proporciona esses bens, meios, recursos, a estas pessoas e suas localidades tão carentes de necessidades básicas.

Em outro momento, tabela número 2, no bairro Legião, São Gonçalo, o RJ MÓVEL faz a gravação do quadro, tendo em vista a reclamação de moradores que necessitam de asfalto na rua. No trecho selecionado, a repórter surge em meio a um cenário de muita poeira, fazendo uma cena de esforço onde tenta falar com moradores do outro lado da rua e, em seguida, começa a conversar com Seu Orlando, um homem idoso e negro, também morador da localidade.

Nesse trecho, a repórter se dirige ao homem de maneira não menos informal que as outras gravações, tratando-o com uma aproximação igualmente descabida. Há também traços na fala da repórter que demarcam essa forma de dar segurança ou deixá-los à vontade, como pontua Fanon (2008), como modo pressuposto de só assim estabelecer um momento de interação.

Fora essas questões mais pessoais direcionadas a Seu Orlando e o modo de falar com ele, agachando-se inclusive, a repórter, ao ir ao encontro do homem, quase cai ao descer uma espécie de vão onde há uma mini plantação. Ela desce escorregando e gritando enquanto a matéria é gravada. Não há edição dessa parte, configurando, mais uma vez, a informalidade total e a encenação de todo aquele ambiente novelesco.

De acordo com Muniz Sodré (2015), os veículos midiáticos operam como imagem que remete à natureza do que é intelectual que, consolidando suas investidas assistencialistas cheias de intenções políticas, investem na manutenção de uma perspectiva que denomina a população enquanto audiência de seus espetáculos sem, de fato, estarem envolvidos com as necessidades daquilo que, efetivamente, lança-se como de interesse coletivo, sendo a questão da diversidade e, portanto, as necessidades específicas do povo brasileiro ignoradas e invisibilizadas por essas elites que dominam os meios de comunicação. Para o autor:

> Dentro do próprio sistema mediático (jornais, radiodifusores, editoras, agências de publicidade etc.), constituem-se hoje pequenas elites

> intelectuais a que se pode chamar de ‘logotécnicas’, isto é, especializadas em neorretórica elaboradora do discurso público. Tais elites – editorialistas, articulistas, editores, colunistas, âncoras de tevê, criadores publicitários, artistas, jornalistas especiais – funcionam como síntese e filtro de variadas formas de ação e cognição presentes nas elites econômicas, políticas e culturais coexistentes num contexto social. (SODRÉ, 2015, p. 277-278).

Portanto, quando Fanon (2008) fala a respeito do modo de tratamento gentil-artificial adotado por pessoas brancas para dirigirem-se às pessoas negras, Amabilidade Artificiosa, ele está falando de uma relação psicológica e, por isso também, uma relação de poder que cumpre o mesmo papel que a mídia e seu sistema de difusão, apontada por Sodré (20015), aplicam no campo das sociabilidades. Como podemos perceber, atuam no controle das mentes, do imaginário que se tem sobre as identidades e, por sua vez, reverberam na materialização das representações da vida social.

O ser negro é, ainda, o sujeito que nasceu escravo, subalterno, que precisa de gentilezas pueris em seu trato, porque ao negro só é dada a possibilidade da violência, ainda que disfarçada pela máscara das amabilidades artificiosas.

3.4- As falas e os gestos: a Primitivização da pessoa negra

Os recortes que serão analisados abaixo, neste subitem, correspondem à categoria Primitivização da Pessoa Negra (FANON, 2008), cujas exibições em vídeo estão disponibilizadas no canal online Globo Play [42]. Da mesma forma, faremos uma exposição de trechos referentes a cada dia, selecionados para análise da categoria em questão, sinalizando graficamente as transcrições contidas nas tabelas, seguidas de imagens que representam o recorte escolhido. Após a apresentação dos blocos (tabelas das falas, imagens e descrição de ambos), partiremos para a escrita da análise correspondente.

[42] O Globo Play é um serviço de vídeo online, oferecido gratuitamente, que possibilita o acesso, via internet, a conteúdos da programação da Globo, a critério da emissora. Ver “Termos de Uso”, 1.2 - disponibilizado em: <https://globoplay.globo.com/termosepoliticas/>. Acesso em: 22 jul. 2017.

- Dia 16/05 – O RJ MÓVEL, pela segunda vez, segue para a região de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro, para averiguar uma cratera e um muro de contenção na Avenida Otávio Malta.

Tabela 7 - [“Trecho – 02’: 39” até 03’: 20”]

Repórter	Pessoal, quem é que colocou isso aqui? Prefeitu-
Moradores	Prefeitura...colocou esses blocos-
Repórter	Isso, aqui, é pesado ((-se referindo a blocos de concreto no meio da rua)). Então, a prefeitura se mobilizou, colocou os blocos...
Morador	Colocou os blocos
Repórter	E não consertou?
Morador	Não consertou, não tomou nenhuma providência.
Repórter	Todo mundo sentando, também vou sentar, peraí ((se referindo ao fato de as pessoas estarem sentando nos blocos de concreto. A repórter, então, senta-se com ajuda dos moradores)). Sabe o que isso aqui tá lembrando? Sabe aquela música de crianç-peraí... ((começa a tentar cantar)) “Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira ((–as pessoas batem palmas e cantam juntas)) Esse aqui é outro ritmo?
Moradores	(Cantando e batendo palmas)) “Daqui não saio, daqui ninguém me tira”...
Moradora 1	((uma moradora começa a cantarolar outra música e a repórter coloca o microfone para ela)) ( ) “não quer me ajudar. Tanto tempo que eu ( ) não aguento mais ficar NO CHÃO”. ((Todos batem palmas enquanto a moradora canta.))
Repórter	((Cantando)) E a prefeitura tem que consertar ((enquanto balança os pés, seu sapato escapole)) UH:: Meu sapato...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 18 - Repórter sentando no bloco de concreto



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 19 – Repórter cantando, balançando as pernas, enquanto seu sapato sai dos pés



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 22/05 – O quadro vai até o bairro da Posse, em Nova Iguaçu, para atender a reclamação de moradores a respeito das inundações nas casas e nas ruas quando chove na região.

Quadro 8 - [Trecho 00': 21'' até 1': 02"]

Repórter	((Respondendo à âncora do RJTV, Mariana Gross, a repórter pede para que ela escute)) Mariana, pra ajudar a responder essa pergunta, escuta...
Moradora (Dádima)	((A câmera vai passeando por um quintal, passa pela área de uma casa e entra pela janela onde se ouve, a princípio, apenas as vozes da repórter e de uma mulher que começa a cantar)) - "Era uma casa muito engraçada, não tinha porta não tinha nada"
Repórter	((Enquanto a mulher canta)): - PoR::Ta:: ...a casa da Dádima ((abraçando a Dádima)), gente, não tem porta na frente ((se encostando na Dádima)), porque? ((perguntando de forma bastante pausada, direcionando o microfone para a Dádima))
Dádima	EnCHENTE.
Repórter	Por causa de enchEN::TE, Mariana...E, olha só, sofá? Ela senta aqui no sofazão, assiste o *RJTV*, assiste uma noveLIN::há, recebe as visitas...agora, repara ((apontando para baixo, a câmera focaliza no sofá, onde a repórter e a Dádima estão sentadas, suspenso do chão por duas cadeiras de madeira)) oh, aqui ((balançando os pés para mostrar a distância entre o sofá e o chão)), oh, aqui, sofá nas alturas, começou a chover o sofá sobe...
Dádima	No ALTO...
Repórter	Sabe quem não gosta muito, não? SU:: ZY:: ((aparece uma cachorra na filmagem que tenta subir na perna da Dádima)) ela não consegue subir no sofá assim::... Vamos ver a reportagem, mas, tá mudando isso ((se referindo à situação do sofá em cima das cadeiras)) aí, gente. Olha aí... Vai mudar, vai mudar
Dádima	Vai mudar, vai mudar...

Fonte: elaborada pela autora

Figura 20 – Repórter encostada na moradora



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 21 – Repórter falando com a cachorra



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 02/08/2017 – RJ MÓVEL, desde agosto de 2005, vai até a Estrada do Malafaia, no Município de São Gonçalo, ouvir a reivindicação da população local por asfaltamento, corte de um matagal e desentupimento de bueiros.

Quadro 9 - [Trecho – 00’: 24’’ até 01’: 19’’]

Repórter	((O trecho começa com a repórter olhando para frente, juntamente com a população, e não para a câmera. Alguns segundos depois da pergunta da âncora do *RJTV*, Mariana Gross, a repórter, responde)) Mariana, só um pouuinho. A gente tá só- dando uma olhadinha, aqui, porque é...é...é isso que você falou, não dá pra entender... gente ((se dirigindo ao moradores que como ela estavam olhando para frente)), vocês estão entendendo alguma coisa? Isso aqui...
Moradores	((Em coro)) Nã::o:: ...
Repórter	Aju- Mariana, ajuda a gente. Você que está em casa...Diógenes ((Câmera)), mostra, aqui. Gente, oh, só ((Se dirigindo com um pedaço de pau na mão para a frente de um portão, lugar para onde olhavam antes, em que algumas coisas estão escritas com giz. Com o pedaço de pau que tem à mão, a repórter vai apontando no “quadro” improvisado enquanto fala com os moradores e os telespectadores)) Vice-Prefeito de SÃ::o GonçA::lo, quem É::? ((Perguntando à população e apontando com o pedaço de pau para as palavras escritas))
Moradores	((Em coro)) Ricardo Pelicar
Repórter	O PREFEITO:: ? ((Acompanhando as palavras com um bastão de madeira))
Moradores	((Em coro)) JOSÉ LUIZ NANCI
Repórter	Tudo isso AQUI:: ...QUE QUE É? ((Enquanto circula com giz as palavras, dirigindo-se aos moradores))
Moradores	((Em coro)) PREFEITURA:: ...
Repórter	PrefeiTUra de São Gonçalo, uma coisa só, certo?
Moradores	Uma coisa só...uma coisa só...
Repórter	Agora, com é que pode: ((começa a falar por sílabas , enquanto toca o quadro com o bastão de madeira)) VICE-PREFEITO, Ricardo Pelicar, veio aqui ((enquanto movimenta bastante os braços com o bastão de madeira na mão)), ao vivo, e falou o que pra gente, pra vocês?
Moradora 1	Que o prefeito autorizou a obra.
Repórter	Pois é, e o ((indo para frente do quadro e apontando para o nome do prefeito com o bastão de madeira)) prefeito agora, tá dizendo o QUÊ?
Moradora 2	Não tem obra...não tem dinheiro
Repórter	( ) um diz, outro diz, um diz, outro diz...
Morador 1	A gente não tem culpa dessa confusão. A gente não pode pagar por isso
Repórter	Olha como o morador fica... olha a reportagem, olha...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 22 – Repórter segurando bastão de madeira e apontando para palavras escritas no portão



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 23 – Repórter circulando palavras escritas no portão



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 24/11/2017 – O quadro segue para gravação no município de Itaboraí, no bairro Ampliação, para conferir e comemorar a finalização da obra de asfaltamento.

Quadro 10 - [Trecho – 00': 35'' até 03': 00'']

Repórter	((Chegando na rua, onde na calçada os moradores aguardam a reportagem. A repórter sai correndo do carro e se encaminha em direção aos moradores)) GENTE, uma coisa: obra pronta?
Moradores	PRONTA:: ...Ê::
Repórter	((Enquanto pula e abraça moradora)) Ê:: ...Agora não afunda mais o pé na lama?
Moradoras	NÃO. NÃO.
Repórter	((AO fundo aparece uma mesa com um bolo e uns refrigerantes. Balões de gás também. A repórter, segurando na mão de uma das moradores e se agachando, pergunta)) Peraí, o que é que tem qui... DiÓ::gene::s...((fazendo sinal para que o câmera a acompanhe)). Gente ((enquanto abraça outra moradora)), que bolo mais lindo aqui:: ...((Se referindo à gravura que tem no bolo, com a logo marca do RJ MÓVEL. A apresentadora enquanto bate palmas, diz)) RJ MÓ::VE::L...ÊÊÊê...
Moradores	((batendo palmas)) ÊÊÊ...
Repórter	Posso fazer uma coisa? ((pegando um balão)) É dia de FESTA? ((E senta no balão para estourá-lo em cima da calçada. Depois é amparada pelos moradores)) UH:: ((enquanto pula)), depois a gente estoura mais... agora vamo andar na rua. ((A cena corta para imagens de uma outra visita. Mostra a repórter pulando amarelinha em meio a buracos na rua)) Olha a imagem. A gente pulando amarelinha de tanto buraco que tinha na rua. ((Agora a imagem corta para a cena da gravação do dia, mostrando um jogo de pular amarelinha desenhado na rua, agora, asfaltada)) E aqui tá a amareLIN::HA:: ...Essa não é buraco? ((se dirigindo a alguns moradores que estão atrás dela)) Não é lama?
Moradoras	NÃO:: ...
Repórter	Uh::, bora, gente ((e começa a pular amarelinha no chão asfaltado e sendo seguida pelas moradoras)). Ai, não pode queimar, hein... CheGAMOS:: ...
Repórter	((em uma cena mais à frente, a repórter sai de dentro da casa de alguém carregando um cacho de balões de gás, gritando pela rua)) DIA DE FES::TA:: ...EU NÃO RESISTO, bora, gente ((e senta nos balões para estourá-los no meio da rua asfaltada))

Fonte: elaborado pela autora

Figura 24 – Repórter sentando em cima de balões para estourá-los no meio da rua



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 25 – Repórter pulando amarelinha e sendo seguida pelos moradores que fazem o mesmo



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 08/11 – o RJ MÓVEL segue para o município de Nova Iguaçu, na Estrada de Adrianópolis, pela décima sétima vez, para receber reclamação de asfaltamento do local.

Tabela 11 - [Trecho – 1’: 14’’ até 2’: 03’’]

Repórter	((Depois de subir em um coletivo para fazer o trajeto por onde o ônibus tem de passar no pedaço da rua não asfaltada, a repórter, na rua, conversa com moradores)) ÔÔ::, GENTE:: Bom di::a. Buraqueira?
Morador 1	Já começou a buraqueira- é, TUdo de novo. A manutenção que foi pedida, não foi feita-
Repórter	Não voltaram?
Morador	Não voltara-...
Repórter	((Cena já corta para a repórter dentro de uma venda, em pé em cima de uma cadeira plástica, passando os dedos numa parte cheia de poeira e mostrando para a câmera)) Ge::nte, olha isso aqui no balcão e você limpa isso sempre?
Morador 2	Todos os dias... todos os dias.
Repórter	Todos os dias... gente, oh, vocês viram isso? Olha aqui...

Morador 1	Isso vai direto pro pulmão, Susane.
Repórter	Ai, NÃ::O... é verdade a gente RESPIRA isso...
Morador 1	Mas nós temos um paliativo ((pegando na mão da repórter))
Repórter	((descendo da cadeira)) E não dá pra parar de respirar, né?
Morador 1	Nós temos um paliativo, vem cá que eu vou te mostrar ((sai para a rua de mãos dadas com a repórter, acompanhado de outros moradores))
Repórter	Paliativo? Mais um paliativo, gente? O quê, por favor...bora.
Repórter	((Nesse momento, a gravação corta para uma cena em que os moradores, juntamente com a repórter, estão em círculo e de costas para a câmera)) Esse é o paliativo do morador?
Moradores	É:: ...
Repórter	Mostra lá... ((os moradores ficam de frente para a câmera e aparecem com pregadores em seus narizes, a apresentadora também)) Esse é o paliativo para não respirar poeira, pode isso?
Morador 1	Não pode...
Repórter	Mas, gente, respira pela boca, não adianta... É isso que vocês querem?
Morador 1	Não- claro que não...
Repórter	Não é, né? É obra?
Morador 1	É obra...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 26 - Repórter em pé em cima de cadeira plástica para falar com moradores



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 27 – Repórter e moradores com pregadores no nariz



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

3.4.1- Primitivização da pessoa negra: descrição das falas e ações

O quadro número 7 apresenta a transcrição dos trechos que correspondem à visita feita pelo RJ MÓVEL a Jacarepaguá, especificamente, até a Avenida Otávio Malta, que, como é sabido, estava impedindo o trânsito dos moradores devido à abertura de uma cratera no local. As falas registradas, bem como as imagens relacionadas (figuras 18 e 19), dizem bastante sobre a maneira com que a repórter interage com a população da localidade.

A partir do trecho selecionado, vemos a repórter andando na rua, após a averiguação do buraco aberto na referida avenida, ao lado dos moradores, até que chegam a um ponto onde alguns blocos de concreto parecem estar abandonados. Os blocos, de acordo com relato dos moradores, foram deixados ali pela prefeitura. A repórter vai fazendo perguntas ao passo que os moradores vão respondendo.

Na sequência, alguns dos moradores vão se aproximando dos blocos e sentando na parte superior deles. A repórter, ao perceber esse movimento, diz que também vai sentar nos blocos de concreto. Senta e é ajudada, para isso, pelos moradores. Nesse mesmo momento, a repórter começa a dizer que aquela cena lembra uma determinada música, que remete à infância, a coisa de criança. A partir de então, começa a cantarolar a conhecida marchinha de carnaval "Daqui não saio, daqui ninguém me tira".

Daí em diante os moradores começam a acompanhar a repórter em sua ação, batendo palmas. No momento que se segue, outra moradora, cujo nome não é dito, começa a cantarolar ou falar em ritmo de música algo relacionado ao fato de já estar esperando há tanto tempo por ajuda, de já estar cansada. Depois disso, a repórter, seguindo na mesma linha, começa a falar em forma de canção e de maneira quase cifrada, pausada, dizendo que 'a prefeitura tem que consertar". A repórter balança as pernas e, nesse momento, seu sapato escapa de um dos pés. Um dos moradores acaba pegando.

Há, nesse recorte da transcrição, uma investida da repórter em tornar aquele instante algo próximo ao universo infantil, tanto que ela diz lembrar-se de uma música de criança, antes de começar a cantar a tal marchinha. Ela bate palmas e os moradores que ali acompanham a matéria fazem o mesmo. O ritmo, o modo como as ações são empregadas, bem como a maneira de falar, deflagram essa necessidade de criar uma espécie de didática adaptável para aquele ambiente, em face do que julga ser preciso para interagir com aquela população.

Em relação às falas e gestos empreendidos no trecho da tabela 8, selecionado com base na visita do dia 22/05/2017, quando a equipe do RJ MÓVEL segue para o bairro da Posse, em Nova Iguaçu, para averiguar um problema relacionado à enchente nas casas da região, podemos observar que a repórter assume a mesma postura de infantilizar a situação, bem como a moradora com quem mantém o contato para a gravação da matéria.

A repórter pede para que a moradora, Dádima, responda à pergunta da âncora Mariana Gros, que falava do estúdio do *RJTV*, cantando. Só que agora, a música da vez é um conhecido clássico direcionado ao público infantil, “A casa”, composta por Toquinho e Vinicius de Moraes. Para a resposta, a moradora, Dádima, faz uma adaptação ao dizer que a casa “não tinha porta, não tinha nada”. Mais uma vez, a forma que a repórter usa para se comunicar com a moradora, ou mesmo permitir que a mesma fale, se encaixa nessa perspectiva de adequação da linguagem, que resgata memórias relacionadas à infância.

Nesse mesmo trecho selecionado, há um momento em que a cachorra, Suzy, entra em cena e a repórter se dirige a ela, na forma de falar e nos gestos, no toque (figura 21), da mesma maneira primitivizada, cifrada, com que interage com Dádima, a moradora. Encostando-se à mulher, enquanto fala com ela, enrosca seu braço no braço da moradora (Figura 20).

Também podemos perceber traços deste mesmo aspecto paternalista e infantilóide dispensado no tratamento aos moradores da Estrada do Malafaia, São Gonçalo, registrado no quadro que foi ao ar no dia 02/08/2017. Os moradores reclamavam a ausência de asfalto, o matagal que crescia e o entupimento de bueiros no local. Dessa vez, a repórter cria uma maneira de falar com os moradores e telespectadores que dialoga com o processo de alfabetização. Ela usa um portão, que faz de quadro negro usado nas escolas, onde escreve com giz algumas palavras, ao mesmo tempo em que usa um pedaço de pau como bastão para apontar a leitura aos moradores (Figura 22).

Aqui, podemos perceber que a repórter tenta usar das mesmas técnicas que remetem a uma sala de aula: uma professora e seus alunos, ali representados por ela e os moradores. Ela atua como alguém que explica aos moradores, circulando e apontando com o bastão, além de falar pausadamente, por meio de uma leitura das sílabas das palavras, circulando (Figura 23) os nomes do prefeito e vice-prefeito da cidade, a quem a população deve cobrar melhorias para o local.

No dia 24/11/2017, a equipe do RJ MÓVEL vai em direção ao bairro Ampliação, que fica na cidade de Itaboraí, para comemorar a finalização do asfaltamento nas ruas. Como nas outras gravações selecionadas anteriormente, o trecho da visita em questão também traz imagens e falas que fazem conexão com um cenário

acriançado, tanto pelos objetos que compõem o ambiente, quanto pelos modos de interação empreendidos pela repórter e assimilados pelos moradores.

Nesse episódio, a repórter é recebida pelos moradores com um bolo confeitado que traz como decoração o logotipo do RJ MÓVEL, em homenagem ao quadro pela realização e finalização do asfaltamento nas ruas. A gravação mostra ainda que, em meio ao cenário de festa, com balões inclusive, a repórter, pedindo permissão aos moradores por não resistir àquela vontade, senta-se na calçada e, depois, no meio da rua (Figura 24), em cima de um balão e o estoura. Quer dizer, ela age com um comportamento de criança, porque, para ela, assim é possível a comunicação com aquelas pessoas ali, já que só através de uma conversação adaptada é possível haver diálogo.

Há, ainda, em outra cena desse mesmo quadro, um momento em que a repórter, relembrando uma gravação anterior, no mesmo bairro, chama a imagem dela pulando amarelinha, uma brincadeira de criança, em meio aos buracos que eram grandes e inúmeros na rua. A cena-, então, se repete na gravação de comemoração, porém agora o jogo da amarelinha está desenhado no asfalto. A repórter sai pulando e chama a população a fazer o mesmo, o que, de fato, acaba acontecendo (Figura 25).

Agora, no último trecho selecionado para esta categoria, Primitivização da Pessoa Negra, temos um quadro gravado no dia 08/11/2017, na Estrada de Adrianópolis, Nova Iguaçu. Ali, os moradores continuam a reivindicar obras de asfaltamento para o local. O recorte da transcrição do trecho mostra a repórter em pé em cima de uma cadeira plástica, dentro de uma venda, passando a mão em um local muito empoeirado devido à terra da estrada. Depois de feita a observação da sujeira, a repórter continua em cima da cadeira enquanto se dirige aos moradores, que metaforicamente, estão abaixo dela (Figura 26).

Após esse episódio, os moradores levam a repórter até a rua, dizendo que dispõem de um meio paliativo para lidar com tamanho volume de poeira. A câmera então adianta para uma cena em que todos, quase em círculo, estão de costas para a filmadora e, quando se viram, a repórter narra o modo como fazem para evitar tanta poeira. Quando então todos aparecem com pregadores no nariz, inclusive a própria repórter do quadro (figura 27).

Não é, portanto, novidade a repetição desse padrão acriançado com que a repórter e o quadro conduzem o tratamento junto a essas populações a que atende, sempre insistindo numa fala infantilizada, adaptada para referenciar o que ela acredita ser o nível de capacidade que aquelas pessoas conseguem atender para a manutenção de um diálogo.

3.4.2- Primitivização da pessoa negra: paternalismos sob as máscaras

Podemos afirmar, de acordo com a leitura de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, que, para Fanon (2008), o processo colonial e os mecanismos de dominação eurocentrada, para além de submeter materialmente os povos colonizados, sujeitavam essas mesmas populações pela via da linguagem, "uma vez que falar é existir absolutamente para o outro." (FANON, 2008, p. 33)

Nesse sentido, ao observarmos o quadro RJ MÓVEL, é possível identificar o motivo pelo qual Fanon (2008) traz a perspectiva da linguagem enquanto fenômeno potente, cujo poderio hegemônico de quem o domina é capaz de atuar de maneira fundamental tanto como instrumento de subjugação eficaz, junto ao grupo colonizado, como também na qualidade de ferramenta eficiente em suplantar psicologicamente os acontecimentos emocionais e gerar traumas e complexos aos povos que estão submetidos ao regime colonial.

Os recortes escolhidos para análise desta categoria, Primitivização da Pessoa Negra, podem ser apontados a partir de um olhar mais reflexivo, atentando para aspectos raciais extremamente demarcados e definidos naqueles espaços – mídia e periferias –, tendo em vista a observação dos papéis exercidos pela repórter que comanda o quadro e também o lugar que a audiência (moradores e telespectadores) acaba sendo compelida a se sujeitar de forma caricata e, por isso mesmo, não menos opressora.

São incontáveis o número de vezes em que a repórter do quadro se dirige à população dos locais em que visita de forma com que pareça que existe uma necessidade de cifrar outros códigos da língua portuguesa, para que haja êxito na

interação entre as partes. A repórter age como se previamente conhecesse uma fórmula, um jeito específico de “lidar” com aquelas pessoas.

Seguindo uma lógica estigmatizante que encarcera a população, negra em sua grande maioria, a quem o programa atende e se dirige, para isso, a repórter mantém um comportamento que se assemelha às marcas, a ferro e fogo, que os senhores de mulheres e homens negras (os) escravizadas (os) faziam nos corpos destas pessoas para que ficassem ali carimbados como objeto sobre o qual existe uma definição, uma noção.

É isso que o trato dispensado a esses moradores configura, assinalação de território, objetificação de corpos, levando em conta que essa forma de submeter pela adaptação da linguagem, pela infantilização das ações, demarca lugares de poder, manutenção de representações do que deve ser sepultado em sua origem cultural, já que a linguagem, os modos, os hábitos do civilizador, da cultura metropolitana, devem ser assimilados pelos dominados (FANON, 2008, p. 44).

Pensar a assimilação dos valores culturais da metrópole (FANON, 2008, p. 44) pelo colonizado, como forma de salvar a si mesmo de seu lugar tido como não-civilizado - e aí fazendo uma analogia com o acolhimento que a população dispensa à equipe e, principalmente, à repórter do quadro RJ MÓVEL –, só comprova o quanto a atuação de práticas racistas, por mais diversas e particulares que possam ser, e são, acabam por padronizar certas ocorrências seja qual for a nacionalidade que estejam prontos para atuar. Falamos isso com base na seguinte afirmação de Fanon:

> No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem. Mais ainda, ampliaremos o âmbito da nossa descrição e, para além do antilhano, levaremos em consideração qualquer homem colonizado. (FANON, 2008, p. 34).

Como é possível observar, ao assistirmos as gravações do quadro RJ MÓVEL, notamos que existe uma necessidade da população negra e periférica em assumir a função que lhe é designada pelo veículo midiático em questão, mas também um desejo quase insaciável da repórter em mostrar que, de alguma forma, está apta e possui qualidades para “lidar” com aquelas pessoas, aqueles “outros”, seres primitivos.

Em relação a essa aspiração de integração da pessoa negra, dos moradores no caso, em fazer parte desse universo metropolitano, e aí sob a pena de exercer qualquer

faceta de submissão que lhe for designada, de acordo com Fanon, suas origens são de ordem psicológica, geradas pela experiência da colonização e dos aspectos de negativização atrelados às identidades que são tidas como do "outro", à desumanização que, portanto, sofrem, em detrimento da valoração do modelo branco e eurocêntrico daquele que coloniza.

Há, de outra forma, uma justificativa de ordem social para este apego do colonizado, que não deixa também de se conectar com a matriz psicológica da questão e que opera no que podemos conferir a respeito da possibilidade de ascender socialmente, levando-se em consideração os lugares de prestígio que essas pessoas brancas, representações do colonizador, ocupam na sociedade. Ocorre um desejo, portanto, de alcançar determinados espaços, mas porque, antes disso, existe a fabulação de uma ideia de supremacia das pessoas brancas e positivação de suas representações no meio público, em contrapartida ao desfavorecimento de tudo que é relativo ao grupo de pessoas negras. Para Maria Aparecida Bento:

> Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a auto-estima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. (BENTO, 2002, p. 25).

A autora reflete os privilégios simbólicos e materiais que dialogam com a prática da padronização do modelo de humanidade como sendo correspondente, tão somente, ao grupo branco e seus valores identitários, bem como o orgulho de suas pertenças. Isto seria, então, uma espécie de aparelho, ferramenta que assegura a manutenção de seus espaços de poder e privilégio e como isso gera uma crença e concepção positiva no que se refere às vantagens que sempre tiveram, e se mantém, no campo econômico, político e social.

Agora, se formos tratar aqui da necessidade da pessoa branca, no caso desta pesquisa, representada pelo veículo midiático e pela figura da repórter que comanda o quadro RJ MÓVEL, podemos dizer que existe também, dessa parte, uma espécie de desequilíbrio psicológico que, diferentemente do colonizado, não sofre qualquer perda ou desprivilegio. De outra forma, existe como que uma incontrolável ambição

depravada em desmoralizar e fazer do “outro” objeto da volúpia colonialista, submetendo a cultura que destoa da que acredita ser a civilizada.

O branco que incorpora as características, os hábitos e os valores do colonizador eurocentrado procura saciar seu desejo de dominação, agindo como um senhor contemporâneo de escravizados cuja marca que fere a ferro e confirma que aquele homem-objeto lhe pertence, é agora reatualizada, e usa como material bélico a linguagem como via de domínio e submissão.

Essa é uma atuação notadamente perceptível durante a exibição do quadro RJ MÓVEL, que repetidas vezes se processa, tão logo se começa a assistir aos vídeos com um olhar mais apurado para as questões raciais. Notemos, por exemplo, que a repórter tanto faz uso de uma linguagem cifrada, seja mudando o tom de voz ao dirigir-se aos moradores, de forma que pareça estar falando com uma criança, ou mesmo quando age, diante das situações do alheamento governamental, apelando para brincadeiras infantis, por exemplo.

A gravação correspondente ao dia 24/11/2017, que se passa em Itaboraí, traz em cena a repórter no meio de uma comemoração das obras de asfaltamentos, já finalizadas. Neste enredo, pelo menos duas são as formas de linguagem adaptada, eleitas pela repórter, para estabelecer o diálogo com os moradores. Assim, em determinado momento do diálogo (ver tabela número 10), é possível observar que a repórter pergunta a uma das moradoras se pode fazer “uma coisa”, que seria, exatamente, pegar um balão de gás que ornamenta a homenagem feita para receber o quadro, e sentar em cima dele, na calçada, para estourá-lo (ver figura 24).

Nesse mesmo dia de gravação, a repórter chama imagens de uma outra visita ao local onde ela encenava pular o jogo de amarelinha diante de buracos enormes no meio da rua. Como se não bastasse a retrospectiva, a repórter repete a cena, só que agora na rua asfaltada. O que acontece em seguida é que ela começa, então, a pular amarelinha e chama os moradores para que façam o mesmo (ver figura 25).

Existe, portanto, uma certeza não só de que aquelas pessoas atenderão ao comando, por mais absurdo que lhes pareça, como também uma falsa crença a respeito de saber, exatamente, como interagir com aquelas pessoas a partir de uma perspectiva lúdica, no sentido mais inconveniente que a palavra possa significar. Tudo isso recai sobre a ótica colonial que se empenha em destruir os valores culturais e o passado

histórico dos outros povos, pois, de acordo com as práticas empreendidas nas políticas de dominação, somente o homem branco é portador de comportamentos civilizados.

A perspectiva da linguagem adaptada funciona como uma a gentileza ofertada, uma chance dada ao colonizado, ao negro, ao morador das periferias, atendido pelo quadro RJ MÓVEL, de assumir uma parte no processo de comunicação, ainda que de forma limitada, respondendo como uma criança em fase de aprendizagem, onde se usam recursos, gestuais mímicos, ruídos, jogos. O negro vai então se comunicar através da palavra, mas numa linguagem conferida à sua capacidade de estrangeiro, de "outro". Nesse sentido, podemos nos ancorar no que Fanon pontua:

> Dizem que o negro gosta de *palabre*, ou seja, de parlamentar; contudo quando pronuncio *palabre*, o termo faz pensar em um grupo de crianças divertindo-se, lançando para o mundo apelos irresponsáveis, quase rugidos; crianças me pleno jogo, na medida em que o jogo pode ser concebido como uma iniciação à vida. Assim, a ideia de que o negro gosta de resolver seus problemas pela *palabre* é rapidamente associada a esta outra proposição: o negro não passa de uma criança. (FANON, 2008, p. 41).

Seguindo essa mesma linha de contato com os moradores, nos dias 16/05/2017 e 22/05/2017, respectivamente em Jacarepaguá e Nova Iguaçu, diante das reclamações dos moradores em relação a buracos nas ruas e enchentes, a repórter canta e/ou pede para que as pessoas em questão também cantem durante a exibição da reportagem e das denúncias relacionadas aos problemas estruturais das localidades.

Em Jacarepaguá, a repórter chega a verbalizar que a cena onde se encontra, sentada em blocos de concreto que deveriam estar sendo usados nas obras paralisadas, onde ela permanece sentada em cima, a fazem lembrar de uma canção, segundo a repórter, de criança. Nesse momento, ela começa a cantar e é acompanhada por palmas e pela letra da música por alguns moradores. Em seguida, ela mesma cria uma espécie de fala cantada, reafirmando a responsabilidade da prefeitura em relação às demandas do local (Ver tabela 7 e figuras 18 e 19).

Em Nova Iguaçu, diante das denúncias contra as enchentes nas ruas, a repórter, que se localiza dentro da casa de uma das moradoras, pede para que âncora do *RJTV*, Mariana Gross, que espera uma resposta, ouça o que está por vir. Em seguida, uma moradora, a senhora Dádima, mulher negra, começa a cantarolar, fazendo adaptações, a

música “A Casa”, um clássico infantil de composição de Toquinho e Vinícius de Morais (Ver tabela 8 e figura 20).

Nesses dois dias de visitas, podemos afirmar, mais uma vez, que a repórter adota práticas que se relacionam por inteiro com o que Fanon (2008) coloca a respeito do constrangimento que o colonizador impõe ao colonizado, através dessa adaptação dos signos, forçando-o a se comunicar por meio de uma linguagem, nesse caso, as canções que, quando não associadas pela própria repórter a um contexto infantil, são, de fato, canções de conhecimento público que se relacionam com o universo das crianças. Ou seja, um universo relegado ao negro, ao morador periférico que precisa, como uma criança, ser iniciado nos rituais e processos da fala, da comunicação para coletividade.

Outros dois momentos selecionados para análise desta categoria em questão, Primitivização da Pessoa Negra, são as gravações referentes aos dias 02/08/2017, na Estrada do Malafaia, e 08/11/2017, na Estrada de Adrianópolis.

Os dois episódios contam com outras adaptações da modalidade infantil de permitir e administrar o lugar que os moradores, negros e periféricos, das localidades em questão podem transitar no tocante aos diálogos estabelecidos e conduzidos pela repórter. Ambas as situações, dia 02/08 e 08/11, estão apoiadas numa certa lógica que, ao instituir os lugares que devem ser ocupados no processo da interação, diz “Você aí, fique no seu lugar!” (FANON, 2008, p. 46).

“Seu lugar” pode ser tranquilamente assimilado para o lugar de esteriotipação sobre o qual pesa a opressão que compele a pessoa negra a permanecer inferiorizada e constrangida pelo que o branco colonizador, a repórter do RJ MÓVEL, não se embaraça em fazer.

É o que acontece no quadro exibido dia 08/11/2017, em que a repórter, primeiramente, se posiciona em cima de uma cadeira plástica para averiguar o volume de poeira em um estabelecimento da localidade e onde continua em pé, falando, de um lugar de destaque, com os moradores, o que confere uma cena emblemática~~,~~ que desenha a representação cotidiana do lugar de privilégio e da manutenção da supremacia da pessoa branca.

Em um segundo momento dessa mesma gravação, os moradores dizem ter um modo paliativo para enfrentar a poeira, ali, no local e convidam a repórter para conferir. Em seguida, todos, inclusive a repórter, aparecem com um pregador de roupa no nariz.

O caráter jocoso e recreativo que a repórter imprime nas gravações torna essa investida em primitivizar aquelas pessoas apenas em uma descontração, uma maneira de chegar à solução do problema, ainda que pela via do entretenimento que impossibilita a movimentação da pessoa negra

Diante dessa marcação de permanência que estabelece quem deve permanecer aonde na dinâmica do diálogo, pressupõe-se, mais uma vez, que o colonizado, o negro, neste caso o morador negro periférico, não possui qualquer repertório que sirva para que este esteja apto ou possa inserir-se na estrutura da interlocução. O morador precisa, como é o caso da gravação na Estrada do Malafaia, ser alfabetizado e, assim, a repórter o faz: usa quadro, giz e um bastão de madeira para quase soletre a quem os moradores devem recorrer para solicitar seus direitos. (Ver tabela 9 e as figuras 19 e 20)

Nesse sentido, podemos imaginar que, diante desse campo das disputas de poder, pela dominação da opinião através da propaganda assistencialista midiática, que flerta e reproduz uma perspectiva colonial de controle das massas, o RJ MÓVEL aplica comandos que se assemelham a práticas de caráter doutrinador.

Esses comandos, por sua vez, funcionam como instrumentos ideologizantes, valendo-se de concepções típicas e concernentes à classe dominante, que, expandindo como verdade absoluta crenças universais, silenciam as subjetividades dos indivíduos, de maneira que, em havendo qualquer movimento de reivindicação das autonomias desses sujeitos, estarão submetidos, por exemplo, aos aparelhos de correção do estado: policiais, militares, jurídicos, burocráticos (COUTINHO, 2014, p. 17)

Sobre o RJ MÓVEL, na análise até aqui empreendida, pode-se dizer é mesmo o esboço, o plano de um projeto midiático articulador, hábil na tarefa de persuadir, que sustenta suas práticas escusas na crença de uma população que vê como alienada e de fácil possibilidade de seduzir.

Há nesse entremeio, portanto, a perspectiva das relações raciais operando de forma que a crença e a garantia de controle e administração sobre as vidas de uma massa alheia de sua própria existência e particularidades se tornem ainda mais conquistáveis, chefiadas, moderadas e modeláveis, caso, ainda por cima, seja uma população negra. Como sabemos, tão logo o imaginário coletivo, bem como as representações sociais sejam domadas e delimitadas, as elites terão cumprido seu papel

na manutenção de seus privilégios e consolidado de forma eficaz o "arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial" (FANON, 2008, p. 44).

Poderíamos, aqui, ser interpeladas pela assertiva de que o quadro RJ MÓVEL, bem como a figura da repórter, que representa o "amadrinhamento" da Rede Globo de Televisão e seu conglomerado para com as populações desfavorecidas econômica e socialmente das periferias, consideram-se o serviço prestado ao povo dessas localidades uma preocupação e um cuidado para com as situações de descaso dos governos.

Além disso, há quem acredite na disposição solidária e não intencional em reproduzir práticas racistas, através de aparatos ancorados numa produção de linguagem cifrada e adaptada, por parte do veículo midiático, em relação à maneira com que lida com as populações negras, audiência de seus programas. Mas, para isso, Fanon (2008), nos chega em boa hora, pontuando:

> Falar petit-nègre a um preto é afligi-lo, pois ele fica estigmatizado como 'aquele que fala petit-nègre'. Entretanto, pode-se argumentar que não há intenção ou desejo de afligi-lo. Concordamos, mas é justamente essa ausência, essa desenvoltura, esta descontração, esta facilidade em enquadrálo, em aprisiona-lo, em **primitivizá-lo**, que é humilhante. (FANON, 2008, p. 45, grifo nosso).

Portanto, agir sobre o morador, expandido isso até o telespectador, audiências fiéis do quadro, de modo a afligi-los é também, para além do idioma gramatical da língua portuguesa usado para fins discriminatórios, se utilizar de uma linguagem ajustada, convertida pelo RJ MÓVEL, nas práticas cotidianas aplicadas pela repórter responsável pelo comando do quadro, ao submeter os moradores à execução de cenas jocosas e constrangedoras que os estereotipam e exclui: o *petit-nègre* da vez. Nas palavras de Fanon:

> É que o preto deve sempre ser apresentado de certa maneira, e, desde o negro do filme *Sans pitiè* – 'eu bom operário, nunca mentir, nunca roubar', até a criada *Duel au soleil*, encontramos o mesmo estereótipo. (...) Sim, do negro exige-se que ele seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar *petit-nègre* é aprisioná-lo a uma imagem, embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um aparecer pelo qual ele não é responsável. (FANON, [1952(2008)], p. 47, grifo do autor).

3.5- As falas e os gestos: a espetacularização da negritude e da pobreza

Assim como o fizemos anteriormente nos outros subitens de análise, é significativo pontuar que os trechos que seguirão para averiguação da categoria Espetacularização da Pobreza e da Negritude (FANON, 2008), foram extraídos de vídeos disponibilizados pelo canal online Globo Play. Faremos a disposição das falas dos trechos em tabelas numeradas, seguidas de imagens que ilustraram os diálogos. Posteriormente, fazendo a junção dos dados (tabelas das falas, imagens e descrição), iniciaremos a análise propriamente dita destes recortes.

- Dia 23/06/2017 – O RJ MÓVEL vai até o bairro de Jóquei para ouvir o pedido dos moradores para a construção de uma passarela para pedestres.

Quadro 12 - [Trecho – 01':59" até 02': 24"]

Repórter	((Falando com morador que está na bicicleta de passagem pela rua)) O senhor trabalha com o quê, Seu Hailton?
Hailton	Eu vendo produtos de limpeza, desinfetante, cloro...
Repórter	Quer dizer, tem que circular?
Hailton	Tem que rodar tudo... passo por aqui, se tiver com lama , eu tenho que passar pelo cantinho... ((nesse momento a câmera dá um close no lamaçal por onde o morador vai passar com a bicicleta))
Repórter	Ai, ai, ai...vai lá, vai dar tudo certo ((juntas as mãos como se estivesse rezando)) Vai, vai...Força. Ai, ai, ai, lá vai ele... VA::I, o senhor consegue ((–a repórter começa a pular enquanto o morador passa pela lama de bicicleta)) Cuidado, cuidado, vai pelo cantinho...a poça, a poça, a poça...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 28 – Câmera dando close no lamaçal da rua



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 29 – Repórter vibrando enquanto homem negro passa de bicicleta pela lama



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Quadro 13 - [Trecho – 01’:59” até 02’: 24”]

Repórter	((no mesmo local, a repórter aparece com sacolas plásticas nos pés atravessando de mãos dadas com algumas moradoras o lamaçal)) vai dar tudo certo, vamo... agora, olha a situação. Dona Nilda, quantos anos a senhora tem? ((se dirigindo há uma senhora idosa negra que atravessa o lamaçal também))
D. Nilda	Setenta e um anos-
Repórter	Setenta e um anos, prefeito, passando por isso...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 30 – Repórter com sacolas plásticas nos pés atravessando lama de mãos dadas com moradoras



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Quadro 14 - [Trecho – 00’: 27” até 00’: 40”]

Repórter	((Na frente de um canal, um valão que precisa de uma ponte)) Não fizeram nada, Neuza... deixa eu ir ali ver ((Vai descendo para dentro do declive)) Como é que a prefeitura deixa um negócio desses? Olha... o perigo que é isso ((descendo mais)) Deixa eu chegar aí, eu quero mostrar isso pra quem tá em casa...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 31 – Repórter atravessando valão



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 26/06/2017 – O RJ MÓVEL vai até o bairro de Campo Grande, onde os moradores pedem reinício de obra para construção de ponte para pedestre.

Quadro 15 - [Trecho – 03’: 40” até 02’: 24”]

Repórter	((Repórter deitada numa rede improvisada, segurada pelas pilastras do início da construção de uma ponte. Os moradores cercam a repórter e a balançam)) ACHAMOS UMA UTILIDADE:: PRA PILASTRA... Vamo lá, gente. Enquanto a gente espera a obra, a gente... pendura umas redes aqui. Agora, essa obra vai demorar, será?
Moradores	NÃ::O:: ...
Repórter	((continua sendo balançada pelos moradores)) Nós convidamos o representante da prefeitura pra vir aqui, mas não veio ninguém, mas mandaram, pera, pera, peraí ((levantando-se da rede)) Mandaram uma nota, que é seguinte... ai, gente, como diz a Mariana ((Mariana Gross, âncora do RJ TV 1° Edição)), perguntou até se eu desanimei, mas olha, dá vontade, mas a gente não vai desanimar...
Moradores	ÊÊÊÊ:: ...

Repórter	Por incrível que pareça a Secretaria de Infraestrutura, do secretário Índio da Costa, mandou a me::sma nota da outra vez, gente...
Moradores	AH:: ...
Repórter	É... dizendo o seguinte...dizendo o seguinte: que essa obra, essa ponte prometida- PRA CÁ, CADê A PONTE? ((Indo em direção ao valão onde a câmera começa a enquadrar)) É do projeto Bairro Maravilha, que foi paralisada pela administração antiga, e que assim que eles tiverem dinheiro, eles recomeçam a obra. Agora, não deram uma data pra vocês?
Moradores	NÃ::O:: ...
Morador 1	Compromisso, falta de compromisso com o mandato...
Repórter	Pois é, mas quer saber, quer sabe-
Morador 2	Até quando essa humilhação vai continuar?...
Repórter	Ô::, gente...
Morador 2	ATÉ QUANDO? NÃO TEM NINGUÉM PRA TOMAR PROVIDÊNCIA SOBRE ISSO AQUI...( )
Repórter	Qual o nome do senhOR :: ?
Morador 2	O MEU NOME É BENEDITO, E SOU CONHECIDO COMO CHEIRO-VERDE DA... CHEIRO-VERDE GARI
Moradores	ÊÊÊ:: ...
Repórter	Quantos anos?
Benedito (morador 2)	TENHO SESSENTA E UM ANOS
Repórter	Dá um abraço ((enquanto abraça o morador)), VAI CONSEGUIR A PONTE:: ...
Moradores	ÊÊÊ:: ...
Repórter	Prefeitura, não tem cabimento, né? A GENTE VOLTA, QUER SABER? A PREFEITURA NÃO DÁ DATA, MAS A GENTE DÁ ((Pegando o calendário))...
Morador 3	Só... compara uma injustiça, que a reportagem que antecedeu essa, falou que a ponte foi feita pelos moradores. Não foi feita pelos moradores, tá. Os moradores passavam aqui em dois tubo-
Repórter	((Cortando a fala do homem)) AH:: ...era tudo improvisado. Uma canetinha pra gente anotar aqui... ((pede uma caneta para marcar data em calendário segurado pelo morador, dado pela equipe do quadro))
Morador 3	Susana... Susana ((tocando nas costas da repórter)), Susana...
Repórter	((Sem responder ao morador 3 e de costas para ele, enquanto marca data no calendário)) aqui, então, Mariana, anota aí, pra gente retornar. Se a prefeitura não dá resposta, a gente dá...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 32 – Repórter deitada numa rede improvisada no meio da obra interrompida e sendo balançada por moradores



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

Figura 33 – Morador cutucando repórter, que lhe dá as costas para marcar calendário



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 04/09/2017 – O RJ MÓVEL vai até o bairro de Santa Cruz, na Estrada dos Palmares, onde os moradores solicitam o começo das obras de asfaltamento na área.

Quadro 16 - [Trecho – 01’:59” até 02’: 24”]

Repórter	((Respondendo a âncora do RJ TV 1° edição, enquanto se maquia ao lado de um morador ornamentado de palhaço)) O:OI, Mariana... não, não, tô aqui me maquiando, né, Mariana. A gente vai entrar ao vivo, aqui, no jornal, tem que tá maquiada. ((Dirigindo-se ao morador, homem negro, pintado de palhaço)) Você tá maquiado do quê?
Morador	( ) -
Repórter	De palhaço, certo?
Morador	É...
Repórter	Agora, seguinte Mariana, uma pergunta, aqui: você chega em casa com essa maquiagem o que que acontece? ((falando com o morador maquiado de palhaço))
Morador	Já era, acaba tudo. Jogou água, saiu toda...
Repórter	Deixa eu botar mais um pouquinho aqui, OH:: ...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 34 – Repórter se maquiando ao lado de morador vestido de palhaço



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 17/11/2017 – O quadro segue para gravação em Guaratiba, para conferir as obras de esgoto e pavimentação.

Quadro 17 - [Trecho – 01’: 33’’ até 01’: 07’’]

Repórter	O::lha esse buraco aqui... co- olha, aqui, Diógenes, mostra aqui... Gente, continua aqui, igualzinho... ((a câmera vai dando um close no buraco que está com entulho e a repórter vai se baixando até o meio fio))
Moradora 1	Fizemos o bolo de um ano
Repórter	Cadê, comeram tudo, pega lá...AH:: pega LÁ ... ((Moradora vai pegar o bolo. Em seguida aparece com ele nas mãos)) E o bolinho chegOU:: ... É o bolinho do buraco, bota aqui o burac- o bolinho do bura::co. Tá até acesa a vela, gente. Vamos fazer um pedido, aqui- ((a repórter está sentada no meio-fio da calçada)), tem música, como que é a música?
Moradores	((Cantando)) O buraco faz ano que ele seja tampado, O BURACO FAZ ANO QUE ELE SEJA TAMPADO.
Repórter	Ê:: ... Esse é o nosso desejo ((apagando a vela do bolo)).

Fonte: elaborado pela autora

Figura 35 – Repórter comemorando o aniversário do buraco



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

- Dia 24/11/2017 – O quadro segue para gravação no município de Itaboraí, no bairro Ampliação, para conferir e comemorar a finalização da obra de asfaltamento.

Quadro 18 - [Trecho – 00’: 47’’ até 00’: 56’’]

Repórter	((Ao fundo aparece uma mesa com um bolo e uns refrigerantes. Balões de gás também. A repórter, segurando na mão de uma das moradoras e se agachando, pergunta)) Peraí, o que é que tem aqui... DiÓ::gene::s... ((fazendo sinal para que o câmera a acompanhe)). Gente ((enquanto abraça outra moradora)), que bolo mais lindo aqui:: ((Se referindo à gravura que tem no bolo, com a logo marca do RJ MÓVEL. A apresentadora, enquanto bate palmas, diz)) RJ MÓ::VE::L... ÊÊÊê...
Moradores	((batendo palmas)) ÊÊÊ...

Fonte: elaborado pela autora

Figura 36 - Repórter bate palma para bolo com logo marca do RJ MÓVEL feito pelas moradoras



Fonte: *print screen* elaborado pela autora

3.5.1- Espetacularização da negritude e da pobreza: descrição das falas e ações

A categoria em questão, é importante que se pontue, surge também de nossa reflexão sobre as duas categorias anteriores mobilizadas por Fanon (2008), já expostas nesta pesquisa. Espetacularização da Pobreza e da Negritude nos chega não apenas como produto da análise e reflexão de "Amabilidade Artificiosa" e "Primitivização da Pessoa Negra", mas também como fator que se ajusta enquanto prática racista, padrão de manipulação que identificamos como recorrente e pertencente às ações empreendidas pelo roteiro do RJ MÓVEL, bem como o tratamento dispensado a sua audiência (moradores e telespectadores) pela repórter que comanda o quadro, Susana Naspolini.

O que podemos observar, nas cenas e nos diálogos selecionados para análise, são imagens que associam comunicação e entretenimento a uma dialética de estereotipação caricata tanto em relação à fotografia das localidades (bairros e ruas), carentes de ações

de infraestrutura, como também à imagem relegada às pessoas/moradores, figuras importantes, que agrupam a gravação do quadro.

Admitindo, portanto, o marcador racial, para além do marcador social de classe que se fazem presentes nesses locais e que se confirmam também pela ação de análise desta pesquisa, não é novidade se dissermos novamente que a estereotipia se dá em relação à condição dessas pessoas enquanto população negra.

Dito isto, nos interessa tocar em um outro ponto. Para tanto, faremos uma conexão com alguns conceitos bastante movimentados na área da comunicação, que acabam por dar suporte a esta análise. Assim, podemos citar inicialmente, para agregar a este recorte racial, o que teóricos do campo chamam de *infotainment* - uma espécie de fusão entre informação e entretenimento[43].

Devemos dizer que, em parte, isso responde ao que buscamos aqui explicitar, por tratar de aspectos relativos a lógicas de consumo, que de muitas maneiras estão conectadas a interesses voltados para ações de controle e domínio das massas, das grandes populações. É, portanto, um diálogo contemporâneo situado entre práticas de soberania imperialista (re)atualizadas que produzem aspectos característicos ao regime colonialista.

Se nos atentarmos para a noção de que, nos sistemas da mídia contemporânea - suportes digitais, redes sociais, canais online, etc. - diante da diversidade conceitual daquilo que passa a ser assimilado como informação, o jornalismo tido como tradicional, bem como sua prática, começa a perder lugares de atuação antes ocupados só por profissionais da área, e quando não é isso que acontece, os próprios jornalistas começam a flexibilizar suas tarefas tradicionais, disponibilizando-se ou sendo obrigados a disponibilizar-se a trabalhar com conteúdo de entretenimento (Libano e Kegle, 2016).

Não queremos, a partir desse debate, estabelecer qualquer juízo de valor, defesa ou ataque a respeito da prática tradicional do jornalismo ou da perspectiva mais contemporânea que se alinha à articulação entre informação e entretenimento. O que objetivamos, ao fazer uso desses conceitos, é mostrar como os aspectos raciais transitam e precisam ser apontados nesses espaços, pois entendemos que as críticas direcionadas a esse tipo de fazer mídia, via de regra, levantam problematizações relacionadas apenas às

[43] Queremos deixar explicitado que não é de nosso interesse e nem objetivo desta pesquisa tecer qualquer discussão teórica aprofundada sobre este tema.

condições de desfavorecimento social das populações periféricas, sem tocar nos enredos que abarcam o recorte de raça.

É de nosso interesse, portanto, somar a esta exposição de análise racial, referências outras que deem conta não só de expandir nossa perspectiva frente o debate de raça e racismo, no RJ MÓVEL, mas também apontar que, dentro desses conceitos pensados para refletir essas mesmas ideias vinculadas ao sistema de consumo capitalista e da indústria de massa, há uma elasticidade. Basta observarmos com um olhar mais apurado que possibilite pensar nesses termos conjecturas no campo das discussões raciais.

Gisela Castro (2012) faz uma análise sobre comunicação interpessoal de massa e o impacto inovador que esse formato agrega a partir da conexão entre cultura midiática e cultura de consumo. A estudiosa cita uma nomenclatura interessante para nomear a audiência que consome e/ou é consumida por essa trama da comunicação interpessoal: o "consumidor-fã".

Castro (2012) usa essa terminologia considerando a perspectiva do ambiente de comunicação digital. Ela cita canais do YouTube, redes sociais, etc. Estamos pontuando isso para elucidar o contexto de onde se colocam essas questões. E mesmo sabendo que, embora o RJ MÓVEL tenha um canal de comunicação online, via WhatsApp, por onde moradores/telespectadores também fazem contato para solicitar a vinda do quadro a seus bairros, nossa análise compreende um ambiente um pouco diferente, porém situado no mesmo "ecossistema comunicacional contemporâneo" (Castro, 2012), onde, de acordo com a teórica:

> Parece problemático ainda insistir em dicotomias como real/virtual, analógico/digital, material/ informacional, humano/pós-humano. Designar o tecnológico como instância artificial e separada da experiência humana, a qual só seria autêntica se fosse 'natural' nunca soou tão inapropriado e *démodée*. (CASTRO, 2012, p. 134, grifo da autora).

O chamado "consumidor-fã" é aquele usuário de redes sociais e canais de interação online que participam ativamente dando respostas, fazendo elogios ou reclamações, expressando opiniões a respeito de desejos e necessidades atendidos ou não diante de seus programas favoritos, produtos, marcas, bens de consumo (Castro, 2012; Libano e Kegle, 2016).

Nesse sentido, alertando para o real interesse, estratégico, na construção de um sujeito social, o consumidor-fã, sobre o qual o mercado, bem como os aparelhos midiáticos, se beneficia, podemos fazer, então, uma conexão onde este sujeito construído está representado no quadro RJ MÓVEL pela figura dos moradores. Esses, por sua vez, se veem como parte da equipe e/ou amigos da repórter, pois acabam assimilando os arquétipos pelos quais os fazem escravos (Fanon, 2008) - papéis caricatos, relegados à pessoa negra.

O RJ MÓVEL, como dito nas análises das categorias anteriores e retomado aqui para fins de comparação aos efeitos e produções de sujeitos criados pelas novas empreitadas do mercado e das mídias, encena todo um ambiente, um falso ambiente de parceria, de amizade e de intimidade que, atingindo seu objetivo de controle colonialista de dominação, acaba aprisionando sua audiência nas imagens e representações jocosas incorporadas no quadro.

Como exemplo desse imaginário exótico forjado em torno da pessoa negra, assim como também do ambiente em que ela vive , podemos citar a tabela 13 e a figura 30. Neste cenário, é possível visualizar a repórter usando sacolas de plástico nos pés, enquanto atravessa um lamaçal de mãos dadas com moradoras da localidade que estão, do mesmo modo, com os pés cobertos pelo plástico. Existe, portanto, uma exploração da condição relegada àquele território: a lama e a forma espalhafatosa de dar mais destaque a toda aquela situação de descaso.

De outra forma, há uma submissão imposta àquelas que pessoas que, como se não bastasse ter que enfrentar tais ocorrências corriqueiramente, ainda são expostas ao ridículo pela produção do programa e, claro, pela repórter, para dar mais destaque à gravação do quadro.

Detendo nossa atenção para estes lugares comuns produzidos, estrategicamente, pelo RJ MÓVEL, no que diz respeito à população negra, pobre e periférica, e ainda em diálogo com esse personagem, consumidor-fã, produzido pelas novas demandas midiáticas, podemos encontrar em Fanon (2008) apontamentos a respeito dessa estereotipia aplicada pelo branco ao homem negro.

Assim, destacamos a própria veiculação de imagens que o RJ MÓVEL, que faz questão de dar close na câmera, quase congelando as cenas, tanto no enfoque dado às gravações em meio aos cenários que hipervalorizam a condição de descaso, pobreza e

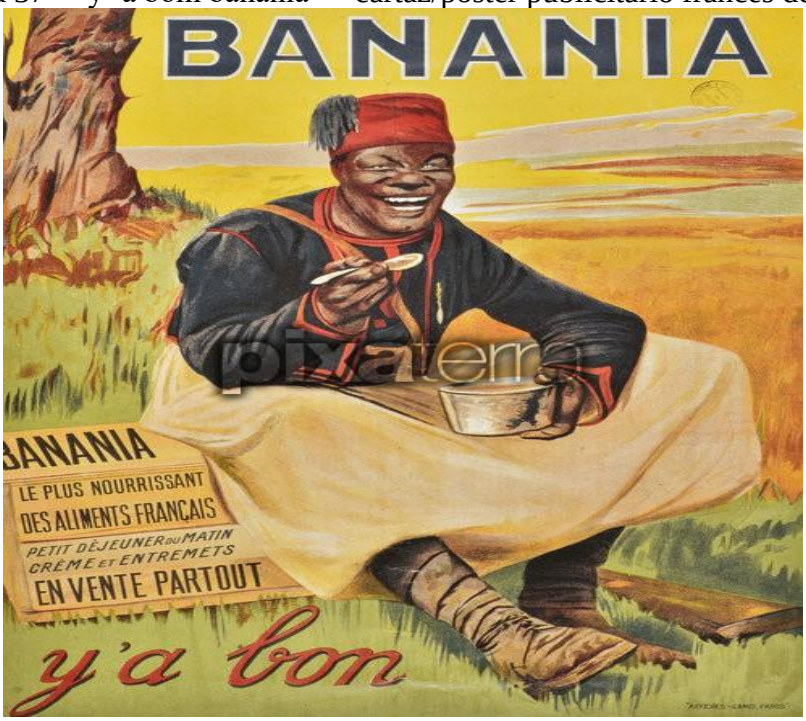
ausência de infraestrutura experienciados pela população, como também o ângulo propositado em cima- das caricatas expressões do moradores que, quando não são pegos de surpresa, são induzidos a aceitar determinadas personificações para, dessa forma, dar mais "credibilidade" ao quadro e, por fim, chamar cada vez mais a atenção da audiência.

3.5.2- Espetacularização Y' A Bon? - Y' A Bon Banania!

Para falar da Espetacularização da Negritude e da Pobreza, também faremos uma incursão ainda mais específica. Acionando um dado, cuja referência aproximadamente remete aos anos de 1912/1915, refletiremos a respeito de como as práticas racistas se reconfiguram e adaptam diante das mudanças do tempo, bem como das novas necessidades a que os grupos dominantes se deparam para manter seus espaços de privilégio. Assim, usaremos como paralelo um outro exemplo que Fanon (2008) traz à baila, o do negro tipo "y' a bon banania".

A expressão "y' a bon banania" está relacionada a material publicitário, confeccionado por um pintor/posterista chamado Giacomo de Andreis, por volta de 1915, cujo produto de venda era uma farinha de banana açucarada, inicialmente monopólio de Pierre-François Lardet, um banqueiro e também jornalista especializado em temas relacionados a ópera e teatro. Pierre, tendo feito uma viagem ao Brasil, em 1909, decide passar, antes de retornar à França, na Nicarágua. O país, naquele momento, atravessava uma guerra civil e, por isso, o jornalista decide se hospedar um tempo numa aldeia indígena. Lá, pela primeira vez, experimenta uma bebida feita pelas mulheres da tribo, cuja base seria a farinha de banana e, então, começa a pensar a sua "invenção".

Figura 37 - “y’ a bom banania” – cartaz/pôster publicitário francês de 1915



Fonte: Google Imagens

De acordo com informações contidas no livro de Jean Garrigues (1991) – *Banana, história de uma paixão francesa* –, o tal banqueiro não teria conseguido arrancar das mulheres indígenas a receita da bebida. Assim, o banqueiro teria tentado durante dois anos chegar à fórmula que experimentara na aldeia nicaraguense e, com ajuda de um farmacêutico, enfim, conseguiu produzir o que depois viria a ser durante mais de 50 anos uma das marcas do ramo alimentício mais conhecidas na França.

Essas informações expostas acima são importantes por trazerem dados que, juntos a outros, somam para entendermos toda a conjuntura em que foi lançado o produto. Aqui, podemos perceber que a linguagem escrita e nele contida, bem como as imagens do rifleiro negro senegalês sorridente, integram o grande chamariz de sucesso de venda e consumo do produto. Ainda, interessa dizer também como esses aspectos publicitários, comerciais e de marketing se assemelham às práticas midiáticas contemporâneas, da mesma maneira que correspondem a ações análogas às manobras colonialistas de dominação, sendo nosso corpus, RJ MÓVEL, um meio condutor destes mesmos expedientes.

O trecho da tabela 16, selecionado para análise, bem como a figura número 34, mostram uma semelhança absurdamente próxima ao contexto de estereotipia em que a

criação publicitária, o cartaz que traz o soldado senegalês comendo a farinha de banana, é produzida. Levando em consideração os aspectos que dialogam com a crença no negro subserviente, imbecilizado e sempre disposto a sorrir para qualquer situação, o homem negro que, no RJ MÓVEL, aparece vestido de palhaço repercute a mesma caracterização de zombaria. Sorriso largo, a repórter perguntando que tipo de maquiagem o homem está usando, só para vê-lo dizer que está vestido e maquiado de palhaço.

Retomando, o dito "y' a bon banania" também associa-se a uma fala que é atribuída como própria ao exército de soldados senegaleses, que lutavam em defesa das políticas da França. Para o senso comum, branco, eurocentrado, e numa perspectiva purista, racista e colonial, os soldados negros não falavam adequadamente o francês, de forma que sua linguagem não padrão era motivo de esteriotipações e chacota.

A partir daí e de outra situação que vamos expor em seguida, nasce o slogan da famosa farinha de banana. Contava-se uma lenda, uma estória em que um soldado senegalês ferido em combate, repatriado e, em seguida contratado pela fábrica de Banania em Courbevoie, tendo em mãos uma colherada da farinha, ao levar à boca e experimentá-la, teria dito, em sua linguagem "primitivizada": " y' a bon".

Essa anedota vem, antes, de uma concepção ainda mais colonial-paternalista, pois, aos soldados senegaleses, eram atribuídas características do chamado "bom-preto", aquele colonizado, eterno escravizado, sempre cordial, obediente e subserviente. Havia então uma outra expressão designada como representativa da fala desses homens soldados que, da mesma forma caricata, soava agradecida e contente com o pouco que lhe era concedido. Assim, conta-se que os soldados em qualquer situação, respondiam com um bajulador: "Y'a bon cuisine, y'a bon pinard, y'a bon capitaine", em tradução livre: "há uma boa comida, há um bom pinard[44], há um bom capitão".

Para os moradores assolados pela ausência de infraestrutura tão necessária à locomoção de suas atividades diárias, "Ter um bom capitão, uma boa comida e um bom vinho" é como ter uma obra finalizada, após a "parceria" do RJ MÓVEL. Assim, alguns quadros terminam com abraços, agradecimentos, bolo e música, bem no estilo caricato

[44] Apesar de ser considerada uma palavra de gíria, "pinard" tem uma origem mais nobre. Surge durante a primeira guerra mundial como sinônimo de vinho entre os soldados franceses (chamados de "poilus", ou peludos). Alguns dizem que está associada ao sobrenome de um fabricante de vinho da Bourgogne. Hoje em dia é usado correntemente para significar "nossa" bebida nacional, independente de sua qualidade. Disponível em: < http://www.francesfluente.com/o-que-significa-pinard/>. Acesso em: 13 out. 2017.

atribuído à população negra. De alguma forma, essas pessoas precisam se mostrar gratas pelo cuidado, solidariedade e atenção dispensados pela equipe do quadro. Na figura 36, por exemplo, podemos observar um bolo com a logo marca do RJ MÓVEL, feito como forma de agradecer e homenagear a repórter do quadro.

Existe outro aspecto que acompanha as ações do RJ MÓVEL que se conecta com a perspectiva da caridade sensacionalista. Assim, como posto em alguns momentos das análises de categorias anteriores, a repórter figura como alguém que é solidária à condição de miserabilidade daquelas pessoas pobres e abandonadas pelo Estado e, compadecida com tamanho descaso, resolve ou tenta resolver tais problemas.

Acontece que, para que tal benefício chegue a estes moradores, sem que eles se deem conta, muitas vezes existe uma exploração das imagens das localidades, de suas moradias como quando, por exemplo, a repórter adentra a casa das pessoas. Também é possível dimensionar esse cenário nos momentos em que o quadro se empenha, em busca de audiência, dar enfoque mais específico a determinadas cenas em par com a linguagem, verbal e corporal dramatizada pela repórter.

Nesse sentido, podemos apontar a seleção do quadro, exibido no dia 23/06/2017, onde, na tabela 12 e nas figuras 28 e 29, o enquadramento da câmera, juntamente com as falas da repórter, vão dar uma dimensão bem mais teatral de todo aquele cenário: a lama espalhada por todo trecho da rua impede a passagem da população, bem como o momento em que a repórter, em sinal de oração, se concentra para que o morador, seu Hailton, consiga atravessar a rua de bicicleta para vender seus produtos. Em seguida, é possível ver a repórter pulando e comemorando a travessia feita com sucesso pelo morador.

Assim, a repórter atua como “parceira”, “amiga solidária e caridosa” que, indo até os locais periféricos, não só consegue contato com as autoridades, mas se lança em meio àquelas dificuldades para “viver” toda aquela problemática enfrentada pelos habitantes daquelas localidades.

O recorte do dia 26/11/201(Ver tabela 15, figuras 32 e 33) também dialoga com essa mesma perspectiva que coloca o RJ MÓVEL e a repórter do quadro como os defensores dos direitos dos pobres, pretos e periféricos. O Estado, portanto, não cumpridor de suas obrigações passa a ser inimigo da população, amparada pela mídia. Nesse episódio, a repórter aparece deitada numa rede improvisada no meio de pilastras

de uma obra paralisada. Os moradores aparecem balançando essa rede. A repórter, que vai falando enquanto é balançada, vai denunciando o descaso e incitando, através da linguagem e do tom, a revolta dos moradores pela ausência de um representante da secretaria de infraestrutura que não aparece para gravar o programa e dar uma resposta à população.

Considerações Finais

A pesquisa inicia seu ritual de finalização, mas deixa a latente reflexão do quanto precisamos cada vez mais avançar nos debates e nos estudos de raça e racismo, além da desafiadora necessidade de se problematizar a supervalorização da identidade branca, seus privilégios correspondentes, bem como as questões relacionadas à mídia, aos discursos produzidos sobre a negra e o negro, a presença decisiva da linguagem no processo de constituição das representações e seus interesses.

A complexidade que envolve os pontos levantados neste trabalho, ainda com diversas lacunas, e sem que se tenha esgotado a possibilidade do debate, nos traz a sensação de que, para além das falhas, buscamos percorrer um caminho de descoberta de si como forma de interagir e contribuir com a coletividade.

Em nosso entendimento a discussão de raça e racismo, que tenha como prioridade trazer para o centro aquilo que move e sustenta a branquidade, entendendo que o discurso estético, social e psicológico relegado a memória e ao corpo negro, às populações negras, se constituem enquanto ferramenta poderosa sob a fórmula cruel do mesmo discurso que vê na diferença, ausência de humanidade e de direitos.

A branquidade enquanto condição que remete aquilo que é humano, diz quem são os "outros", porém permanece tranquilamente livre de qualquer marca, de qualquer sinal de que ela exista. O racismo denunciado pela população negra, figura como qualquer coisa de alucinação, resquício psicológico negativo de uma ancestralidade hereditária e geneticamente incapaz de progredir socialmente.

O interesse em produzir esse trabalho relaciona-se com a esperança de que enquanto população negra, ainda subalternizada e discriminada, nós possamos nos fortalecer a partir de um pensamento mais atento diante do poder daqueles que detêm os meios de produção da comunicação e usam de nossas fragilidades para obter lucro e mais privilégios na perpetuação de uma imagem ridicularizada da negra e do negro.

O quadro RJ-MÓVEL, corpus deste trabalho, figura muito bem e de forma característica ao que Muniz Sodré coloca a respeito da televisão e aao poder da mídia em relação a seu interlocutor, mesmo no compartilhamento de vivências e nas trocas. Ao tratar o *bios midiático* como algo que possui uma superfície rasa, nos mostra como o

quadro em questão, apesar de figurar como esfera da vida, não possui profundidade em sua completude, posto que tal qual um espelho, a mídia e, portanto, o RJ-MÓVEL, de modo semelhante refletem a população negra, mas a encerra numa rasa reprodução de exterioridade.

Através de práticas racistas, com atenção para ações de paternalismo quase colonial e caridade sensacionalista, o telejornalismo da Rede Globo, e de modo específico o nosso corpus, faz(em) um compartilhamento, uma troca que sabem ser necessária para o acontecimento da interlocução com a população atendida no quadro, no entanto, reproduz discursos absurdos de estereotipação tão conectados à imagem da pessoa negra, de modo que a naturalização de uma imagem ridicularizada se torne não um discurso inventado, mas a própria condição daquele grupo. Para Muniz Sodré:

> Um lado de pura aparência que permite contágio e refração infinitos: uma imagem remete a outra, que remete a outra, infinitamente, e até eu recebe-las já estou tão acostumado a elas que eu próprio sou a imagem. De qualquer forma, a mídia reduz o discurso do real histórico ao que é possível dentro da superfície do espelho. E é nessa redução da substância à sua imagem que há a transformação de mundo. (SODRÉ, 2012, p. 89).

Dessa forma o estudo que aqui nos propomos realizar sobre a mídia , dinâmica das comunicações e interações, embora partilhadas e compartilhadas entre os interlocutores, é pontual em seu diálogo com poder e representação do que é real, mas não necessariamente, aquilo que, de fato, é real.

Quando usamos Fanon(2008) para orientar nossa análise sobre o quadro e as ações empreendidas nele, direcionadas à população negra, estamos querendo não só dizer o quanto essas práticas racistas e paternalista, sob o espectro do regime colonialista, ainda hoje se perpetuam, como também mostrar que as representações de civilidade, humanidade e valoração identitária permanecem conectadas à pessoa branca.

Insistimos no debate de raça e racismo e na problematização do branco enquanto título de pureza humana, porque acreditamos nisso também enquanto a superação de nossas necessidades particulares – por ser negra e negro, e por estar em processo diaspórico. Nesse sentido, Stuart Hall nos chega de modo muito encorajador e sensível, sem deixar de primar também pelas questões teóricas, ao revelar que o enfrentamento epistemológico é uma via de resistência aos discursos hegemônicos e controladores, em

que somos cruelmente, enquanto população negra, encaixotados na hierarquização da sociedade. Para Hall o revide teórico, científico como resposta é uma maneira de tratar um "problema político e estratégico" (2006, p. 249).

Outro ponto significativo para a finalização desta pesquisa, orientada também pelas perspectivas dos Estudos Culturais, é de que tenha sido possível repensar a constituição das identidades da negra e do negro, para além da negação de sua potencialidade enquanto sujeitas e sujeitos de suas subjetividades e tradição, assim relacionadas pelo discurso dominante que coisifica, e também essencializa, silenciando as diferenças.

Quando a mídia, na figura do RJ MÓVEL e da repórter do quadro, Susana Naspolini, objetifica a população negra, a quem trata de modo infantil e exageradamente íntimo, encerrando-a na clausura coisificada da imagem atribuída à negra e ao negro incivilizados, que não sabendo falar, - dança, sorri largamente e faz festa para comemorar a rua asfaltada – está criando uma imagem, cujas verdadeiras dimensões permanecem escondidas, para manter o discurso de controle.

As categorias que usamos, então, para direcionar nossa análise do quadro, denunciam o quanto ainda são movimentos racistas, diluídos no sensacionalismo caridoso e "profissional" do jornalismo, que se diz comunitário por entender que tem o poder de "dar voz ao povo", quando na verdade aprisiona esse grupo.

O paternalismo-racista que se reveste de gentileza e amizade forçada, a ridicularização e a infatilização da pessoa negra, e ainda, a espetacularização dos espaços suburbanos e periféricos são os pontos que buscamos dimensionar com mais ênfase a partir do que mobiliza Franz Fanon, em Pele Negra, Máscaras Brancas, diante da experiência da psique do colonizado que atravessa a experiência da aventura colonizadora do homem branco.

Diante de nossas análises, com base na transcrição de trechos de quadros gravados, percebemos, mais uma vez, que ao fazer uso de sua branquidade, a pessoa branca vê-se como alguém que cumpri um dever, uma missão civilizatória. Assim, a repórter do quadro perpetua vários estigmas racistas, incorporando sempre a sua personalidade e características uma *amabilidade artificiosa*, vez em sempre, acompanhada daquele famoso tapinha nas costas sem falar nos abraços e na codificação da linguagem.

Ancorando-nos nas questões a respeito das dimensões da branquidade, pontuadas por Maria Aparecida Bento(2002) é possível estabelecer uma comparação às cenas do RJ-MÓVEL, reparando como as ações praticadas pela repórter do quadro dialogam com esse silencio por parte das pessoas brancas em relacionado a sua condição privilegiada na sociedade.

Assim, é que a repórter sente-se tão vontade para não só se manter afastada dessa discussão que problematiza sua condição privilegiada de mulher branca, mas também para manter o "investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais." (BENTO, 2002, p. 2).

O lugar de representação, ocupado pela repórter do quadro - a defensora, porta-voz dos problemas da população negra, aquela que sabe como tratar os negros, como lidar com eles em suas particularidades específicas de serem o "outro" (Fanon, 2008) - em tudo remete à relação de correspondência entre o modelo ideal de humanidade (Bento, 2002) e a pessoa branca como seu representante.

Também foi nossa preocupação tentar responder o quanto a mídia e o trânsito da linguagem funcionam como instrumento modalizadores, de controle e dominação, que orientam e condicionam realidades e os próprios modos de representação tanto da negra e do negro, como dos brancos, e claro, de formas substancialmente opostas.

Quais identidades correspondem ao exemplo de civilidade? Quem se apresenta no cenário como o "outro", o diferente, o estrangeiro, ainda que estando em seu território: nas periferias do Leste Metropolitano ou na Baixada Fluminense – uma metáfora do processo de colonização. Assim, recorremos a Hall como forma de dar acolhimento teórico e respaldo particular à nossa condição de população negra afetada pela simbólica relegada as nossas identidades:

> As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de forma tal que

> seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos –nós/eles(..); eu/outro. (HALL, 2009, p. 40).

Assim, podemos afirmar que esta pesquisa se compromete, até a sua finalização, em problematizar a branquidade, repensar a mídia, o processo de linguagem e a dominação estética, social e psíquica, como elementos dinamizadores dos conflitos raciais a partir de uma lógica de representação que preza por um modelo pleno de humanidade, concentrado no padrão fenotípico da pessoa branca.

Para tanto, localizamos nas nossas análises, ações e relações paternalistas, racistas e colonizadoras - praticadas em chamadas ao vivo ou tapes gravados pelo quadro RJ-MÓEL - orientadas pelas categorias mobilizadas por Fanon (2008), ao refletirmos diante dos processos que envolvem a "amabilidade artificiosa", a "primitivização do negro" e espetacularização da negritude e da pobreza.

Indicamos práticas racistas com bases nessas categorias ao denunciar a mídia telejornalística - o RJ-MÓVEL – ao problematizar os privilégios da branquidade, bem como suas investidas sobre a imagem da população negra, de forma que as consequências dessas representações de esteriotipia e negativização das identidades do povo negro são os desdobramentos das desigualdades sociais e o racismo, por sua vez, resultado, exatamente, dessas relações de opressão e supremacia racial que vê entre os indivíduos.

Referências

A luta pelos direitos civis. De Abrahan Lincon a Martin Luter King. A reconstrução e a segregação. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/martin_king4.htm>. Acesso: 05/04/2017

AFRO & ÁFRICA. **Simbologia Adinkra**. Disponível em: <http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2012/02/aya-simbologia-adinkra.html>. Acesso: 05/03/2017

AJZENBERG, B.; MEDEIROS, Hildézia. R. A Imprensa e o racismo. In: RAMOS, Silvia. (org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

ALAKIJA, Ana. Mídia e identidade negra. In: BORGES, Carlos Roberto da Silva; BORGES, Rosane (Orgs.). **Mídia e Racismo.** Petrópolis, RJ: DP e Alii: Brasília, DF, ABPN, 2012.

ALAKIJA, Ana. Mídia, poder, democracia e etnia. IN: CONCEIÇÃO, Fernando. (Org.). Educação Comunicação Globaritarismo a partir do pensamento de Milton Santos. Salvador: Edufba, 2008.

ARAUJO, Helyenay Souza. IN: Etnografia da Recepção: que contribuição esse recurso metodológico pode dar aos estudos sobre a recepção? Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3287-1.pdf> Acesso: 3/08/2017

ARAÚJO, Valéria M.S.V.B. **OUTRAS NOTÍCIAS VIRÃO LOGO MAIS: A construção da serialidade nos telejornais diários da TV Globo**. Salvador, 2012. Disponível <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8356/1/Val%C3%A9ria%20Vilas%20Boas.pdf> Acesso: 12/09/2017

AZEVEDO, Celia Maria Marinho. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites--século XIX**. Annablume, 1987.

BACELLAR, Luciana. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005

BENTO, Maria Aparecida. **Branqueamento e Branquitude No Brasil**. Parte 1,2,3,4 e 5. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAexxUAB/branqueamento-branquitude-no-brasil>. Acesso: 20/11/2016

BORGES, Rosane da Silva. Mídia, racismos e representação do outro: Ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, Roberto Carlos da Silva. **Mídia E Racismo**. Petrópolis, RJ: DP e Alii ; Brasília, DF: ABPN, 2012

CAMPOS. Haroldo de. **Galáxias: Isto não é um livro de viagem**. São Paulo: Editora 34, 2001. 3°Edição.

CARDOSO, Lourenço. **Retrato do branco racista e anti-racista**. 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1279/1055>. Acesso: 15/11/2016

CHARAUDEAU, Patrick. O que é a opinião pública?. In: **Opinião Pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.
Coletivo Cultural Sankofa. **Sankofa – Símbolo Adinkra**. Disponível em: <https://ccsankofa.wordpress.com/2012/09/01/sankofa-simbolo-adinkra/>. Acesso: 05/03/2017.

COUTINHO, Eduardo Granja. Hegemonia e linguagem: clichês midiáticos e filosofia das massas. In: **A Comunicação Do Oprimido E Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Mórula, 2014.

COUTINHO, Iluska. QUEIROZ, Caio Cardoso. In**: Aproximações e distanciamentos dos discursos do manual de jornalismo da EBC e dos princípios editoriais das organizações Globo.** Disponível em: <http://www.ufjf.br/laboratoriodenarrativas/files/2013/08/R38-153>.

DAVIS. Angela. **Mulher, Raça E Classe.** São Paulo: Boitempo, 2016

DELEUZE,G.;GUATTARI,F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.3. São Paulo: Editora 34. Disponível em: <http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/Gilles-Deleuze-Mil-Plat%C3%B4s-Vol.-3.pdf>. Acesso:10/02/2017.

FANON, Franz. **Os Condenados Da Terra**. UFJF, 2010.

_____. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. EDUFBA, 2008.

FRANÇA, V. **O acontecimento e a mídia**. Galáxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

GLOBO.COM. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/programacao.html#20170407529717>. Acesso: 08/03/2017

Grupo Globo. Disponível em <http://grupoglobo.globo.com/> Acesso: 20/11/2017

HALL, Stuart. Racializando o "Outro". In: **Cultura E Representação**. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016

História do Grupo Globo. Disponível em <http://historiagrupoglobo.globo.com/hgg/index.htm> Acsso: 20/11/2017

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. in: **Dialética do esclarecimento/ fragmentos filosóficos.** Max Horkheimer & Theodor Adorno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.
Introdução aos Novos Medias. Disponível em:

<https://digartmedia.wordpress.com/2015/04/08/mcluhan-o-meio-e-a-mensagem-2/>. Acesso: 12/10/2017

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
Jornalismo Colaborativo: o cidadão repórter e a alteração do processo jornalístico. Disponível em:
<http://culturaderede.pbworks.com/w/page/9823253/Jornalismo%20colaborativo%3A%20o%20cidad%C3%A3o%20rep%C3%B3rter%20e%20a%20altera%C3%A7%C3%A3o%20do%20processo%20jornal%C3%ADstico >

LOPES, Joyce Souza. **Pontuações e proposições ao branco/a e à luta antirracista: ensaio político-reflexivo a partir dos estudos críticos da branquitude.** Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v11_joyce_GV.pdf
Acesso: 12/02/2017

MATTOS, Sérgio. **Um Perfil da TV Brasileira.** Salvador: À Tarde, 1990

MEMÓRIA ROBERTO MARINHO. Disponível em: http://www.robertomarinho.com.br/vida/familia.htm. Acesso: 08/03/2017.

RJTV: MemóriaGlobo. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/rjtv/rjtv-rj-movel.htm > Acesso: 20/11/207

MENEZES, Suzaneide Ferreira da Silva. A MIDIA TELEVISIVA E SEUS IMPACTOS NA FORMAÇÃO DE OPINIÃO E NA COMUNICAÇÃO ENTRE AS PESSOAS. Disponível em
< http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoE/1579291b0e7dd6d59098Suzaneide_Menezes.pdf> Acesso: 09/09/2017

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. Editora Autêntica, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Estratégias sensíveis: Afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. As Estratégias Sensíveis: afeto, mídia e polílica. Peetrópolis: Vozes, 2006. Disponível em: <https://kupdf.com/download/as-estrat-eacute-gias-sens-iacute-veis-muniz-sodr-eacute-cap-1-e-2_58cebbd9dc0d60b829c34606_pdf> Acesso, 01/02/2018
Disponível em: <https://educomunicacao.wordpress.com/2006/10/31/bios-midiatico-segundo-muniz-sodre/ > Acesso:

NASCIMENTO, Abdias. (org.). **O Genocídio Do Negro Brasileiro/; Processo De Um Racismo Mascarado.** São Paulo: Perspectivas, 2016..

OLIVEIRA, Plinio Corrêa de. Choque de civilizações – a Cruz vesus o crescente. Disponível em: < http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=925CB574-E5E6-C10B-6BC3BD32F8B57F67&mes=Fevereiro2016>. Acesso: 02/04/2017

OLIVEIRA, Janine Pereira Falcão. **CIDADES DE UMA CIDADE: ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DISCURSIVAS QUE NARRAM SALVADOR NO BAHIA MEIO-DIA** . Salvador, 2014. Disponível < https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22219/1/OLIVEIRA_JANINE_DISSERTACAO_CIDADES_DE_UMA_CIDADE_POSCULTURA_IHAC_UFBA_2014.pdf > Acesso: 12/09/2017

Pombo, Olga. IN: Pombo, O. (org.). ***McLuhan. A Escola e os Media,*** **1º Caderno de História e Filosofia da Educação, Lisboa:** Editora - Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa. Disponível em < http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/cadernos/mcluhan/estudo_mcl_olga.pdf >. Acesso em 04/12/2017

Princípios Editoriais das Organizações Globo. Disponível em <http://www.acmcomunicacao.com.br/wp-content/midias/Principios-Editoriais-das-Organizacoes-Globo.pdf> Acesso: 20/11/2017

RAMOS, Alberto Guerreiro. Patologia Social Do "Branco" Brasileiro. In: **Introdução Crítica À Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. Disponível em: http://docslide.com.br/documents/patologia-social-do-branco-brasileiro-guerreiro-ramos.html. Acesso: 10/02/2017

REPORTAGEM, **"Globo Domination"**, disponível em: http://econ.st/1hsxYZU. Acesso em: 15/03/2017

REPORTAGEM: **"Escaping Realith With Brazil's Globo TV"**, disponível em: http://nyti.ms/1GVnpeM. Acesso em: 15/03/2017

SÁ, José Carlos Vasconcelos. Muniz Sodré. 2002. Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. IN: Revista Interacções. Sociedade E as Novas Modernidades. Lisboa. N°4, p. 152-153, abr. 2003.

SAID, Edward W**. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: daslinhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.,MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra; Editora Almeidina SA, 2009. file:///C:/Users/Marcia/Downloads/Epistemologias%20do%20Sul%20(1).pdf

SILVA . Rodrigo Carvalho da. In: História do Jornalismo: **Evolução e transformação.** Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2012/julho/historia_jornalismo_evolucao.pdf> Acesso: 05/08/2017

SILVA, Daniel Ribeiro da. In: **Adorno e a Indústria Cultural**. Quadrimestral: ANO I - N° 04 - Maio de 2002, Maringá/PR

SILVA, Tomaz Tadeu Da. (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Editora Vozes, 2009.

SHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** Disponível em: http://www.academia.edu/1808229/Entre_o_encardido_o_branco_eo_branqu%C3%ADssimo_ra%C3%A7a_hierarquia_e_poder_na_constru%C3%A7%C3%A3o_da_branquitude_paulistana

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In: WARE, Vron. (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode O Subalterno Falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMPSON John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995

THUTH, Soujourner. **"Aint' I a woman?".** Tradução: E não sou uma mulher?. Ohio, 1851. Disponível em: http://kandimbafilms.blogspot.com.br/2013/02/nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth.html
Acesso: 05/03/2017

VILLEN, Patricia. **Amílcar Cabral E A Crítica Ao Colonialismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

WARE, Vron. (org.). Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

Anexo A - Tabela de marcações

.	(Ponto Final)	Entonação descendente
?	(Ponto de Interrogação)	Entonação ascendente
,	(Vírgula)	Entonação de continuidade
Palav-	(Hífen)	Marca de corte abrupto ou não
Pala::vra	(Dois Pontos)	Prolongamento do som (maior duração)
paLAvra	(Maiúsculas)	Palavra ou sílaba muito enfatizada
((Palavra))	(Parêntese Duplo)	Descrição de atividade não verbal
“Palavra”	(Aspas)	Fala relatada
( )	(Parêntese Vazio)	Fala que não pode ser transcrita
(...)	(Reticências)	Ideia por terminar/Continuidade de ação ou fato subentendido/ Hesitações na oralidade.